

ANO XIX
Nº 138

PUBLICAÇÃO DE

EDICÔES



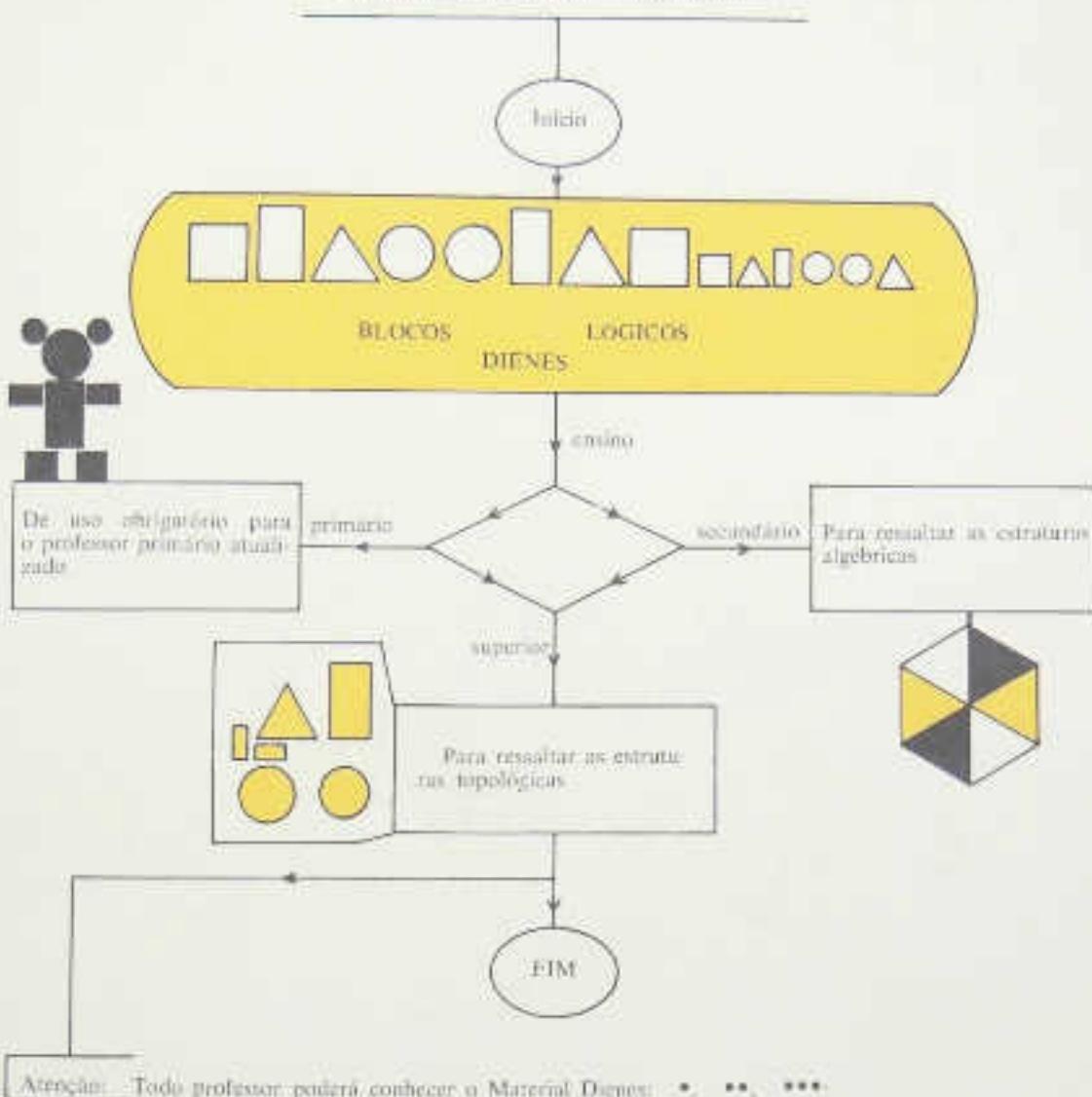
Museu



REVISTA DO ENSINO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE DO SUL

★ Quando pensar é divertido...
★ Jogos "de verdade" para todos

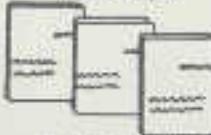


Atenção: Todo professor poderá conhecer o Material Dienes: •, **, ***.

• BLOCOS
Cr\$ 55,00



** LIVROS
Cr\$ 32,00



Lógica e Jogos Lógicos
Conjuntos, Números e Potências
Exploração do Espaço e Medida
Pensar é Divertido — S. Kothe

*** Professores para:
EDICOES TABAJARA LTDA.
Rua Sta. Ifigênia, 72 — 1º andar — Fone: 33-1249
e 34-0396 — São Paulo

LIVRARIA TABAJARA S/A.
Rua dos Andradas, 1774 — Fones:
24-7875 e 24-7124 — Porto Alegre

PROFESSOR

ALERTAMOS aos professores se acautelarem na tomada de assinaturas da Revista do Ensino, sobretudo quando tiverem que efetuar o pagamento na ocasião a pessoas NÃO CONHECIDAS que se apresentarem como agentes, viajantes ou revendedores. Todos os nossos AGENTES, VIAJANTES, REVENDEDORES, possuem CREDENCIAIS DE IDENTIFICAÇÃO fornecidas por nossas firmas de Porto Alegre e São Paulo. Na dúvida, não efetuam pagamento, dirigam-se por correspondência aos nossos endereços referidos dando e solicitando informações, ou façam passe bancário do valor.

Os EDITORES

NESTE NÚMERO:

Direção Técnica
PORTO ALEGRE — RS
Av. Borges de Medeiros, 1724 - 12.º andar

Fundadora: Prof. Maria da Lourdes Grimaldi
Diretora: Prof. M. M. Megacevski Lutzscheger
Assistente: Prof. Flávia Maria Ribeiro

Redatores e Revisores: Prof. Edmundo Müller
Prof. Dr. Luiz Miller Popp
Prof. Mário Soárez Aramburu
Prof. Nilda Catarina Almeida
Prof. Edmundo Vianey
Prof. Vilmar Faggin

Bibliotecária: Prof. Rose Maria Gleder Müller
Planejamento e Ilustração: Prof. Dr. R. Ferreira
Prof. Nilda G. Haertel
Myriam Tabajara

Supervisão Técnica: Unidade de Pesquisas e Orientações Educacionais (UPE) — uniglo Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais e da Execução Educacional (CPEE) — SEC — RS.

PUBLICAÇÃO DE



Directores:
Olimpio Tabajara
Joel Tabajara

Periodicidade — 8 números anuais

Assinatura 1972 Cr\$ 60,00

Os pedidos de exemplares e remessa de numerário devem ser feitos em nome de Edições Tabajara — Rua Pelotas, 334 — Vila Matilde — Fone 70-2680 São Paulo e Andrade, 1724 — Porto Alegre RS, por CHEQUE VISADO OU VALOR DECLARADO pagáveis no endereço acima indicado.

Reprodução total ou parcial de qualquer texto publicado pela REVISTA DO ENSINO é vedada de acordo com a lei.

On désire établir l'échange avec revues similaires.

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.

We wish to establish exchange with all similar publications.

Tiragem deste número 52.000 exemplares



Composta e impressa na
Sociedade Brasileira de Imprensa

CAPA: Composição de Nilza Grau Haertel

SUPLEMENTO DIDÁTICO:

CONHECENDO NOSSA HISTÓRIA: INDEPENDÊNCIA (1822)

REPORTAGENS — NOTÍCIAS

- 6 — Destacando uma Escola Paulista
- 9 — Anne Frank, uma Escolinha Moderna onde a Música substitui a Sinfonia
- 58 — NOTICIANDO — Revista do Ensino: 20 anos Dirigidos ao Professor Brasileiro — XVIII Festival de Desenho e Pintura ao Ar Livre — Exposição "Porto Alegre Vista pela Criança" — Natal Unindo os Povos

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

- 17 — EDUCAÇÃO NO JARDIM DA INFÂNCIA — Páscoa: uma data sempre festiva
- 29 — CAIXINHA DE RIMAS — Cordeirinho — Passarinho — Um Coelho.

ENSINO FUNDAMENTAL

- 2 — REFORMA DO ENSINO — Novos Caminhos para a Educação
- 12 — Menino ou Menina? Pode a Educação Exercer sua Influência na Definição do Sexo?
- 21 — Sinos da Páscoa (Música)
- 22 — Em vigor a Reforma Ortográfica
- 23 — Fundamentos dos Estudos Sociais
- 30 — O Emprego dos Demonstrativos
- 32 — OBSERVE... EXPERIMENTE... CONCLUA... — Fazendo e Desfazendo Misturas
- 36 — Distúrbios de Comportamento do Deficiente Mental
- 38 — RUMOS A BOA ALIMENTAÇÃO — Carência Protéico-Calórica — II
- 39 — A União Pan-Americana
- 42 — TEATRO INFANTIL — A Independência
- 45 — Sesquicentenário da Independência
- 47 — LITERATURA INFANTIL — Você sabia que...
- 49 — SAÚDE É IMPORTANTE — As Vermosas
- 52 — Raios Ultravioletas
- 56 — CANTINHO DAS NOVIDADES — Mais Saúde para Nossas Crianças
- 61 — PAINEL DO MÊS — Do Descobrimento à Independência
- 62 — COMO APROVEITAR O SUPLEMENTO — Conhecendo Nossa História: Independência (1822)
- 63 — LITERATURA BRASILEIRA — José de Alencar

R. Ens.	Porto Alegre	v. 19	n. 138	p. 1-64	mar. 1972
---------	--------------	-------	--------	---------	-----------

NOVOS

Considerações básicas

Assiste a humanidade, atualmente, o nascimento de um mundo diferente, no qual novas perspectivas se apresentam, envolvendo novos deveres e novas responsabilidades. Mundo inquietante, grandioso, imprevisível e cheio de esperanças.

O mundo planetário de hoje já não é o que foi ontem e o amanhã nos encontrará desarmados, se não nos conscientizarmos, lucidamente, da evolução acelerada.

As gerações se sucedem. E as experiências de umas vão enriquecer o trabalho de outras. Através dos anos, os indivíduos tem contribuído para o progresso e desenvolvimento da humanidade.

Falar em desenvolvimento humano é falar em Educação. É o homem um ser que tem como especificidade o poder de educar-se. Caracteriza-se por estar sempre se fazendo, nunca realizado inteiramente. O homem é um ser que se transforma constantemente, inserido numa realidade que também se transforma. A educação visa orientar esse homem na realização pessoal, em busca de sua finalidade. Educar é construir para o infinito.

Ação educativa e tempo humano sempre se vincularam estreitamente. Crenças populares, de sentido empírico e não científico, norteavam a Educação em um passado já superado. Naquela realidade contextual, os conhecimentos tinham raízes na sabedoria convencional de cada cultura. Sem procurar atender ao ritmo e às necessidades de sua época, os professores, em sua grande maioria, viam ensinando assim como haviam

sido ensinados, fazendo de seus alunos elementos passivos, tolhidos em sua capacidade de adaptar e mudar.

Esse procedimento não assumia maior gravidade, porquanto:

- a ciência não embasava, necessariamente, a ação humana, muito menos as matérias de estudo;
- a tecnologia não estava presente para implementar a ciência.

Era a Filosofia o centro irradiador a dirigir toda a atividade educacional. No momento em que a Ciência da Educação, com uma perspectiva de estudo da realidade, fundamenta-se em teorias científicas, o interesse humano pelos conhecimentos reformula-se.

A Educação, realmente, deve ser focalizada como um processo de transmissão da herança cultural, mas deve principalmente adaptar-se, da maneira mais rápida possível, às transformações tecnológicas que o mundo testemunha, sob pena de transferir, às gerações mais novas, instrumentos inadaptados às finalidades procuradas pela sociedade moderna.

Consequentemente o que a Educação pode fazer é ajudar o homem a preparar-se, através de adequados sistemas críticos, para reformular atitudes e ideais que, especificamente, entram em jogo quando surgem as mudanças.

Educar é criar necessidades novas, o que exige a participação ativa, dinâmica, de todos os integrantes do sistema de educação, dentro da realidade presente.

Sem a participação de todos, jamais alcançaríamos os objetivos de compatibilizar a Educação com o desenvolvimento. Desenvolvimento traz em si um processo de mudança e a educação nacional, nos dias de hoje, há de ser um instrumento válido para que esse processo se realize.

A educação de um país não pode ser, senão, o produto das especulações e das soluções que ele mesmo deve elaborar, pois é ela a resultante de uma série de fatos e fatores próprios. Os sistemas nacionais se estruturam e se desenvolvem como consequência desses fatores. As reformas ou reestruturações dos sistemas e a solução para os problemas específicos de cada país devem caber, em última instância, aos técnicos por ele formados.

Todo o sistema educacional se fundamenta em um conjunto de idéias ou princípios filosófico-pedagógicos, formulados expressamente ou não, mas existentes e operantes, visando objetivos e valores essenciais a cada Nação ou Estado.

Educar não é apenas prever as necessidades sociais, mas preparar os jovens para o imprevisível. O enfoque principal da Educação, a fim de atender as exigências de um mundo, em constante mutação, visa desenvolver a capacidade de resolver problemas, conduzindo a flexíveis esquemas de assimilação de características operacionais, e não de respostas aprendidas. Quanto mais hábitos intelectuais fixos e mais poder de adaptação a situações novas tiver o educando, mais preparado estará para a vida.

Os vários grupos dos quais participam crianças ou jovens, exigem um desempenho diversificado e, muitas

CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO

vezes, inesperado. Isso porque o progresso da ciência e da tecnologia põe, a cada momento, diante deles, problemas ou soluções novas, solicitando-lhes readaptações constantes.

Assim como a Educação acompanha o evoluir dos tempos, um processo de atualização contínuo e crescente, da mesma forma o ensino, em consonância com a época, conceitua-se diferentemente. Ora ciência, ora arte, também conceituado como técnica, o ensino passa a ser, em determinado momento, direção técnica da aprendizagem. Como orientação da atividade do aluno, assume um sentido direcional, constituindo-se em um dos elementos essenciais do ato de aprender.

A consequência das transformações faz com que as instituições de natureza educativa não cessem de ajustar-se. Não só se ajustam e reajustam como, por sua própria condição, constituem-se em experiências cujos resultados pedem análise continuada. Ensino, assim, é um processo de revisão permanente, que envolve confronto, debate, participação, distribuição de responsabilidades.

O importante é que se encontrem meios de estimular a formação de elementos capazes de corresponder aos verdadeiros anseios da realidade circunstancial. O ensino, portanto, deverá oportunizar o trabalho criativo, dando ao estudante condições profissionais que sejam, ao mesmo tempo, um meio de ganhar a vida e um incentivo para as reais inclinações e interesses de ordem intelectual.

Princípios norteadores da Reforma de Ensino

O Brasil é uma das potências que constituem o mundo democrático. Os brasileiros, em sua concepção de vida, nunca deixaram de salientar os aspectos éticos e morais, bem como sempre ressaltaram os princípios de liberdade e solidariedade humanas. Isso implica na valorização do homem em uma perspectiva humanística, ao mesmo tempo em que se coloca a ação do Governo nas linhas diretrizes da doutrina cristã.

Essas idéias estão consubstancialadas no artigo 176 da Constituição Brasileira, quando diz que **a educação é um direito de todos**.

Todo o direito pressupõe uma responsabilidade, um dever. Assim, se é dever do Estado dar cumprimento às determinações constitucionais, também a família, as entidades privadas, a comunidade em geral, são responsáveis pela conjugação de seus esforços no sentido de **promover e incentivar** a tarefa educativa. Essa tarefa está a exigir o envolvimento de todas as forças vivas do País, no sentido de sua participação nas reformas que se impõem, para atender às necessidades crescentes e cada vez mais complexas da vida moderna.

Expressão que é das aspirações do povo brasileiro, cabe ao Governo propiciar o maior número de oportunidades, a fim de que possa o cidadão realizar-se, valorizar-se e efetivar seus ideais de afirmação como pessoa. Preocupa-se, portanto, não só com o progresso material, mas com a equitativa distribuição de riquezas do País, tendo em vista o atendimento do homem em todas as suas dimensões.

Por isso, os objetivos da educação brasileira voltam-se para a formação de uma consciência nacional. Visa-se preparar homens capazes de definir e vivenciar os valores de nossa sociedade, bem como prepará-los para a tomada de decisões fundamentais, adequadas, que tornem consistentes esses valores.

Assim, o Governo tem como uma de suas grandes metas prioritárias a Revolução na Educação. Instrumento-base para a concretização desse movimento renovador é a Lei 5.692/71, que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e que apresenta como "idéia dominante instituir uma escola unificada pelo que há de comum e diversificada pelo que é ou deve ser diferente".

A nova Lei promove uma unificação não só no espaço, refletindo diferenças locais e regionais, como igualmente em uma perspectiva de tempo, "ensejando que por um longo período, a partir de agora, as mudanças possam operar-se como que automaticamente, sem novas providências legislativas."

Essa Lei — bem como as demais leis referentes à Educação, no Brasil, — expressa, em seus conteúdos, os princípios que norteiam toda a ação governamental.

Entre esses princípios destacam-se os seguintes:

Unidade e integração — Princípios que se traduzem em promover a conjugação de esforços entre Governo e comunidade, envolvendo a família e a escola, e comprometendo o povo a participar, efetivamente, do investimento que faz em si próprio.

Flexibilidade — Refere-se à abertura de maiores possibilidades educacionais, através da diversificação de currículos, para atender, conforme as necessidades e possibilidades concretas às peculiaridades locais, aos planos dos estabelecimentos de ensino e às diferenças individuais.

Atualização — Estreitamente relacionado ao princípio de flexibilidade,

o de atualização se refere à necessidade de renovação constante, tendo em vista preparar indivíduos que promovam as mutações que desencadearão o desenvolvimento nacional.

Continuidade e terminalidade —

Relacionam-se ao fato de que, em consonância com a filosofia norteadora da Reforma do Ensino, o 1º e 2º graus são para o educando uma base cultural, o que lhe permite continuar seus estudos em nível superior. Já o ensino no 2º grau é profissionalizante, oportunizando ao aluno seu ingresso, se for o caso, na força de trabalho.

Compatibilização — Refere-se à adequação do processo educativo da criança e do adolescente às metas do desenvolvimento brasileiro. Diz respeito, ainda, ao ajustamento entre propósitos educacionais em planejamentos a nível federal, estadual e municipal, condição básica para tornar realizável o que foi ideado.

E tudo isso com o grande princípio democrático da:

Liberdade — Este princípio se substancia na oportunidade que dá:

- à **família** o direito de escolher o tipo de escola que deseja para seus filhos;
- à **escola** autonomia na elaboração de seus currículos e na seleção de métodos e processos educacionais;
- ao **professor** o direito de realizar seu trabalho em coerência com sua opção profissional;
- à **entidade privada** o direito de instalar e manter agências educacionais.

Em consonância com a filosofia que orienta os propósitos governamentais em âmbito nacional, a Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul tem, como meta prioritária, iniciar efetivamente a implantação de um sistema educacional

estadual, capaz de servir de suporte à Reforma.

Chegar a essa Reforma não foi tarefa fácil.

Constatava-se uma realidade educacional consolidando a rotina e a estagnação, incompatíveis com as necessidades do desenvolvimento econômico e o progresso social. Estabelecia-se um grande descompasso entre o avanço da sociedade e da técnica e o sistema educacional,

Esta situação forçou uma tomada de posição, obrigando à revisão da estrutura não só dos órgãos administrativos e normativos da educação como também no próprio sistema educacional. Foi necessário criar mecanismos estruturais — orgânicos e funcionais — a fim de servirem de base para a Reforma do Ensino.

Não há, portanto, razão para angústia ante o futuro da Educação, uma vez que não faltam, no campo das idéias e das concepções, firmeza e criatividade. É necessário apenas que, à decisão de iniciar este esforço, siga-se o desejo racional de atingir o objetivo proposto e o de que se aperfeiçoem os padrões de execução, vigentes em nossos setores educacionais.

Para isto, é preciso retreinar o magistério, a fim de que o professor esteja esclarecido, informado, pronto para participar da implantação da Reforma do Ensino. Este retreinamento visa, principalmente, a valORIZAÇÃO do magistério e é um processo de educação permanente.

A Escola em uma nova dimensão

A educação brasileira tem procurado responder aos desafios modernos, impostos pela democratização crescente do ensino, pelas características do mercado de trabalho e pelas demandas da sociedade industrial emergente.

A democratização evidencia a necessidade de que as escolas vivam os problemas que interessam à comunidade e participem de suas soluções.

Investir em Educação é aplicar recursos naquele homem que, ao se educar, cresce pessoalmente e desenvolve habilidades para o trabalho, adquiridas através de um treinamento específico, de caráter pedagógico. Os benefícios desse investimento, além de promoverem o homem socialmente, qualificam-no para operar em seu grupo social que irá, assim, crescer e desenvolver-se economicamente.

Modifica-se, portanto, fundamentalmente, a formulação da política educacional, que se enriquece com um novo componente de caráter econômico. Se quisermos que o homem cresça, não apenas como pessoa humana, mas como elemento participante e atuante no mundo em que vive, capacitado a enfrentar e resolver os problemas que o dinamismo da vida de hoje lhe apresenta, os educadores terão de se voltar não só para o conhecimento em si — como necessário à melhor compreensão da vida — mas também transformar esse conhecimento em um instrumental para o próprio trabalho, que precisa ser cada vez mais científico e tecnicamente qualificado.

As autoridades governamentais, em uma ação efetiva, preocupam-se em atender às necessidades básicas e às solicitações educacionais mais urgentes, para solução de problemas vitais, atualizando a ação da escola e evitando o risco que essa se aliene em atividades desprovidas de real significação.

Se o processo educativo está sempre ligado a preocupações temporais e espaciais, as instituições escolares, obviamente, devem se ajustar a essas coordenadas de época e local.

O educando de hoje precisa ser preparado para enfrentar situações novas, empregando, principalmente, sua criatividade e originalidade. Assim sendo, a educação permanente é cada vez mais uma realidade, não se podendo dizer que a escola atual seja uma preparação para a vida, entendida em seu sentido estático.

A escola fechada em si mesma é incompatível com a atual política de Educação de nosso País. Deve a es-

cola ser um fator de integração e promoção humana, aberta à comunidade, para que todos os elementos comprometidos com os destinos da Nação sejam forças positivas, operando na consecução dos altos fins que a política educacional aponta.

Assim, a escola, no atual conceito, não é somente o prédio, mas a própria **ação educativa** da família e da comunidade, cabendo à instituição escolar o encargo de sistematizá-la. Adequadamente à realidade funcional, estará ela sempre em um intenso intercâmbio de recursos com a comunidade, isto é: a escola utiliza o equipamento que a comunidade pode lhe oferecer e essa oferece o equipamento de que dispõe.

Esta nova posição da instituição escolar é uma consequência do modo de vida da atualidade, que é essencialmente comunitário.

Cada grupo, seja o familiar, o da vizinhança, o da escola, o da recreação, o do comércio e outros, exige do aluno um determinado padrão de comportamento. Evidencia-se, portanto, a necessidade de que esses grupos se unam em uma ação comunitária integral na tarefa de educar.

Cabe à escola a responsabilidade de oportunizar situações de aprendizagem, mobilizando todos os recursos da comunidade, constituindo-se em um sistema integrador de ensino e educação. A sua estrutura, o seu currículo diferenciado, o regime de trabalho de seus docentes, o tipo de formação atualizada através de re-treinamentos continuados, colocam-na como o grande centro da ação educativa.

Desse modo, a escola deixa de ser uma instituição restrita e única de ensino, para tornar-se aberta, ampla e participante. Assume novas funções, respondendo aos altos objetivos previstos na atual Reforma de Ensino.

O problema educacional em nosso meio exige uma reflexão duradoura, voltada mais para o futuro, para a prospecção, do que para o passado; mais para um construir, do que para a contemplação de estruturas anteriores.

E, pois, uma problemática que não se esgota com uma só resposta, mas

que exige um permanente esforço de criação, pensamento e ação, a fim de encontrar as soluções possíveis, as soluções adequadas. É, no entanto, um esforço que vale a pena ser tentado. Porque não se conhece desafio mais fascinante e tarefa mais essencial do que esta: uma Educação para a atualidade.

FONTES DE CONSULTA

- BRUNER, Jerome S. — **O processo da educação**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.
KELLY, Celso — **Política da educação**.
LIMA, Lauro de Oliveira — **Mutações em educação, segundo McLuhan**. Rio de Janeiro, Vozes, 1971.
LOURENÇO FILHO, M. B. — **Introdução ao estudo da escola nova**. São Paulo, Melhoramentos, 1960.
MELO, Osvaldo Ferreira de — **Teoria e prática do planejamento educacional**. Porto Alegre, Globo, 1969.
NASSIF, Ricardo — **Pedagogia de nosso tempo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1968.
NÉRICI, Imídeo — **Educação e metodologia**. São Paulo, Pioneira, 1970.
— **Introdução à didática geral**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1960.
A INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE-INDÚSTRIA. Conferência do Professor Hélio de Almeida Brum. Instituto Euvaldo Lodi.
I ENCONTRO DE TÉCNICOS REGIONAIS PARA INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE-INDÚSTRIA. Instituto Euvaldo Lodi, maio 1970.
METAS E BASES PARA A AÇÃO DO GOVERNO. Presidência da República, 1970.
O PAPEL DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO NA RENOVAÇÃO DO ENSINO. BRAUN, Flávia E. e outras. PUCRS, 1970.
PARECER. Senado Federal, Comissão mista incumbida de estudo e parecer sobre o Projeto de lei nº 9, de 1971 (CN), que "fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências".
PLANO SETORIAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA 1972/74. Ministério de Educação e Cultura, 1971.
SUBSÍDIOS PARA APRECIAÇÃO DO TEMA: ENSINO DE 1º E 2º GRAUS. Ministério de Educação e Cultura, 1970.
ESCOLA PARA PROFESSORES. São Paulo, Abril Cultural, n.º 0, out. 1971.
ENSINO INDUSTRIAL. Guanabara, MEC, n.º 16, dez. 1967.
ENSINO INDUSTRIAL. Guanabara, MEC, n.º 17, maio 1968.
REVISTA DO ENSINO. Rio Grande do Sul, SEC, n.º 137, 1971.
REFORMAS DO ENSINO. Supervisão Técnica da SEC do Rio Grande do Sul. Publicações semanais do "Correio do Povo". ■

Este trabalho é de responsabilidade da Supervisão Técnica, Unidade de Planejamento, da SEC-RS, e foi elaborado pelo Grupo de Difusão da Reforma: Izabella Kertész, Juracy de Bragança Leonardo, Lilia Maria Pereira Duro, Maria Josephina P. Motta, Sueny Barbosa.

DESTACANDO UMA ESCOLA PAULISTA

MARIA SANTANNA AZAMBUJA e PATRICIA ITAUSSU ALMEIDA MELO
Fotos: ANTONIO MACEDO

Uma viagem à Europa foi o inicio de tudo — Edmundo de Carvalho, um médico apaixonado pelo ensino, teve naquele continente o primeiro contato com o "Método Montessori", passo inicial para a instalação, em 1955, da "Escola ao Ar Livre". Em seus primórdios, dirigida no sentido do aprimoramento do ensino de grau elementar, posteriormente estendeu-se, ainda mais, a escola, com a criação do curso ginásial (Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental), conseguindo-se, dessa forma, a continuidade de processo educativo num contexto mais amplo, que abrangia desde a educação pré-primária até o 1º ciclo do Ensino Médio.

Em 1970, por ato do Governo Estadual, foi criado o Grupo Escolar-Ginásio Experimental "Dr. Edmundo de Carvalho", tendo como principais objetivos:

Crianças do Jardim da Infância em período de Recreação ao ar livre.



- prestar serviços educacionais de nível fundamental a alunos numa faixa etária a partir de 3 anos e meio, favorecendo, através de uma continuidade educativa, o atendimento das necessidades bio-psico-sociais das diferentes etapas de desenvolvimento da criança;
- realizar experiências educacionais, cujos resultados possam servir de subsídios à renovação e aperfeiçoamento do ensino fundamental em São Paulo;
- apresentar os resultados das experiências realizadas à Divisão Pedagógica para efeito de divulgação junto à rede de ensino oficial;
- promover o aperfeiçoamento de seu pessoal interno, através de

cursos, treinamentos e outros que propiciem condições de reflexão e de elaboração de material necessário ao desenvolvimento das pesquisas programadas;

- colaborar com a Divisão de Assistência Pedagógica, no treinamento dos professores e técnicos da rede oficial de ensino.

Especificamente, a Escola visa promover o desenvolvimento integral dos educandos, através do desenvolvimento das potencialidades de cada um, no sentido de uma atuação consciente e crítica do mundo. Visa, ainda, desenvolver integralmente, na criança, seus aspectos intelectuais, físicos, afetivos e sociais, não descuidando de torná-la apta a uma opção vocacional consciente, coerente e oportunista, de forma a melhor habituá-la para sua vida pré-profissional.

LABORATORIO DE ENSINO

Primordialmente, o Grupo Escolar — Ginásio Experimental "Dr. Edmundo de Carvalho" é uma espécie de laboratório de novos técnicos de ensino. Os professores, após receberem um treinamento na própria escola, são assessorados por uma equipe técnica formada por assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos, educadores sanitários, dentistas, técnicos de recursos audiovisuais, bibliotecários etc.

Desta forma, atendem-se a todas as necessidades das crianças que, inclusive, realizam acantonamentos de 3 ou 4 dias em locais que lhes propiciem um conhecimento prático da natureza. Para sanar possíveis problemas de relacionamento entre pais e filhos, a Escola ministra um treinamento às mães dos alunos o que, praticamente, elimina os problemas das crianças no intervalo extra-escolar.

As crianças do pré-primário possuem, ainda, uma outra ocupação: cultivam, no próprio recinto da Escola, uma horta doméstica e jardim.

Atividades nas áreas culturais, artísticas, artesanais etc., são comuns a todas as séries.



No Setor Audiovisual, alunos trabalham ativamente na execução de uma maquete.

Pequenos artistas dão acabamento a suas criações em cerâmica,



Funcionando, atualmente, como escola integrada, conta com cerca de 420 crianças de nível curso pré-primário sob a coordenação da Professora Gilda Lopes, 600 alunos matriculados nos níveis I e II (primário) que estão sob a coordenação dos professores Isabel Franchi Cappelletti e José Cerchi Fusari e com 600 alunos de níveis III e IV (Ginásio) sob a coordenação dos professores Luis Domingues e Laís Furquim de Azevedo.

Todos esses professores, com dinamismo e entusiasmo, dedicam quase todas as horas do dia à tão difícil tarefa de zelar pela alegria, progresso e bem-estar dos alunos que freqüentam a Escola.

A Escola mantém, ainda, um ginásio noturno sob a coordenação do professor José Carlos Libâneo. Esse ginásio atende alunos entre 14 e 21 anos aproximadamente, e conta com cerca de 600 alunos, atendendo especialmente carenciados culturais.

DESTACANDO...

A direção da escola integrada está confiada às professoras Maria Ignês Longhin de Siqueira e Sylvia Alves que, igualmente empenhadas na melhoria e renovação do nosso ensino, não medem esforços para que todos ali se realizem dentro da tarefa que lhes é confiada.

Para os alunos com maiores dificuldades no acompanhamento do currículo criou-se, no primário, uma classe de aceleração cultural, onde recebem um tratamento especial intensivo que inclui até mesmo a alimentação na própria Escola. Esta também mantém classes para excepcionais.

Os deficientes auditivos e visuais são atendidos em classe comum, porém, com orientação de técnico especializado.

Uma outra diferença entre as escolas convencionais e o Grupo Escolar Ginásio Experimental "Dr. Edmundo de Carvalho" é que este mantém, além das matérias normais, aulas de tênis, judô, xadrez, expressão corporal, arte e música (a escola possui um piano para uso dos alunos). O prédio é antigo e conta ainda com 8 salas de madeira, sendo os alunos de níveis III e IV deslocados a um Centro de Recreação da Prefeitura para receberem as aulas de Educação Física. A Escola possui o Centro Cívico Escolar que congrega alunos de todos os cursos e é dirigido por um grupo de jovens liderados pelo dinamismo de aluno Fábio Mesquita (4^a série).

Dada a dificuldade em manter a Escola apenas com as dotações orçamentárias, busca-se auxílio em entidades como a Associação de Pais e Mestres (recursos financeiros) e o SESC — Serviço Social do Comércio (filmes educativos, recreação, esporte).

Em linhas gerais, assim é o Grupo Escolar "Dr. Edmundo de Carvalho" — uma escola sempre pioneira na criação e difusão de novas técnicas de ensino para o Estado de São Paulo. ■

Na Biblioteca, após a escolha de um bom livro, momentos de agradável leitura.



**ANNE FRANK,
UMA ESCOLINHA
MODERNA
ONDE**

A MÚSICA SUBSTITUI A SINETA

A escola brasileira de 1º grau, de modo geral, vem procurando oportunizar a professores e alunos um atendimento qualitativo, levando cada criança e cada professor a produzir no mais alto nível de sua capacidade, tendo em vista os próprios interesses do escolar e as necessidades do grupo social a que ele pertence.

A comunidade assume, por vezes, responsabilidades bastante significativas em diversas áreas de trabalho da escola, propiciando esse atendimento qualitativo.

É sobre um Grupo Escolar nessas condições que vamos nos deter.

Toda a escola, embora siga a mesma orientação de métodos e técnicas planejadas por sua respectiva Secretaria de Educação, adquire, pelo tipo de trabalho que realiza, uma feição particular.

E esta a impressão que sentimos ao visitar o G.E. ANNE FRANK, em Porto Alegre.

Uma música alegre ali substitui a sineta.

E, de maneira atraente, vão os alunos se organizando em filas de entrada, para novo período de atividade.

Em cada sala de aula existe um alto-falante, através do qual são feitas as comunicações da Rádio Anne Frank, instalada no Grupo Escolar.

Fazem parte dessas comunicações datas históricas importantes, algum acontecimento da escola que precisa ser divulgado, felicitações dirigidas aos alunos aniversariantes do dia.

O sistema de equipamento de rádio é uma das aquisições da Associação de Pais e Mestres, que age de maneira marcante nessa escola.

DEPARTAMENTOS QUE ATENDEM A ESCOLA

O que chama a atenção, sobretudo, no Grupo Escolar Anne Frank, é a atuação da comunidade na escola.

Cabe à Associação de Pais e Mestres a responsabilidade de toda a sorte de aquisições necessárias a uma aprendizagem de alto nível, assim como a conservação da escola propriamente dita.

Há um presidente eleito e seis vice-presidentes, escolhidos entre os pais dos alunos. A associação recebe uma contribuição mensal de cada família. Há um secretário, um tesoureiro e um cobrador.

Cada vice-presidente é responsável por um departamento:

- **departamento de educação** que realiza palestras, seminários, encontros, abordando temas da atualidade, que atingem não só as crianças mas também os pais.
- **departamento de saúde e bem-estar social** que promove assistência médica. O atendimento se faz não apenas no momento em que o escolar está necessitando do atendimento médico. Esse departamento

proporciona uma medicina preventiva, permitindo exames de laboratório e efetuando as vacinações necessárias.

- departamento de obras que se responsabiliza pela construção e conservação do prédio e do mobiliário escolar.
- departamento de promoções sociais que se encarrega de organizar jantares, chás, oportunizando confraternizações entre pais e professores.
- departamento de esportes que se encarrega dos jogos e excursões, e até mesmo campeonatos internos. Cabe a esse departamento a aquisição de material de jogos e de educação física.
- departamento de divulgação e comunicação que se encarrega de fazer circulares, cartazes, e a divulgação na imprensa escrita e falada de acontecimentos ligados à vida do Grupo Escolar.

Também a Associação de Pais e Mestres coage a instalação de moderno Gabinete Dentário.

A merenda é mantida pela comunidade escolar, através do Clube de Mães.

Diariamente, 5 ou 6 mães se reúnem e preparam a merenda escolar, sob a coordenação de uma professora.

COMO SE DESENVOLVEM AS ATIVIDADES

No Grupo Escolar Anne Frank, as atividades se desenvolvem num trabalho verdadeiramente de equipe.

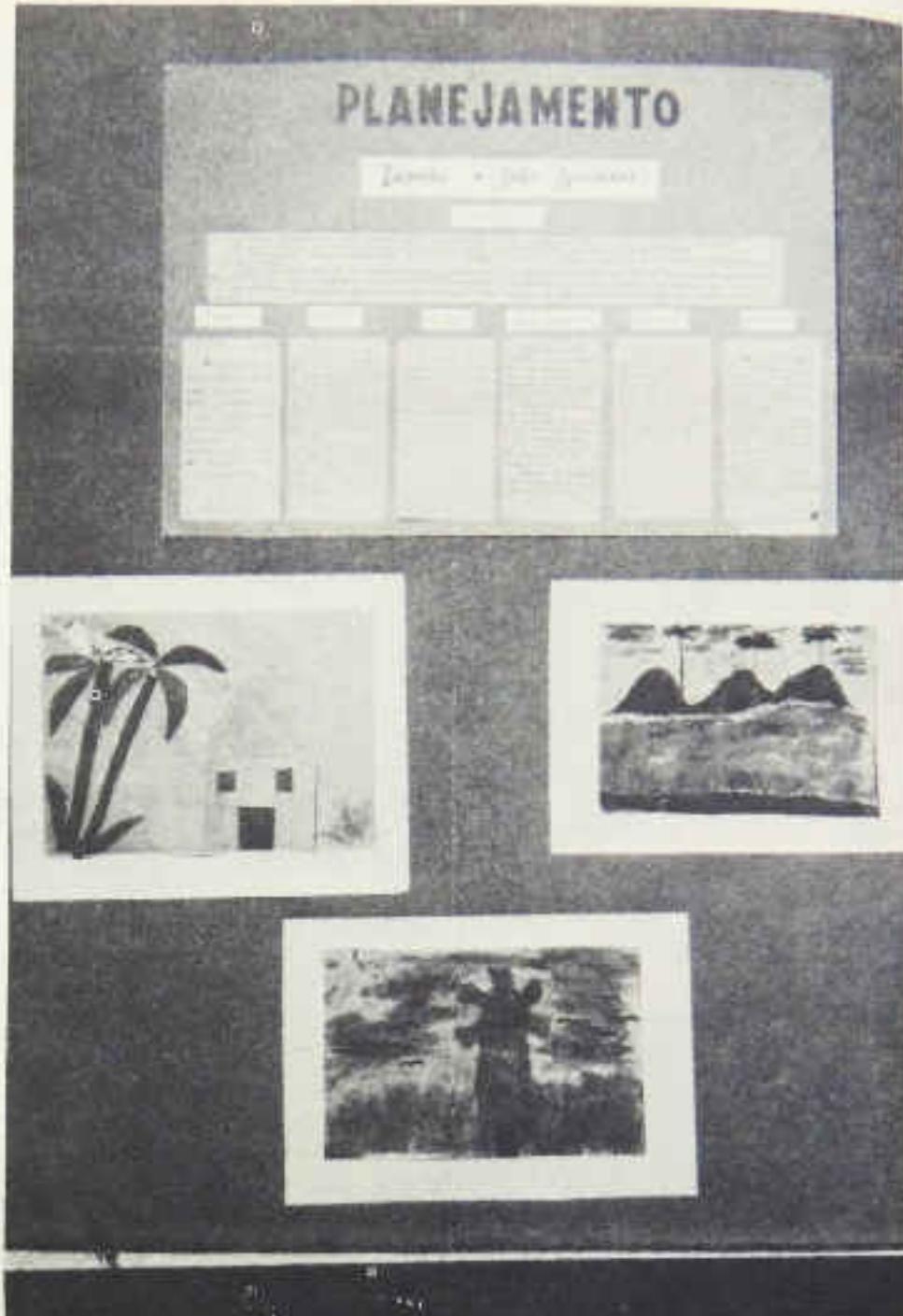
As modernas técnicas encontram o trabalho cooperativo dos professores da escola.

Nada é feito de improviso, nem isoladamente. Tudo obedece a um esquema. Cada professor tem suas responsabilidades específicas mas as tarefas se fazem em função de um planejamento organizado pelo grupo.

Assim, a Biblioteca Escolar, o Setor Audiovisual, a Cooperativa Escolar, a Clínica de Leitura, o Serviço de Orientação Educacional, o Setor de Artes Plásticas, estão permanentemente entrosados no trabalho educativo, sempre visando o melhor rendimento do aluno.

Melhor explicando, a Biblioteca Escolar contém um acervo doado

PLANEJAMENTO



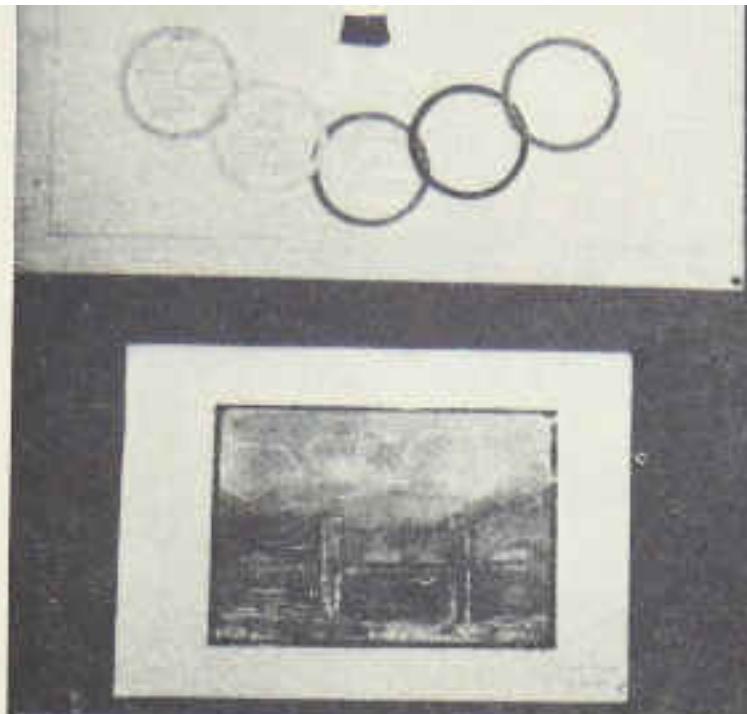
pela comunidade; o Setor Audiovisual possui projetor sonoro, filmes instrutivos e recreativos, toca-discos, além de materiais confeccionados pelas professoras para uso de atividades de linguagem, de matemática, de estudos sociais, de ciências naturais, de moral e cívica, de acordo com os conteúdos programados; a Cooperativa Escolar, onde os alunos são acionistas, possui uma bem organizada diretoria; a Clínica de Leitura, com a finalidade de reeducação da linguagem, dispõe de duas professoras especializadas que atendem individualmente os alunos com problemas na linguagem escrita e falada; o Serviço de orientação educacional, que permite o atendimento ao escolar, através dos pais e professores.

Esse Grupo Escolar, atualmente sob a direção da Professora Athoalpa da Silva Paz, é comumente solicitado para servir de local para reuniões, cursos, promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura.

E, ainda, Posto de Orientação Técnico-pedagógica para algumas escolas.

Como já deixamos claro, a participação da comunidade no trabalho da escola é um fator positivo no G. E. Anne Frank. Assim, a criança se conscientiza de quanto pode a união de esforços numa comunidade. E fica, igualmente, familiarizada com a dinâmica dos diferentes setores que a estruturam.

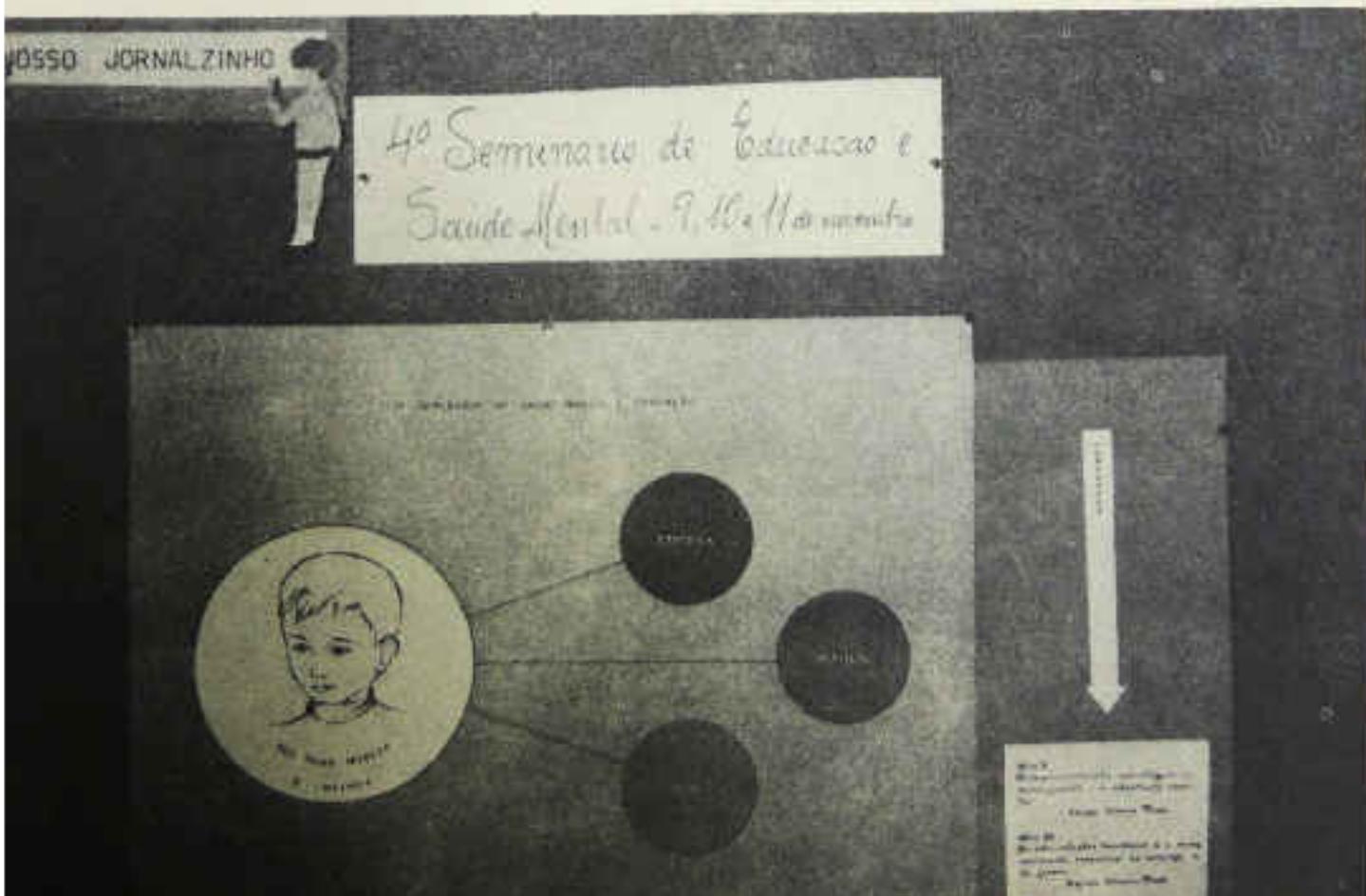
Tudo isso, sem falar, no quanto a criança será favorecida em seu ajustamento junto a essa comunidade.



Planejamento - Clínica da Cultura - Ano 197



As fotos mostram murais referentes aos diversos departamentos, onde se pode verificar que em tudo há planejamento e organização.





PODE A EDUCAÇÃO EXERCER SUA INFLUÊNCIA NA DEFINIÇÃO DO SEXO?

PAULINA VISSOKY — da equipe da RE
Fotos: ANTONIO MACEDO

Ao que parece, assunto atual, de bastante relevância e que tem chamado a atenção não só de médicos, biólogos e genétistas, mas também tem preocupado psicólogos, educadores e pais, é o da **determinação do sexo**.

O menino nasce. O médico, num exame da genitália externa, registra sexo masculino. Legalmente ele recebe um nome que corresponde a seu sexo. E passa a viver, vestir-se e proceder como menino.

Usualmente, os aspectos mais identificáveis ao primeiro contato são os que se deduzem pelo nome, pelo exame da genitália externa (através da inspeção, a presença de pénis ou de vagina), pelo exame da genitália interna (exames radiológicos revelam a existência de aparelho genital masculino ou feminino), pelo sexo auto-atribuído pela roupa (atualmente é pouco válido, porquanto os jovens usam a moda "unisex") e pelo maneirismo em que sobressaem os aspectos curiosamente masculinos ou femininos. Entretanto, um estudo mais profundo sobre o sexo é possível realizar-se através da Genética. Há institutos de genética nos maiores centros brasileiros, onde se faz a determinação da cromatina sexual (positiva ou negativa) e o cariotípico (sexo cromossômico).

A genética estuda como é constituído o gene e como age. Estuda o gene no nível molecular, para conhecer sua estrutura e modo de ação; no nível citológico, apreciando como os genes se encontram arranjados em cromossomos e como estes se duplicam e repartem durante a divisão celular; no nível do organismo, tomando como exemplo o desenvolvimento das gônadas e dos caracteres sexuais; e no nível ecológico em suas relações com os fatores ambientais.

Através de um estudo genético, é possível chegar-se a conhecimentos mais precisos sobre sexo.

Sabemos que as células somáticas humanas em todos os tecidos e órgãos apresentam, sempre, 22 pares de autossomos, além dos cromossomos sexuais XV no homem e XX na mulher. Sabemos ainda que os genes responsáveis pela determinação do sexo somente exercem o seu efeito nas células dos órgãos reprodutivos, num estágio precoce do desenvolvimento embrionário. Nos outros órgãos, esses genes são aparentemente inertes.

MENINA?



DIFERENCIACAO

Num exame, por exemplo, de células somáticas femininas que não estão em divisão, pode-se distinguir um pequeno corpúsculo de Barr, também conhecido como cromatina sexual, que é característico das células femininas normais e corresponde a um cromossomo X condensado e inativo tanto na espécie humana como nos demais mamíferos.

Por outro lado, o aparecimento na evolução dos organismos de um cromossomo Y especializado no desenvolvimento das estruturas masculinas vem simplificar o mecanismo da determinação do sexo.

Gostaríamos de esclarecer aqui o nosso propósito de não nos aprofundarmos no assunto, mas apenas citar alguns elementos que levem à compreensão dos princípios elementares de genética relacionados com o sexo.

HEREDITARIEDADE

É comum pensar-se que "caracteres hereditários" são aqueles que dependem exclusivamente dos genes, e caracteres ambientais são os que surgem por efeito exclusivo de fatores ambientais, sem interferência do genótipo. O autor O. Frota Pessna, em "O gene e o ambiente", esclarece muito bem esse conceito: "Todos os caracteres surgem, durante o desenvolvimento embrionário, ou mais tarde, em consequência de processos bioquímicos que os genes induzem, sob a influência do ambiente e a custa dele. Assim, todo o caráter resulta da interação do genótipo (conjunto de genes) com o ambiente (conjunto total de influências não genéticas, intra e extra-uterinas, físicas, psicológicas e sociais) e é, neste sentido, ao mesmo tempo hereditário e ambiental. A distinção entre os caracteres hereditários e os caracteres ambientais baseiam-se em outro critério.

Caracteres totalmente hereditários são os que variam de acordo com o

genótipo, mas atingem a mesma expressão qualquer que seja o ambiente que contribui para que eles se manifestem. Inversamente, caracteres totalmente ambientais são os que variam com o ambiente, mas não com o genótipo.

O autor exemplifica a cor dos olhos como um dos caracteres hereditários levando em conta que genótipos diferentes podem conduzir a cores de olhos diferentes, ainda que o ambiente seja totalmente padronizado e que um mesmo genótipo, interagindo com os mais diversos ambientes, leva à mesma cor dos olhos; e a capacidade de ler português como um dos exemplos de caracteres ambientais, tendo em vista que os indivíduos, quaisquer que sejam seus genótipos, adquirem a capacidade de ler português, se submetidos a determinado tipo de ambiente (isto é, a um processo adequado de aprendizagem).

Exames especializados, portanto, feitos por médicos, é que levam a conclusões determinantes sobre sexo:

- A formação das gônadas normal, regularmente e sem perturbações. Ou então:
- As chamadas "Disgenesias gonádicas", indicando gônadas não corretamente desenvolvidas, congênitamente ausentes ou incapazes de alcançar completa diferenciação morfológica e funcional, aplicando-se assim para os ovários, como para os testículos.

Considerando que a completa diferenciação das gônadas só é alcançada com a puberdade, seriam disgenesias as gônadas com defeito, datando da fase embrionária, ou aquelas sofrendo modificações secundárias em fase mais tardia na vida fetal ou extra-uterina, desde que pré-pubertárias.

Gônadas disgenéticas podem ocorrer em pacientes de fenótipo feminino, masculino ou dúbia.

E comum, também, falar-se em hermafroditismo e pseudo-hermafroditismo.

O hermafroditismo se define pela gônada: é a presença simultânea de testículo e do ovário ou de "ovotestis". Coexiste ou não com a disgenesia gonádica.

Pseudo-hermafroditismo também se define pela gônada: há pseudo-hermafroditismo masculino (ou hermafroditismo masculino) quando indivíduo de genitalia externa feminina ou dúbia, tem testículo.

A intenção ao tocarmos no tema das disgenesias gonádicas não é abordá-lo com a profundidade que o assunto merece, mas, apenas, alertar que tais problemas existem e, quando constatados, merecem o encaminhamento ao médico especialista.

O QUE É SEXO?

Muito oportuna é a definição que emprega o Dr. Jean Claude Nahoum, médico da Guanabara, em sua tese sobre "Disgenesias gonádicas femininas".

Sexo "é a impressão global das diferenças parciais no plano genético, gonádico, genitalia interna e externa, sexo legal, de criação e psicossocial".

No plano genético, embora de maneira muito superficial, já mencionamos alguns elementos que explicam o aparecimento dos caracteres sexuais determinantes de ambos os sexos.

No plano gonádico, isto é, o estudo das gônadas, através de exames especializados, feitos por médicos, chega-se a conclusões bastante significativas.

Aqui, igualmente, faremos apenas algumas referências. O estudo é amplo e mais da alçada do médico.

Geneticamente são chamadas de gônadas as glândulas sexuais que produzem células germinativas. (Os testículos no homem e os ovários na mulher.)



O SEXO PSICOSSOCIAL

Uma combinação genética determina que a pessoa venha a nascer homem ou mulher. Um exame da

adulto, mulher adulta, homem velho, mulher velha.

Para cada posição reconhecida existe uma expectativa, amplamente



genitalia externa e interna pode comprovar um ou outro sexo. E, a partir deste momento, ao se definir o sexo, diferentes papéis serão as consequências sociais desta determinação.

Desde que nasce, o homem vive sua vida como membro de uma sociedade. E através de relações face-a-face que o seu comportamento é influenciado, motivado, estimulado, recompensado e mesmo repreendido por seus semelhantes; a comunidade é a sede principal do controle social.

De modo geral, os membros de uma sociedade assumem posições e papéis. Existem, por exemplo, os agrupamentos humanos:

- agrupamentos de sexo e idade
- agrupamentos biológicos ou da família
- agrupamentos profissionais
- agrupamentos de amizade e interesse
- agrupamentos de "status"

Em cada um desses agrupamentos são reconhecidas algumas categorias, mais conhecidas como posições. Assim, no agrupamento de idade e sexo, comumente se diferenciam as posições: bebê, menino, menina, homem

aceita pelos membros da comunidade, quanto ao comportamento que a pessoa deve apresentar ao assumir tal posição.

O que se espera que um ocupante típico de uma posição social faça, constitui o **papel**.

Em nenhum outro caso a influência do papel na personalidade é mais nítida do que nos **papéis de sexo**.

Se João nasceu homem, legalmente registrado como do sexo masculino, será criado como homem e como homem assumirá o papel, quer no agrupamento da família, quer no da profissão, no grupo de amigos ou no da sociedade a que pertence. Diferente é o papel atribuído a Maria. Como mulher ela deverá se realizar em seus papéis específicos nos mesmos agrupamentos sociais.

Indiscutivelmente, tanto os fatores de constituição quanto os de experiência interagem na determinação das diferenças entre os sexos.

Usando a frase de Margaret Mead, "as diferenças biologicamente determinadas entre os sexos são culturalmente desenvolvidas". Portanto, as

características que uma cultura exige dos dois sexos são acrescentadas às diferenças biologicamente determinadas.

Citaremos, a seguir, a experiência da socióloga Mirra Komarovsky que, embora tenha estudado alguns dos desenvolvimentos culturais da mulher norte-americana, nos chama a atenção por apresentar, de certo modo, semelhança com o que acontece no contexto da família brasileira.

A partir de dados biográficos escritos por universitárias, a autora verificou que os pais "tendiam a acelerar, quase sempre sem essa intenção, mas às vezes deliberadamente, a emancipação do menino com relação à família, enquanto a retardavam no caso da menina". Ainda: "As moças sofrem maior pressão para atender aos compromissos com os pais e parentes. (Quando a avô precisa de alguém para sair é mais provável que a moça seja chamada.)"

Em outro conjunto de dados sobre 937 estudantes, Komarovsky verificou, igualmente, que "as moças eram mais frequentemente ligadas a seus pais; mais frequentemente tomavam decisões importantes, muito de acordo com os desejos de seus pais; mais frequentemente tinham saudades de casa". E concluiu que, de acordo com essa amostra, na cultura norte-americana os laços de família prendem mais as moças que os rapazes.

Apresentamos, nesta primeira parte, os aspectos culturais por nos parecer mais oportuno à compreensão da dinâmica das diferenças de sexo no grupo da família.

As atitudes, as crenças, os valores instituídos por uma sociedade podem ficar tão arraigados, tão profundamente na esfera subconsciente da personalidade de cada um, que não estranhemos se se tornam mais compulsivas que as próprias leis e as regulamentações da sociedade.

FAMÍLIA E DIFERENÇAS SEXUAIS

Margaret Mead ao descrever as diversas maneiras pelas quais diferentes culturas desenvolvem os pa-

pés dos sexos, salienta que é na infância que as diferenças entre os sexos são modeladas.

Ao nascer o bebê, menino ou menina, encontra o aconchego da mãe. É a mãe que vai proporcionar os primeiros cuidados, as suas satisfações mais imediatas. E a mãe, num momento inicial, a primeira imagem de carinho e de amor que ele vai conhecer.

Já num segundo momento, o bebê irá sentir o carinho e o amor da figura paterna. E formará, então, sua primitiva impressão a respeito de pessoas de ambos os sexos.

A partir daí, em torno dessas imagens é que a criança irá formar certas noções que se constituirão, futuramente, em valores para ela.

As crianças amadas pelos pais estão mais bem equipadas para enfrentar as dificuldades da vida e são mais suscetíveis de encontrar amor do que as rejeitadas. Estas últimas sentem que incomodam e, subconscientemente esperam a rejeição em sua vida adulta.

Convivendo com os irmãos, a criança poderá perceber as diferenças físicas entre os sexos. É uma fase de exploração própria e mútua. As perguntas aparecem em profusão e se relacionam, principalmente, com a chegada do bebê, com o sexo do irmãozinho, com o aumento do abdômen da mãe e com o papel do pai na reprodução.

Aproximadamente dos 5 aos 8 anos, a criança passa por uma fase em que as diferenças na maneira de agir são mais nítidas. Se até os 5 anos não havia distinção muito grande na escolha dos brinquedos, por que os meninos podiam aceitar brincar de casinha e as meninas aceitar, igualmente, jogar futebol, a partir daí podem ocorrer modificações. Aos poucos começam a surgir novos interesses. As histórias de amor se tornam, para ambos os sexos, mais sérias e os sexos começam a separar-se espontaneamente nos brinquedos.

IDENTIFICAÇÃO

E impressionante verificar como os pais servem sempre de modelo para

os filhos em termos de crescimento psicossexual.

O menino aprende a viver e a amar como homem, vendo seu pai assim proceder, como homem forte, expansivo, amoroso. E a atitude para com o sexo oposto é pré-formada por suas relações emocionais com a mãe e as mulheres da família, particularmente as que desempenham papel significativo na sua criação.

A menina, por sua vez, cresce procurando identificar-se com a mãe. Uma mulher que se ressentisse com o papel de esposa e mãe não vai certamente fazer a filha esperar tais papéis com alegre expectativa.

Michael Miller, em "A saúde mental da criança", traz o exemplo de uma menina que cresceu numa fazenda e cuja mãe era fria, reservada, sem interesse nas tentativas da filha para ajudar na casa.

"— Você é tão desajeitada que me deixa nervosa."

Rejeitada pela mãe, voltou-se para o pai, que trabalhava no campo. Quando procurava o pai, este deixava-a pegar as rédeas do cavalo atrelado, a carroça de feno e mais tarde deixava-a cortar feno com os rapazes. Recebia do pai o carinho e a aprovação que a mãe lhe negava. A medida que crescia, a moça foi identificando-se cada vez mais com o pai e desenvolveu características de personalidade masculina.

Também o amor que a criança vê seu pai demonstrar em relação a sua mãe e a reação desta pode estabelecer a atitude e o modo de conduta ante o sexo oposto.

Ainda do autor Michael Miller é o caso que ilustramos abaixo:

"Um pai que vivia em uma comunidade suburbana foi à casa de um vizinho buscar o filho de cinco anos para o almoço. Encontrou a criança brincando com uma menina loira bochechuda, réplica em miniatura da própria mãe gorducha do menino. Espera um momento, papai, disse o menino". Tenho de dar um beijo de despedida na minha namorada. Fê-lo naturalmente, recebendo em troca uma calorosa resposta". O menino esperava amor e afeto das pessoas à

sua volta, e dava-os espontaneamente. É difícil imaginar que esta criança em particular, se torne amarga, derrotada ou hostil.

O menino e a menina precisam crescer, identificando-se com os pais em seus papéis naturais, respectivamente como do sexo masculino e do sexo feminino.

Quando isto não ocorre, quando os sentimentos da criança em relação aos pais são ambivalentes, quando se mostra confusa diante do reconhecimento do próprio sexo, seu relacionamento com os progenitores e também com outras pessoas será, provavelmente, marcado por insegurança e culpa.

Em tais condições, essa criança necessitará o encaminhamento ao especialista — o psicólogo ou psicanalista, conforme o caso — e de muita compreensão por parte do professor.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALCIDES CUNHA, Jurema — A criança dos 5 aos 8 anos. In: MEDINA, Cremilda de Araújo, org. — *Informações completas sobre educação sexual: guia para pais e mestres*. [Porto Alegre] Globo [c1969] p.24-31 (Atualidades Globo, 2).
2. — — — Decálogo da educação sexual. In: MEDINA, Cremilda de Araújo, org. — *Informações completas sobre educação sexual: guia para pais e mestres*. [Porto Alegre] Globo [c1969] p.32-34. (Atualidades Globo, 1).
3. BEÇARK, W. & FROTA-PESSOA, O. org. — *Introdução à genética médica*. São Paulo, Prociense, 1968.
4. KRECH, David et alii — *O indivíduo na sociedade: um manual de psicologia social*. Trad. de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo, Livr. Pioneira [1969] 2v. (Bibl. Pioneira de Ciências Sociais.)
5. MILLER, Michael — *A saúde mental da criança*.
6. NAHOUIM, Jean Claude — *Disgenesias gonádicas femininas: estudo de 33 pacientes*. Rio de Janeiro, 1967. Tese de concurso à docência livre de Ginecologia na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NOTA: As fotos do presente trabalho apresentam crianças do Grupo Escolar - Ginásio Experimental "Dr. Edmundo de Carvalho" — São Paulo — SP.

PÁSCOA

UMA DATA SEMPRE FESTIVA

É a Páscoa uma das festividades mais propícias para que você, através de diversas atividades alusivas ao assunto, oportunize o desenvolvimento integral da criança.

Hoje em dia já é do conhecimento das crianças que um coelho não põe ovinhos e muito menos coloridos; entretanto, se ainda existe este mito para uma ou outra, será oportuno esclarecê-lo.

Para tanto, conte-lhes a lenda sobre o coelhinho da Páscoa: **OS OVOS DE PÁSCOA**, transcrita no fim do presente artigo, e que será por você adaptada ao nível da classe.

Isso, porém, não vai impedir que você aproveite a data, desenvolvendo essa área de interesse, que além de tradições populares, traz consigo envolvimentos religiosos. Desenvolva, pois, adequadamente, um trabalho sobre o assunto e aproveite para ornamentar sua sala de aula.

Dê a seus pequenos alunos elementos para fazerem "mobiles" alusivos à Páscoa e leve-os a organizarem um painel, como o que aqui apresentamos:



ESTER MALAMUT — da equipe da RE





Oportunize-lhes a confecção de lembrancinhas para as mamães e os papais.

Ensine-lhes a construir ninhos para os ovinhos pintados, de chocolate ou de massa-pão.

Leve para a sala de aula um coelhinho de verdade, que os alunos alimentarão, cuidarão da higiene e brincarão, durante o tempo em que você estiver desenvolvendo os trabalhos sobre a Páscoa. Para não fugir, o animalzinho ficará dentro de um engradado.

Conte-lhes estórias, faça teatro escolar (**Os ovos de D. Pintada** — RE 98, páginas 33 e 34), para que depois trabalhem em desenhos e pinturas nas variadas técnicas, enfeijando toda a sala de aula.



Ensine a seus pequenos alunos músicas festivas, como a que sugerimos:

COELHINHO VEM AO JARDIM

LETRA E MÚSICA DE RAFAELA R. FURTADO

The musical score consists of two staves of music in common time (3/4). The first staff starts with a treble clef and a key signature of one sharp. The second staff starts with a bass clef and a key signature of one sharp. The lyrics are written below the notes, divided by vertical bar lines corresponding to the measures. The lyrics are:

Ce - e - Ihi - nho co - e - Ihi - nho vem a - qui os jar-
Po - de - ter o - mba - ra - lo ou a - zul ou bran-
dim Vem tra - zer um o - vi - nho ro - lo - ri - do pre mim
quinha Pa - de - ter bem ver - mba - lho pa - ra - par no meu mim
ninha.

Outras, como: **O coelho, Meu querido coelhinho, Seis ovinhos vou ver,** poderão ser encontradas na RE 90, páginas 43 e 44.

Faça com que aprendam várias quadrinhas (RE 96, página 18) ou ainda:



O COELHO

Vem coelho,
Vem pulando
por aqui e por ali
vem coelho
vem saltando
por aqui e por ali...

Faça brincadeiras com seus alunos, escondendo pequenos ninhos para cada um.

Um jogo interessante é **Coelho na toca**: os alunos formam uma roda, distantes um do outro. Dentro da roda fica um deles, que será o coelho que não possui toca; os outros se agruparão de 3 em 3. O coelho 1 e o 3 se darão as mãos, formando uma toca, e o coelho 2 fica dentro dela.

Com palmas, apito ou outro sinal combinado, os coelhos saem das tocas, em busca de outras e o coelhinho que está no meio da roda procura ficar com uma toca. O coelho que ficar sem toca vai para dentro da roda e recomeça o jogo. Os coelhos não podem voltar para a toca que acabaram de deixar e cada toca abriga um só coelho de cada vez, sendo que, quando 2 disputam o lugar, fica na toca o que chegou primeiro. Os coelhos que formam as tocas podem baixar e levantar os braços para a entrada de um coelhinho, mas não podem largar suas mãos.

As crianças vão se revezar, até que todas tenham sido alternadamente, toca e coelho de dentro da roda.

Não é permitido indicar tocas vazias ou impedir a entrada de um coelhinho na toca. E, quanto mais depressa as crianças atendem ao sinal para trocar de toca, mais destreza apresentarão.

Outro jogo interessante é **Cachorro e coelhinhos**: Como o anterior, dois alunos formarão, de mãos dadas, uma toca e o terceiro será o coelho que fica dentro da toca. Mas há um cachorro que persegue os coelhos. Quando um deles for perseguido pelo cão, poderá ir para uma toca ocupada, e o coelho que estava lá terá que sair, fugir e tentar abrigar-se em outra toca. O coelho que for alcançado pelo cachorro, trocará de lugar com esse.

A LENDA:

OS OVOS DE PÁSCOA

"Vovó Gretchen veio da Alemanha, com sua família, no primeiro grupo de colonos que se instalaram nas terras rio-grandenses.

Seus netos lembram-se ainda das histórias que ela contava, recordando fatos acontecidos em sua terra distante. Entre outras, narrava esta:

— Em tempos antigos, quando por todo o mundo havia muitos nobres, proprietários de imensas extensões de terras, viveu na Alemanha um grande príncipe, muito amado por seus vassalos.

Ele viajava muito por seus domínios e em todos os lugares onde chegava era recebido com muitas demonstrações de alegria. Os aldeões preparavam-lhe festas e ofereciam-lhe ricos presentes.

Todos os habitantes de suas terras desejavam agradá-lo e agradecer-lhe a bondade com que sempre os atendia.

Em uma de suas viagens, o príncipe chegou, num domingo de Páscoa, à pequena aldeia quase escondida ao sopé de uma montanha, hospedando-se numa estalagem.

Os habitantes do lugar eram muito pobres e como, nesse ano, as colheitas haviam sido prejudicadas pelo mau tempo e sua criação de ovelhas fora dizimada por estranha moléstia, estavam mais empobrecidos ainda.

Quando os aldeões souberam que o príncipe chegara, ficaram muito preocupados porque não poderiam oferecer-lhe presentes tão belos como desejavam. Pensaram muito, trocaram idéias, por fim resolveram levar-lhe algo que, embora muito simples, demonstraria boa vontade e amor ao trabalho.

Teceram, às pressas, algumas cestinhas de palha, enfeitaram-nas com folhas e dentro colocaram ovos de galinha, coloridos de várias cores.

Quando ofertaram o singelo presente ao nobre, desculparam-se por lhe oferecerem coisa tão simples, lamentando não terem nada de maior valor para levar-lhe.

O príncipe possuía um grande coração e soube compreender os bons sentimentos de seus vassalos.

No ano seguinte, voltou àquela aldeia, na mesma época do ano. Como retribuição do que recebera, trouxe para os filhos dos aldeões grandes cestos contendo coelhos e ovos de açúcar-candi, mandados fazer por habil confeiteiro. Os pequenos e seus pais ficaram contentes. A história desse fato se espalhou e, aos poucos, tornou-se um hábito, na Alemanha, dar às crianças, na Páscoa, ovos e coelhos de açúcar ou de chocolate.

E, como dizia vovó Gretchen, foram os colonos alemães que introduziram no Rio Grande esse costume tão apreciado por nossas crianças.¹¹

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. "Jogos de correr; cãozinho e linhos". In: *Jogos na escola primária*. [Rio de Janeiro] 1962. p. 86.
2. FOSTER & HEADLEY — "Através do ano letivo; páscoa". In: *Brincadeiras de infância; princípios gerais — direção de atividades*. Trad. [de] Daisie E. Wyllie. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1967. cap.10, p.184.
3. HOW do you like your eggs? *Instructor*, Dansville, 80(8):80-81, apr. 1971.
4. MEDEIROS, Ethel Bauzer — "Jogos de correr; coelho na toca". In: *Jogos para recreação na escola primária*. [Rio de Janeiro] CBPE, 1959. cap. 3, p.184-86.

¹⁰OS OVOS DE PÁSCOA. Revista Infantil Cacique, Porto Alegre, 4(8):26-27, jan./mar. 1959.



SINOS DE PÁSCOA



De sinos de bronze co-meçam a tocar Dom
blom dem blom, Dom blom Dom blom Dom Os
sinos de ferro já tocam também Dom
blom Dom blom Dom blom Dom blom si ninhos de
proto re-ti nom assim blim blim blim blim
blim blim blim blim A Páscoa chegou, Jesus já voltou! E
ta-dos os sinos es-tão a tocar blim blim
blim blim blim blim blim blim blim.

LETRA E MÚSICA DE
RAFAELA R. FURTADO

EM VIGOR A REFORMA ORTOGRÁFICA

NILDA CATARINA A. ATHANASIO — da equipe da RE

Visando simplificar e unificar a língua portuguesa no Brasil e em Portugal, representantes da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa, reuniram-se em Brasília para estudar a reforma ortográfica. A 22 de abril de 1971, com a presença dos ministros de Educação e Cultura e das Relações Exteriores, foi assinado o acordo da reforma ortográfica da Língua Portuguesa. O Sr. Pedro Calmon assinou pela Academia Brasileira de Letras e o Sr. Amorim Ferreira pela Academia de Ciências de Lisboa.

A 16 de dezembro de 1971 o Presidente da República, em Brasília, sancionou o projeto de lei da Câmara, aprovando as alterações ortográficas.

A Lei é a seguinte:

Artigo primeiro — De conformidade com parecer conjunto da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa, exarado a 22 de abril de 1971, segundo o disposto no artigo III da convenção ortográfica celebrada a 29 de dezembro de 1943 entre Brasil e Portugal, ficando abolido o tremo nos hiatos átonos e o acento circunflexo diferencial na letra "E" e na letra "O", exceção feita à forma "põe", que se acentuará por oposição a "pode". O acento circunflexo e o grave com que se assinala a sílaba sub tônica dos vocábulos derivados em que figura o sufixo "mente" ou sufixos iniciados por "Z".

Artigo segundo — A Academia Brasileira de Letras promoverá, dentro do prazo de 2 (dois) anos, a atualização do vocabulário comum, a organização do vocabulário onomástico e a republicação do pequeno vocabulário da língua portuguesa nos termos da presente lei.

Artigo terceiro — Conceder-se-á às empresas editoras de livros e publicações o prazo de 4 (quatro) anos para o cumprimento do que dispõe esta lei.
Artigo quarto — Esta lei entrará em vigor 30 dias após sua publicação revogadas as disposições em contrário.

Pelo texto legal ficam, portanto, ELIMINADOS os seguintes acentos gráficos:

— acentos circunflexos diferenciais — que eram colocados para diferenciar palavras com mesma grafia. Tais como: *éle* (pronome pessoal) de *ele* (substantivo)

acôrdo (substantivo) de *acordo* (verbo)

almôço (substantivo) de *almoço* (verbo)

sôbre (preposição) de *sobre* (verbo)

tôda (adjetivo) de *toda* (substantivo) etc.

Agora escreveremos:

Ele chamou o menino que não pronuncia a letra *ele*.

Eu *jogo* pelo time quando o *jogo* pelo campeonato.

O *almôço* esteve ótimo e eu *almôço* às 12 horas.

Espero que *sobre* para mim um dos livros que fala *sobre* o Brasil.

Toda criança gosta de pássaros e também da *toda* que voa no jardim.

EXCEÇÃO há uma única, pois a falta do acento diferencial modifica o sentido da palavra: *pôde* (verbo poder, pretérito perfeito) de *pode* (verbo poder, presente). ex: Ele não *pôde* chegar a tempo e ele não *pode* chegar a tempo

— acentos grave e circunflexo do vocabulário em que figura o sufixo "mente" e os sufixos iniciados com "Z" — Tais como: admirável — admiravelmente; terrível — terrivelmente; só — somente; supérfluo — supérfluamente; cortês — cortesmente; café — cafêzinho e cafêzal; pé — pêzinho; boné — bonêzinho; faísca — faiscuzinha; só — sózinho etc.

Agora escreveremos:

Admiravelmente, terrivelmente, somente, supérfluamente, cortesmente, cafêzinho, cafêzal, pêzinho, faiscuzinha, sózinho etc.

Não devemos esquecer, porém, que admirável, terrível, só, supérfluo, cortês, café, pé, faísca, etc., que não são diferenciais, conservam seus acentos tónicos.

— tremo em hiatos átonos — que, aliás, já não usávamos. Como saudade, vaidade.

Assim, continuaremos escrevendo: saudade, vaidade.

Não esqueçamos, também que permanece o tremo no "u", quando pronunciado, depois de "q" e "g" antes de e e i. Ex.: tranquilo, lingüista, consequência, aglémentar etc.

A presente Lei entrou em vigor no dia 20 de janeiro do corrente ano.

CONEITO

Estudos Sociais, como disciplina, tratam de aspectos simples, fáceis e interessantes das relações humanas ao nível da criança. Visando educá-la, constituem-se em uma seleção, elaboração e reorganização de conhecimentos a que chegaram as Ciências Sociais.

"Os Estudos Sociais:

- têm por objeto a convivência humana em todos os seus aspectos; tratam o homem como uma realidade e não como o resultado de um esquema de caracteres diversificados;
- não são a soma de temas, assuntos de Geografia, História, Economia, Política ou Sociologia e sim a fusão dentro da realidade caracterizada por todos esses aspectos;
- são o enfoque do homem, seu passado, seu presente, suas relações com o meio, com os outros homens, seus deveres e direitos, sua luta pela sobrevivência: os processos que regem sua vida de relação."

Os Estudos Sociais dizem respeito à vasta disseminação de informações, ao desenvolvimento de habilidades sociais e ao aperfeiçoamento da conduta social. O programa de Estudos Sociais inclui conteúdos de várias Ciências Sociais, mas utiliza também material da comunidade local que não pode ser propriamente classificado como pertencente, exclusivamente, a alguma ciência em especial. O programa de Estudos Sociais na escola primária moderna não coloca ênfase maior no domínio de um conjunto de matérias logicamente organizado; ele acentua o uso funcional de assuntos retirados de muitas fontes para aumentar a educação social e para desenvolver uma conduta socialmente desejável.

¹MICHAELIS, John U. & JOHNSTON, A. Montgomery — *The social sciences: foundations of the social studies*, Boston, Allyn and Bacon.

FUNDAMENTOS

DOS

ESTUDOS SOCIAIS

VERA NEUSA LOPES &
IZABELLA KERTÉSZ

ELEMENTOS ESSENCIAIS DA DISCIPLINA ESTUDOS SOCIAIS

"Os Estudos Sociais ocupam-se com as pessoas e as inter-relações entre elas e o meio social e físico."¹

Uma análise, mesmo que superficial, dessa afirmativa, permite destacar três elementos essenciais a essa disciplina: o **grupo** (há inter-relações entre pessoas), o **espaço** (as inter-relações ocorrem em um determinado lugar e há inter-relacionamento entre as pessoas e o meio ambiente) e o **tempo** (inter-relações aconteceram e acontecem em todas as épocas).

Esses elementos indicam as grandes linhas do trabalho em Estudos Sociais. O homem é presença constante em todos esses elementos, uma vez que ele e suas inter-relações se constituem no objeto de estudos dessa disciplina.

¹Ibid.

Cada um desses elementos envolve vários aspectos, que deverão ser considerados no desenvolvimento dos conteúdos de Estudos Sociais.

Grupo:

Em relação a este elemento, os aspectos a considerar são: posição, papel, valores e normas.

"O trabalho da sociedade é realizado através de grupos organizados. Pertencer a um grupo exige que os indivíduos assumam vários papéis, que envolvem responsabilidades, direitos e oportunidades diferentes. Os grupos diferem devido a seus propósitos, instituições, tradição e localização. No entanto, são geralmente semelhantes em organização, estrutura e propriedade. Cada pessoa pertence a muitos grupos, e, por isso, os grupos têm muitos membros."²³

O homem, sem perder sua individualidade, deve aprender a identificar-se como elemento de cada um dos diferentes grupos a que pertence. A noção de pertencer ao grupo é essencial ao homem, importante para a estruturação da personalidade; dá segurança pessoal, favorece a aceitação, leva à participação, cria a interdependência.

A noção de pertinência, relativamente ao grupo, pressupõe, como básica, a percepção de si mesmo e dos outros no contexto grupal, cria direitos e deveres, sugere hierarquia de valores e autoridade, exige identificação ao mesmo tempo que não dispensa a individualidade.

Noção de grupo significa compreensão da posição individual nesse mesmo grupo e da posição dos demais, quer dizer conhecimento dos papéis a serem assumidos e desempenhados por si mesmo e pelos demais, de acordo com os valores e normas do grupo, de modo a permitir a convivência, com a sobrevivência do indivíduo.

No grupo, o indivíduo aprende, pelo comportamento dos "outros significativos", a reconhecer a adequação de sua conduta a determinada situação. Aprende também pela auto-avaliação que faz de seus próprios resultados.

No grupo, aprende a perceber o outro, dimensiona o outro, não como objeto mas como indivíduo, com vida interior, provido de necessidades, interesses, possibilidades, como ele próprio.

No grupo, e só nele, tem o indivíduo possibilidade de socializar-se, de deslocar o eixo das atenções de si para os outros, sem sentir-se prejudicado com isso.

Espaço:

Para levar a criança a despertar para o sentido geográfico do espaço, basta ampliar em sua mente a idéia concreta que ela já tem do mesmo.

A percepção do espaço diz respeito à apreensão das coisas em função de suas qualidades de:

- forma
- volume
- posição } distância
- profundidade direção

Um dos aspectos da maior importância ligados à percepção dos espaços refere-se ao estabelecimento de sistemas de referência que permitem detectar a posição ocupada pelos objetos percebidos, bem como as relações existentes entre os mesmos (organização, em termos de sítio e situação).

"Posição" refere-se à localização, no espaço, dos focos em estudo. Os conceitos de distância e direção estão vinculados à noção de posição, que é fundamental para o desenvolvimento de estudos geográficos. Convém lembrar que distância e direção são conceitos inerentes à localização relativa dos focos em estudo.

"Organização" refere-se à combinação de elementos no espaço. Os fenômenos que existem juntos numa área, em associação, são passíveis de organização e compreensão racional. Buscando essa compreensão, todo conteúdo será trabalhado através dos conceitos de sítio e situação.

O conceito de sítio favorece uma análise vertical, ou seja, conduz ao estudo das relações locais e da morfologia. O conceito de situação oportuniza uma análise horizontal: funcional ao estudo das interdependências regionais ou conjuntos espaciais, à ligação entre lugares, à conhecimento do que denominamos interação espacial. Leva-nos ao aspecto dinâmico de sistema.

O primeiro conceito está vinculado à noção de paisagem, analisando aspectos humanos e os diferentes elementos naturais (vegetação, clima, águas, solo e relevo), enquanto o segundo focaliza a interdependência entre diferentes paisagens.

Tempo:

O sentido de tempo é de fundamental importância para a compreensão da sociedade.

Diferentemente da experiência sobre espaço, a de tempo se obtém em termos de sistema de referência ou de contexto, e não de dado físcal, que serve de figura ou de tipo.

A noção de tempo está ligada às funções de memória e às capacidades de associação e de abstração e relaciona-se também à noção de causalidade, sendo lenta a elaboração de conceitos temporais.

Implica em noção de:

- sucessão → cronologia
- simultaneidade
- periodicidade
- velocidade.

Cronologia, além do arranjo de acontecimentos numa sequência de tempo, envolve a compreensão de diferenças matemáticas entre elas.

Importante, na aprendizagem, é saber sincronizar o tempo subjetivo e, também, dimensionar o tempo, em termos de:

presente — primeiro plano, do mundo imediato, em que objetos, homens e fatos estão em contato com os sentidos do indivíduo;

passado — plano que necessita da função da memória, para trazer ao presente o já ocorrido;

futuro — plano possível com o auxílio da imaginação, quando, usando a experiência, levantam-se hipóteses plausíveis, estabelecem-se projeções, fazem-se estimativas.

No estudo das relações de tempo, é importante ainda:

- a compreensão dos termos que designam unidades de tempo;
- a identificação de acontecimentos como parte de uma seqüência cronológica;
- o cálculo, em unidades matemáticas, do tempo que separa um determinado acontecimento do presente;
- a compreensão das diferenças de duração dos vários períodos históricos.

DISCIPLINAS QUE FUNDAMENTAM OS ESTUDOS SOCIAIS

As Ciências Sociais, bem como a Filosofia e a Psicologia, fundamen-

tam os Estudos Sociais de três formas distintas. Em primeiro lugar, as Ciências Sociais são as fontes básicas do conteúdo dos Estudos Sociais: os conceitos, as generalizações e os métodos de investigação. Em segundo lugar, os Estudos Sociais colhem dados das Ciências relacionadas a valores, problemas e mudanças de condições da sociedade. Em terceiro lugar, os fundamentos psicológicos e filosóficos dos Estudos Sociais se baseiam nas Ciências que se preocupam com processos sociais, aprendizagem, desenvolvimento infantil e outros aspectos da Educação.

Filosofia e Psicologia:

A Filosofia contribui para os Estudos Sociais, uma vez que valores, normas e regras vigentes nos diferentes grupos refletem uma filosofia da vida.

A contribuição da Psicologia se efetiva pela informações que oferece sobre as condições pessoais do indivíduo e sua interferência no processo de socialização e no interrelacionamento pessoal.

As Ciências Sociais:

Entre as Ciências que prestam sua contribuição aos Estudos Sociais destacamos:

- relativamente à noção do grupo, especialmente: Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas;
- relativamente à noção de espaço, especialmente: Geografia e Economia;
- em relação à noção de tempo, especialmente: História.

A SOCIOLOGIA é a ciência que estuda fenômenos sociais totais.

Conhecimentos de Sociologia permitem compreender a estrutura de grupos, fenômenos de grupos e o papel do indivíduo em diferentes grupos.

Os sociólogos estudam os comportamentos sociais através do método científico e da pesquisa social. A aplicação desses conhecimentos auxilia a solução de problemas sociais. Portanto, a Sociologia contribui diretamente para os Estudos Sociais.

As noções básicas abaixo relacionadas dizem respeito aos aspectos sociológicos dos Estudos Sociais:

- Os indivíduos aprendem uns dos outros.
- A existência de grupos exige cooperação entre eles.
- A família é a base da sociedade humana.
- O grupo familiar ensina à criança os comportamentos sociais de sua cultura.
- A organização familiar tem tomado diferentes formas em diferentes épocas e diferentes sociedades.
- As características de uma comunidade são o resultado da interação entre indivíduos e grupos de um ambiente específico.
- Pais, parentes, escolas e outras agências educativas asseguram a continuação da sociedade, ajudando as crianças a aprender valores, habilidades, conhecimentos e outros requisitos.
- O meio no qual a pessoa vive afeta muito suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento.
- As sociedades variam quanto à cultura.

FUNDAMENTOS DOS...

- As sociedades aproveitam idéias de outras sociedades.
- O homem vive em grupo.
- O homem organiza tipos diferentes de grupos para satisfazer suas necessidades.
- A comunicação é essencial à existência de cultura e grupos.
- As mudanças e variações podem resultar de fatores determinados pela própria cultura, tal como a invenção e uso de máquinas, ou através de contato com outras sociedades e culturas.
- A migração oportuniza diversidade cultural em um mesmo grupo e difusão cultural entre grupos.

A ANTROPOLOGIA "pesquisa as semelhanças e as diferenças fundamentais, anatômicas e culturais, entre os grupos étnicos".¹

Estudos de Antropologia oportunizam o conhecimento das variações humanas, tanto físicas quanto culturais, e a compreensão de causas e valores de tais diferenças. Permitem melhor compreensão da própria cultura, do próprio comportamento e do de outras pessoas. Aumentam a eficiência pessoal na vida cotidiana, uma vez que auxiliam na compreensão dos pontos de vista dos outros e na adaptação a mudanças.

A mais importante contribuição da Antropologia aos Estudos Sociais é a de que propicia uma apreciação melhor das qualidades universais do homem.

As seguintes noções básicas referem-se aos aspectos antropológicos dos Estudos Sociais:

- A linguagem é um instrumento essencial, efetivo e exclusivamente humano para invenção e transmissão de cultura.
- A arte, a música e outras expressões simbólicas e estéticas são meios efetivos de transmitir cultura.
- Todas as culturas provêm as necessidades básicas à vida humana em grupo, mas diferem, às vezes de modo marcante, na maneira como atendem a essas necessidades.
- Todos os seres humanos se assemelham porque pertencem à mesma espécie biológica, na qual ocorrem variações étnicas. As diferenças étnicas são insignificantes.
- Os seres humanos são muito mais semelhantes que diferentes.
- O homem se assemelha a outros animais em muitos aspectos.
- Uma importante diferença entre o homem e os outros animais é o raciocínio, que propicia o conjunto de conhecimentos, crenças e valores que constituem a cultura humana.
- Os membros do grupo familiar são semelhantes devido à hereditariedade e ao ambiente.
- Os grupos comunitários se adaptam ao ambiente.
- O homem herda e aprende padrões de comportamento.
- As heranças biológica e cultural resultam em variedades dos povos da terra.
- A diversidade de padrões culturais no mundo moderno faz a coexistência cultural de fundamental importância.
- O homem desenvolve processos sociais e instituições que asseguram a sobrevivência grupal.
- As contribuições culturais não são monopólio de grupo étnicos.
- As circunstâncias históricas, não hereditárias, determinam as realizações culturais de um povo.

- Não há base científica que comprove a superioridade de uma cultura sobre outra.
- O retardado tecnológico não é característico de um grupo étnico em particular.
- O atual nível cultural e material do homem é uma consequência de conhecimentos e experiências do passado.

AS CIÊNCIAS POLÍTICAS constituem "um campo de investigação dedicado à análise da política social". Proporcionam conhecimentos que auxiliam o indivíduo na conscientização de seus direitos e deveres de cidadão. Envolvem estudos de aspectos e problemas da vida pública na atualidade e na estrutura e função do governo e o desenvolvimento de habilidades de cidadania. Essas incluem, entre outras, colher informações em fontes dignas, saber expressar-se, participar ou coordenar reuniões e encarar a problemas de escola, comunidade, Estado, Nação e Mundo.

Entre as noções básicas que refletem aspectos políticos dos Estudos Sociais destacamos:

- A interação humana pacata depende dos controles sociais.
- O comportamento dos indivíduos é governado por normas geralmente aceitas.
- Os grupos comunitários são governados através de herança e de autoridade.
- Os grupos são governados por regras e leis.
- O homem desenvolve regras e leis para viver junto com outros homens.
- O homem, através dos povos, tem desenvolvido várias formas de governo.
- O governo existe para fixar normas para a vida em grupo.
- Os governos fazem regras para promover o bem-estar da sociedade.
- Os governos são estabelecidos para fazer pelo indivíduo o que ele próprio, muitas vezes, não pode fazer.

- Os governos diferem no modo de obter e exercer o poder.
- A natureza e a estrutura dos governos mudam.
- Os governos tornam-se complexos em resposta às necessidades e condições de mudanças.
- O governo nacional e local são inter-relacionados e interdependentes.
- O governo local e o nacional cooperam; responsabilidades são divididas entre eles.
- Os sistemas políticos se desenvolvem, mudam e são mantidos pela interação de indivíduos e governo.
- Os governos democráticos oferecem proteção para os direitos individuais e para os de grupos minoritários.
- Em uma democracia, indivíduo e grupos procuram alcançar seus objetivos por meio do voto, partidos políticos, pressão dos grupos e comunicação de massa.
- A vida democrática cria igualmente deveres e responsabilidades como direitos e privilégios.
- Os governos democráticos têm trazido melhoria no que diz respeito ao problema de direitos iguais e oportunidade para todos.
- Os governos democráticos operam através do princípio da maioria.
- A autoridade do Estado democrático é limitada pelas garantias e tradições constitucionais.
- A participação ativa do cidadão no processo de governo ajuda a assegurar a continuidade da democracia.
- Os governos democráticos fazem distinção entre o direito de livre expressão dos pontos de vista individuais e de minorias e a subversão.
- A Democracia é uma forma de governo no qual o poder emanha do povo.
- A Democracia implica em uma maneira de viver e em uma forma de governo.
- A Democracia se baseia na crença, na integridade do homem, na dignidade do indivíduo, na igualdade de oportunidades e na racionalidade,

aptidão, praticabilidade e habilidade do homem para governar-se e resolver seus problemas cooperativamente.

- A educação é necessária para fortificar a democracia.

A GEOGRAFIA "é ciência que se preocupa com a organização espacial terrestre".¹

"A geografia envolve mais do que a descrição da superfície terrestre. Em relação aos Estudos Sociais, preocupa-se principalmente com o uso que o homem faz do espaço terrestre através da utilização das matérias primas e dos recursos do seu ambiente natural. O estudo de Geografia, portanto, tem papel importante no desenvolvimento de eficiência cívica. Os problemas da humanidade não podem ser completamente compreendidos ou satisfatoriamente resolvidos sem um conhecimento dos fatores geográficos envolvidos. A distribuição geográfica do homem e o uso que faz dos recursos da natureza são básicos à compreensão de muitos problemas da atualidade, que têm implicações locais, regionais e internacionais. A geografia está intimamente relacionada a todas as ciências sociais, biológicas e físicas."²

São noções básicas relativas aos aspectos geográficos dos Estudos Sociais:

- A vida do homem é afetada pelas relações entre a terra e o universo.
- A vida na Terra é influenciada pela forma, pelo tamanho e pelos movimentos do globo terrestre.
- Muitas atividades ocorrem na superfície da Terra — sob e sobre a superfície.
- O homem influencia o lugar onde vive.
- As comunidades criam diferentes maneiras de ajustamento a ambientes físicos variados.
- As ocorrências provocadas pela natureza e não controladas pelo homem prejudicam ou destroem a vida e a propriedade do homem.
- O homem, através dos tempos, tem utilizado sempre os recursos que a terra oferece para viver.
- O homem tem que usar os recursos naturais para sobreviver; por isso, a distribuição e o uso desses recursos determinam onde ele deve viver na superfície terrestre e como viver.
- O homem modifica o ambiente, para utilizar e aumentar seus recursos.
- O uso que uma nação faz de seus recursos geográficos depende de seus objetivos políticos e econômicos.
- O ambiente afeta a maneira de viver do homem e este, por sua vez, modifica seu ambiente.
- As mudanças físicas e humanas em uma parte do mundo afetam a vida dos povos em outra parte do mundo.
- Os fatores geográficos tem grande significação na vida de uma nação.
- Nenhuma nação é completamente auto-suficiente.
- Os conflitos entre nações podem surgir por causa de fatores geográficos.
- A cooperação internacional em programa científico favorece a exploração intensiva da Terra e do espaço.
- O clima, que provoca diferenças regionais do relevo, solo, drenagens e vegetação natural, determina a densidade relativa da população nas várias regiões do mundo.
- Aumentando a densidade de população, aumenta a possibilidade de conflito e a necessidade de cooperação entre os homens.

¹Ibid.

²Ibid.

FUNDAMENTOS DOS...

- As semelhanças de paisagens natural e cultural ajudam a identificar áreas culturais, em várias partes do mundo.
- A Região é uma secção da Terra que tem características físicas ou culturais semelhantes.
- As regiões são organizadas tomando por base o modo como um povo usa sua geografia.
- As relações entre áreas culturais tendem a expandir-se com o incremento do desenvolvimento tecnológico.
- O nível de tecnologia do homem determina como ele produz, troca, transporta e consome seus bens.
- Os mapas e globos são representações visuais da Terra ou de partes da Terra.
- A escala usada na execução de mapas e globos estabelece a relação entre o que está exposto no mapa e o tamanho e forma real da área representada.
- Nos mapas e globos são usadas convenções que auxiliam na leitura e interpretação dos mesmos.
- A fotografia aérea é um instrumento essencial no mapeamento das fisionomias da paisagem e culturas em desenvolvimento, em uma determinada área.
- As mudanças na organização política alteram o mapa.
- As distâncias são medidas acima e abaixo da terra e acima e abaixo do nível do mar.

A ECONOMIA é a "ciência que estuda as necessidades humanas e os meios de satisfazê-las".¹

O conhecimento de elementos de Economia é essencial à educação básica, uma vez que a pessoa toma decisões de caráter econômico durante toda sua vida. Através de diversas atividades comunitárias e do voto, ela participa de decisões referentes a problemas que envolvem o bem-estar econômico de todos.

As seguintes noções básicas referem-se aos aspectos econômicos dos Estudos Sociais:

- As necessidades humanas são sempre em número superior aos recursos.
- A relativa escassez faz com que seja necessário determinar a procura de recursos produtivos, de modo a poder satisfazer as necessidades humanas.
- As necessidades podem ser materiais, de bens e de serviços.
- Os indivíduos usam os recursos que estão à sua disposição para satisfazer suas necessidades.
- Os homens interagem para utilizar os recursos disponíveis.
- A cultura da comunidade determina o uso de recursos.
- A conservação de recursos naturais é necessária para aproveitamento no futuro.
- Os padrões de compra e venda dependem das escolhas que as pessoas fazem.
- Em cada sociedade, a preferência determina os bens e serviços produzidos.
- O comportamento econômico depende da utilização dos recursos.
- A sociedade deve estabelecer prioridades, para o atendimento com os recursos disponíveis.
- As economias usadas para produzir mais bens trazem investimentos, mais possibilidades tem para produzir.

- Os sistemas econômicos são moldados pelos valores e cultura.
 - A produtividade aumenta torna possível maior satisfação dos desejos humanos.
 - Os produtores usam recursos humanos, naturais e de capital para oferecer bens e serviços.
 - A especialização e divisão de trabalho fazem possível maior eficiência na produção de bens e serviços.
 - A necessidade de produzir mais gera a especialização.
 - As especializações geram grande interdependência em economia.
 - As especializações geram necessidade de transportes e comunicações, para favorecer a distribuição de bens e serviços.
 - O capital é fator-chave na produção de mais bens.
 - Os consumidores resolvem comprar, geralmente com suas limitadas economias, aqueles bens e obter aqueles serviços que lhes oferecem maior satisfação.
 - A política governamental ajuda poderosamente o crescimento econômico.
- A HISTÓRIA "é a ciência dos fatos humanos e dos vários fatores que neles influem, vistos na sua sucessão temporal".²
- "A História é responsável pelo destaque e interpretação das semelhanças entre as experiências humanas. Serve de medida para avaliação das ações, instituições e eventos humanos. A História, junto com outras das ciências sociais, mostra os grandes valores básicos e universais que compõem os esforços do homem na busca de seus objetivos. O estudo de História, portanto, provê o homem contemporâneo de uma base para ação inteligente, agora e no futuro."³

As noções básicas abaixo relacionadas dizem respeito aos aspectos históricos dos Estudos Sociais:

- Cada acontecimento, movimento e instituição tem raiz no passado.
- Os costumes, tradições, valores e crenças passam de geração a geração.
- O conhecimento do passado ajuda o homem a compreender o presente e a projetar para o futuro.
- As causas e consequências dos eventos históricos são numerosas e complexas.
- Os eventos históricos podem ter consequência em tempo e espaço diversos daqueles em que ocorreram.
- Nenhuma história se repete exatamente do mesmo modo; causas semelhantes tendem a produzir resultados similares.
- O conhecimento do passado é feito através dos documentos históricos que são selecionados, classificados e interpretados.
- A mudança é uma condição inevitável da vida e a decorrente modificação de atitudes pode provocar conflitos.
- As mudanças podem ser provocadas por: movimentos dos po-

vos, transmissão de herança cultural pelas gerações sucessivas; aparecimento e difusão de novas idéias, atitudes, crenças e valores; novas invenções e descobertas; alterações no meio físico.

- A mudança não implica necessariamente em progresso.
- O progresso envolve mudança na direção de metas estabelecidas.
- O progresso ocorre quando o homem resolve problemas que resultam de mudanças, com vários graus de sucesso.
- A mudança é uma condição da sociedade humana; civilizações

florescem e declinam; sistemas de valores melhoram e se desintegram; o ritmo das mudanças variam em diferentes culturas e períodos da história.

- Em todos os tempos e em todas as regiões do mundo, o homem trabalhou para atender necessidades humanas comuns e básicas e para satisfazer seus desejos e aspirações.
- Pessoas de todas as raças, religiões e culturas contribuíram para o patrimônio cultural. A sociedade moderna tem débito com inventores culturais de outros lugares e tempos.

FONTES DE CONSULTA

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Guia metodológico para cadernos MEC: estudos sociais 1*. FENAME.
2. LOWE, William T. — *Structure and the social studies*. Cornell University Press.
3. MICHAELIS, John U. — *Estudos sociais para crianças numa democracia*. Trad. de Leonel Vallandro, Porto Alegre, Globo [1963].
4. MICHAELIS, John U. & JOHNSTON, A. Montgomery — *The social sciences: foundations of the social studies*. Boston, Allyn and Bacon.
5. PRESTON, Ralph — *Ensino de estudos sociais na escola primária*. [Trad. de Sônia Teixeira Mendes Costa] [Rio de Janeiro] Fundo de Cultura [1965]. ■

VERA NEUSA LOPES e IZABELLA KERTÉSZ exercem suas atividades na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

ESTER MALAMUT —
da equipe da RF

CORDEIRINHO

Corre, corre cordeirinho
este espaço não tem fim
corre, corre cordeirinho
e depois volta pra mim...

CAIXINHA DE RIMAS



PASSARINHO

Passa, passa passarinho
nada impede teu caminho
passa, passa passarinho
e depois faz o teu ninho

UM COELHO

Coelhinho saiu correndo,
outro atrás rodou, rodou,
qual será desses coelhos
que depressa a mim voltou?

O EMPREGO DOS DEMONSTRATIVOS

IRIA MÜLLER POCAS e NILDA CATARINA
ATHANÁSIO — da equipe da RF

Os pronomes demonstrativos revelam a posição dos seres em relação a pessoas gramaticais: este, esta, isto; esse, essa, isso; aquele, aquela, aquilo. Localizam o substantivo. Quando precedidos das preposições de e em que, combinam-se sem o apóstrofo — **deste, desta, disto; nesse, nessa, nisso;** **aquele, aquela, aquilo.** Podem, também, combinar-se com o pronome **outro — estoutro, essoutro, aquelloutro** etc.

Os pronomes demonstrativos **mesma, mesmo, próprio, própria, tal, tais, lhante, semelhantes**, quando revelam identidade ou se relacionam a termos anteriormente expressos, identificam a coisa que se nomeia.

O emprego desses pronomes parece muito fácil à princípio, visto que empregamos **este, esta, isto** para indicar proximidade com a 1^a pessoa, com a pessoa que fala; **esse, essa, isso**, para indicar proximidade com a 2^a pessoa, com a pessoa com quem se fala; **aquele, aquela, aquilo**, para indicar tudo que estiver distante da 1^a e 2^a pessoas.

Assim, diremos:



Em exemplos como os acima expostos o emprego dos demonstrativos não constitui problema. Entretanto, eles não são usados somente para indicar proximidade com as pessoas, mas também com relação aos termos de um período.

Assim, numa oração empregamos este, esta, isto . . .

. . . para indicar o termo mais próximo. Ex. . .

Em todas as baleias de barbatanas as fêmeas são maiores que os machos, tendo estes, em média, doze metros de comprimento e as fêmeas um metro e vinte e mais.

. . . para anunciar o que se pretende mostrar ou para introduzir coisa desconhecida. Ex. . .

A baleia cachalote tem esta característica: dentes.

. . . para aproximar fatos, momentos, em se tratando de confronto. Ex. . .

O capitão do navio contava sua viagem:

— Em 1965 fiz um Cruzeiro pelo Pacífico com o objetivo de estudar o costume das baleias. Acompanhava um grupo de baleias cinzentas, quando vi um cardume de orcas investir contra elas. Sentindo a aproximação do inimigo, as baleias ficaram paralisadas de horror, sem tentar fugir ou mergulhar. Ainda hoje, este fato me apavora.

esse, essa, isso . . .

. . . para indicar coisa já apresentada. Ex. . .

A baleia cinzenta, não sendo parenta próxima de nenhuma outra baleia viva, foi classificada em uma família separada. Essa baleia existiu, num passado muito remoto, no Atlântico Norte.

aquele, aquela, aquilo . . .

. . . para indicar o termo mais afastado. Ex. . .

Há baleias lisas e baleias de nadadeiras; estas têm a cabeça chata e mais curta; aquelas, cabeças grandes e arqueadas.

O texto que apresentamos a seguir, sobre as baleias, apresenta inúmeros pronomes demonstrativos e poderá servir para o estudo de seu correto emprego.

As baleias

Entre os inúmeros seres que habitam as águas do mar, a baleia é, sem dúvida, uma das espécies mais interessantes. Antigamente esses seres viviam na terra e eram bem menores. Por alguma razão, passaram a viver no mar desenvolvendo-se cada vez mais. Não há exemplo de evolução mais notável do que esse. Esta modificação, transformando em aquático um ser terrestre, levou milhares de anos para se consumar, originando, finalmente, as baleias que conhecemos. Desses seres gigantescos, a "baleia azul" é a representante de maior porte. Vive nos mares solitários, próximos à Antártica. Isso porque nas águas frias encontra mais algas e crustáceos do tipo necessário à sua alimentação.

Além da baleia azul, que é tida como o maior animal da face da terra, existem outras espécies, como a baleia de "nádadeira", a baleia de corcova, a baleia de Groenlândia, a baleia cachalote. Esta última é a única grande baleia que tem dentes. Alimenta-se de lulas gigantes e nas lutas com esses animais sai sempre vitoriosa.

A vida íntima das baleias desafia e aguça a inteligência dos estudiosos por apresentar ainda inúmeras facetas ocultas.

Exercícios que poderão ser realizados durante este estudo:

- Explique o emprego dos pronomes demonstrativos grifados no texto.
- Escreva uma frase onde apareçam os demonstrativos este e esse.
- Complete as lacunas com os pronomes demonstrativos apropriados:
 - Acabo de ler . . . livro coisas interessantíssimas sobre a vida das baleias.
 - Capturar baleias é um trabalho exaustivo. . . . trabalho não serviria para mim.
 - Ainda não consegui ver . . . filme sobre o qual me falaste.
 - As baleias e seus inúmeros parentes constituem um estudo interessante. Antigamente . . . seres gigantescos eram animais de menor porte e viviam na terra.
 - Muitos pássaros buscam no mar seus alimentos, como . . . pelicanos e "lavadeiras".
(estes — esse — neste — aquele — esses)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Napoleão Mendes de — "Demonstrativo." In: — Gramática metódica da língua portuguesa. 14. ed. São Paulo, Saraiva, 1962. cap. 20. p. 166-172.
2. ANDREWS, Roy Chapman — As baleias. Trad. de Carlos Evaristo M. Costa. Rio de Janeiro, Record [1964].
3. LANE, Ferdinand C. — O mar. Trad. de Gisela Brigitte Laub. 2. ed. Rio de Janeiro, Record [1964].
4. MELO, J. Nelino de — Estudos práticos de gramática normativa da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro, Bruno Buccini, 1968.

Muito se tem dito e escrito sobre o crescimento populacional e as formas de abastecer, num futuro não muito longínquo, todos os habitantes da Terra. A água potável, indispensável a qualquer ser humano, em breve se tornara escassa para prover os grandes cidades, apesar dos imensos mananciais atualmente existentes. Necessário se tornou achar uma solução para esse problema. E os químicos a encontraram: a utilização da água do mar. Sendo inadequada ao consumo, em seu estado natural, foi necessário purificá-la, mediante o processo da **destilação**. Atualmente isso só é feito em laboratórios, em pequena escala ou, em grande escala, onde o aproveitamento das águas do mar constitui a única alternativa porque, embora os resultados obtidos sejam excelentes, uma destilação em larga escala torna-se excessivamente dispendiosa.

A **destilação** consiste no aquecimento do líquido até transformá-lo em vapor. Este é recolhido e condensado por meio de um sistema de refrigeração apropriado. Ao final dessa operação obtém-se o líquido livre das substâncias voláteis nele contidas. Assim, no aproveitamento da água do mar, por exemplo, a água vaporizada liberta-se de seu conteúdo salino e ao ser condensada já é potável. O mesmo processo poderá ser aplicado para o reaproveitamento das águas contaminadas.

A destilação não serve apenas para separar líquidos de líquidos, mas também sólidos de sólidos, gases de gases.

Atualmente, uma das mais importantes aplicações da destilação consiste na separação de alguns gases que compõem o ar, como o nitrogênio, o oxigênio, o hélio, o hidrogênio etc. Para tornar essa separação possível, o ar é liquefeito e, mediante o aumento de temperatura, é possível separar seus componentes.

FAZENDO E DESFAZENDO MISTURAS

A maioria das substâncias apresentam-se agrupadas, formando **misturas**. A água, o ar, os animais, nós mesmos, somos exemplos de misturas. Para que haja mistura é necessário que as substâncias agrupadas conservem suas propriedades, podendo, assim, ser separadas por processos físicos.

Faça algumas misturas, de sólidos com líquidos, de líquidos com líquidos, observe e verifique: todas as substâncias se dissolvem igualmente na água?

Observe outras misturas:

- um pedaço de latão, mistura de cobre e zinco;
- um pedaço de bronze, mistura de estanho, cobre e zinco;
- uma garrafa fechada de refrigerante. Ao retirar a tampinha, veja que pequenas bolhinhas vêm à tona. São partículas de um gás, CO_2 , que a indústria de refrigerantes emprega;
- o ar. Uma pequena rístia de luz entrando num recinto escuro permite que se observe as impurezas misturadas do ar.



As misturas que à primeira vista podem ser identificadas — como a mistura de feijão com arroz, azeite e água, açúcar e farinha de milho — denominam-se **misturas heterogêneas**. As misturas cujos componentes não são distinguíveis à simples observação — como a mistura de sal e água, de vinagre e água, de cobre e zinco, de nitrogênio e oxigênio — denominam-se **misturas homogêneas**.

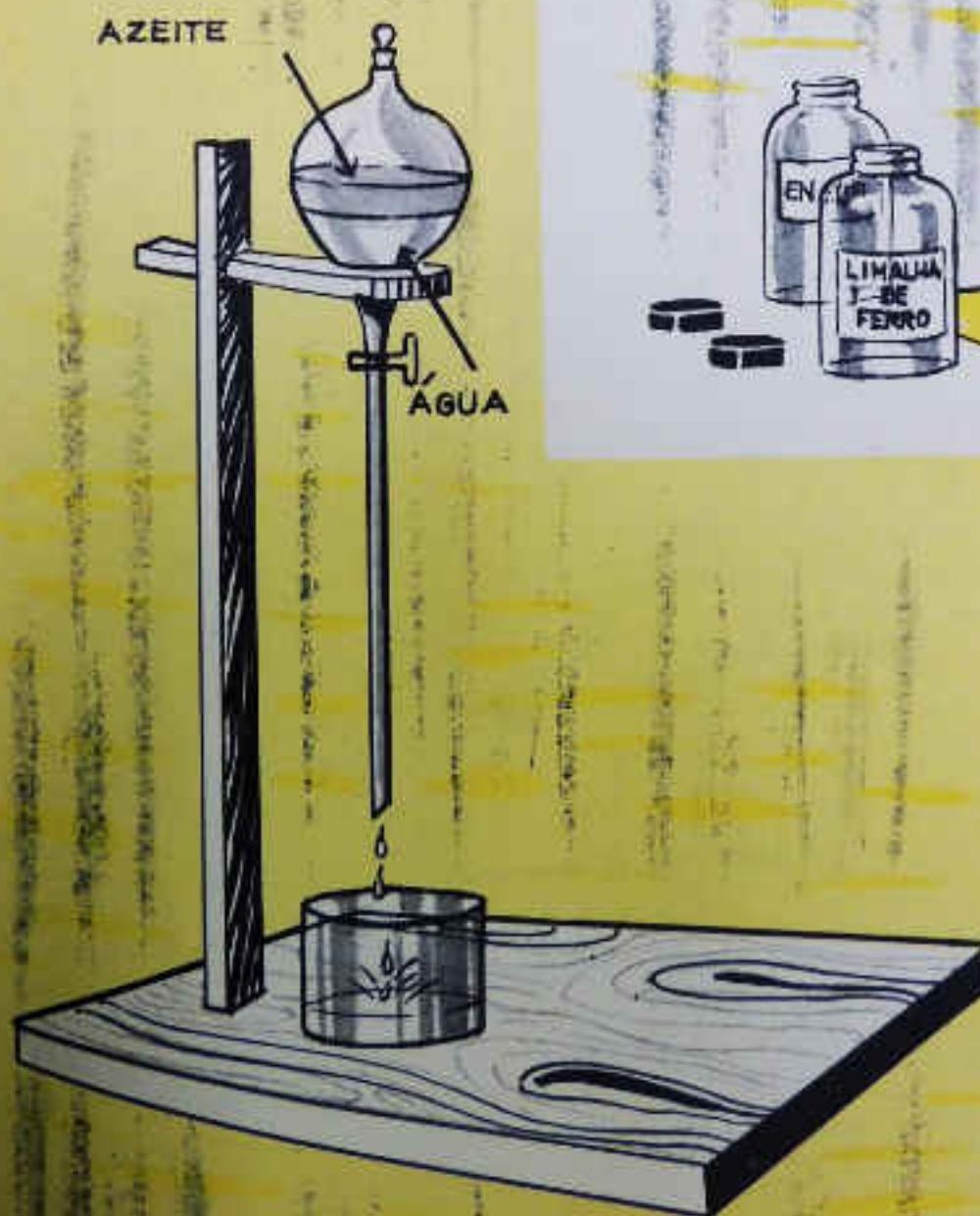
Realize uma série de misturas e classifique-as quanto ao caráter de homogeneidade ou de heterogeneidade.

Muitos são os processos empregados na separação dessas misturas, alguns dos quais bastante simples, como:

- “catar” as impurezas do feijão antes de colocá-lo na panela;
- peneirar a farinha;
- filtrar a água.

Vejamos, a seguir, como separar misturas mais complexas.

Alguém, distraídamente, mistura enxofre com limalha de ferro e você necessita separá-los novamente. Como proceder? Pegue um imã e aproxime-o da mistura. Você verá que o imã atrai somente a limalha de ferro, separando-a, assim, do enxofre.



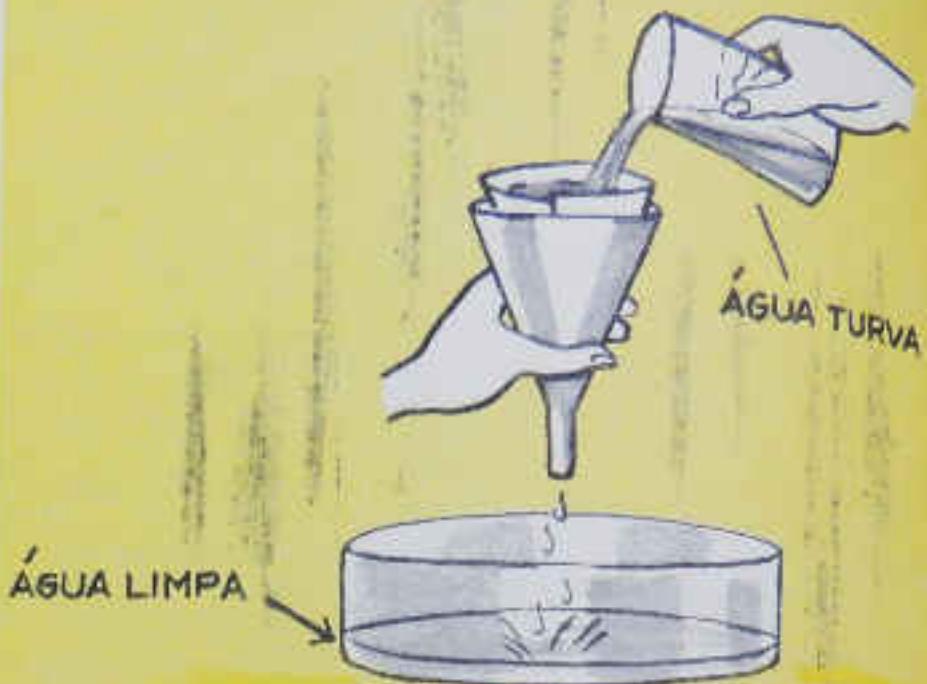
E como proceder para separar aquela mistura de água e azeite que você fez? Coloque a mistura num filtro de decantação e observe que o azeite, por ser menos denso do que a água (sobre densidade veja experiência na RE nº 136, p. 39-40), flutua, sendo possível separar estes líquidos. Para tanto, abra a torneirinha, controle a saída da água, e você terá, no final, o azeite no funil e a água na vasilha. Se, ao invés de azeite, você realizar a experiência com farinha de milho, basta esperar que a farinha, mais densa que a água, se acomode no fundo de um copo. Cuidadosamente, despeje a água em outro recipiente. Esse processo, que permite separar dois líquidos não miscíveis ou um sólido e um líquido, denomina-se **decantação**.

Há casos em que as partículas sólidas são muito pequenas. A decantação torna-se então deficiente, sendo necessário recorrer à **filtragem**. Para filtrar a água que desejamos beber, por exemplo, existem filtros caseiros. Os mais comuns, de barro, constam de dois compartimentos interligados por meio de "velas". A água passa da vasilha superior por essas velas, caindo, livre de impurezas, na vasilha inferior.

Onde teriam ficado as impurezas? Observe as velas depois de algumas filtrações. Elas continuam brancas?

Você já ouviu falar que os automóveis possuem velas? Saberia dizer para que elas servem?

A filtragem também pode ser feita mediante um filtro de papel. Experimente. Dissolva um pouco de argila em pó na água. A seguir, passe essa mistura pelo filtro de papel. Você poderá observar que a água turva, ao passar pelo filtro, nele deposita suas impurezas, saindo limpa. O papel de filtro pode ser adquirido nas farmácias.



"Ao entrar em ebulição a água desprende vapores que penetrarão no tubo e, ao encontrarem uma superfície fria, se condensam, transformando-se em água destilada."

"Se fui água destilada colocarmos algumas gotas de tinta, poderemos, mediante o processo acima descrito, obter novamente água destilada?"

O processo de passar uma substância do estado líquido ao gásoso e novamente ao líquido, por condensação dos vapores, denomina-se **destilação**. Outros líquidos poderão ser transformados pelo mesmo processo.

Foi o que CARLOS GERBASE, aluno da 2^a série ginasial do Colégio Anchieta, em P. Alegre, nos provou. No destilador, ou alambique, que ele mesmo construiu, Carlos colocou vinho e, ao final do processo, obteve conhaque. Repetindo o mesmo método por 4 vezes, obteve o álcool puro.

Nas fotos, Carlos realizando experiências em seu alambique.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A DESTILAÇÃO. Ciência Ilustrada, São Paulo, 3(10):887-91, mai. 1970
2. MARQUES, João Queiroz & SARTORI, José Antônio — "Química". In: *Iniciação científica: ciências físicas e biológicas*. (6. ed.) [São Paulo] Nacional [1970] v.3, cap.5, p.189-212.
3. OLIVEIRA, Disipival Moraes — "A química e a vida: substâncias e o mundo". In: *Ciências físicas e biológicas*. (São Paulo) Brasil [s.d.] unidade 2, cap.1, p.205-36.

DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO DO DEFICIENTE MENTAL

NILZA TARTUCE

Por ocasião do Congresso do "Bureau" Internacional Católico da Infância, realizado em Roma, o Papa Paulo VI, ao receber os participantes, disse que a Igreja se preocupa com o problema dos deficientes mentais "tanto mais que se trata de pessoas cuja inteligência, mergulhada numa natureza rebelde, deve ser novamente criada" — mostrando compreender a grande importância dos esforços para integrar o deficiente na sociedade, no sentido de que toda esta grande tarefa se resume em se refazer uma personalidade, ou antes, de repô-lo no seu verdadeiro caminho: a circulação social.

Segura de que não será suficientemente focalizado tão importante assunto, pela enorme variedade de aspectos que o tema apresenta, limitar-me-ei a uma apreciação global dos problemas de comportamento do excepcional, vistos, apenas, na sua expressão dinâmica.

Embora saibamos que o "déficit" intelectual indiscutivelmente predispõe o indivíduo a várias formas de perturbações psicológicas, as dificuldades emocionais dos oligofrênicos são, em princípio, muito semelhantes às dificuldades emocionais da vida que todos nós sofremos, às vezes.

Este é um trabalho simples e limitado em suas pretensões, que visa a abordar outros fatores que não os intelectuais no desajustamento da conduta do oligofrênico, principalmente aqueles relacionados ao ambiente, ou seja, ao grupo social.

O Homem é um ser que compreende sua situação no meio dos homens e dos objetos que o cercam. Constrói e alimenta sua personalidade no e pelo contato com os outros. Estudos sobre a socialização mostram como a sociedade, através dos seus principais grupos (a família, a escola), influencia, decididamente, a personalidade do indivíduo, moldando seus hábitos, atitudes e normas de conduta. Assim, a descrição psicológica do indivíduo está, geralmente, revelando as influências sociais e é possível compreender o comportamento humano em termos de relações interpessoais.

A primeira instituição social na qual o indivíduo está situado e começa a conhecer é a FAMÍLIA — unidade psicológica onde o Ego está imerso e de onde começará a diferenciar-se. A criança aprende a tomar, com os objetos do seu ambiente, as mesmas atitudes que são tomadas pelos outros, ao mesmo tempo que toma, para consigo mesma, a atitude exatamente igual a que tomam para com ela. Assim, em primeiro lugar, a criança interioriza as atitudes dos indivíduos particulares (antes de tudo de seus pais) e o seu comportamento é, em grande parte, determinado pela sua experiência com os outros que não são apenas outros, mas "outros importantes" para ela. Pensando em si mesma, à luz das atitudes dos outros para com ela, a criança torna-se autoconsciente e começa a adquirir um "eu-social", agindo e reagindo de acordo com a estimulação e solicitação recebidas.

Logicamente, isto é válido também para a criança deficiente que vai incorporando, em sua estrutura psíquica, as atitudes que o grupo toma para com ela e, pela maneira como é estimulada e solicitada, vai apresentando os comportamentos compatíveis com os padrões que lhe são oferecidos ou impostos. Se o meio, valorizando apenas as ações intelectuais, lhe exige respostas que estão completamente fora do seu alcance ou lhe nega oportunidades de expressão porque a considera incapaz, os seus conflitos crescem graças as tensões que lhe são transmitidas levando-a, assim, às alterações do comportamento: torna-se ansiosa, insegura de si mesma, do amor de seus pais e procura compensar, neuroticamente, a falta de compreensão e ca-

vinho, porque sente que os membros do grupo (a família) não tem para com ela a justiça, o amor e a compreensão que lhe são devidos. Se não tem êxito em sua tentativa, a condição se agrava, o desajustamento se torna patente em atos de rebeldia, francamente anti-sociais.

E é fato de dúvida, portanto, que está na família uma grande parcela, talvez a maior, de responsabilidade no desajustamento do excepcional, quando não lhe proporciona um clima suficientemente adequado para o seu desenvolvimento, adotando atitudes extremas de superproteção ou de exigências exageradas que vão influir no comportamento posterior do deficiente quando, adulto, tiver que integrar-se à sociedade pela produção útil no trabalho.

É clássico descrever em duas grandes séries as causas dos problemas de comportamento: as **intrínsecas**, inerentes ao indivíduo, e as **extrínsecas**, que atuam do exterior sobre ele.

Não é possível reeditar aqui velhas discussões sobre o valor relativo de um ou outro grupo de fatores, uma vez que um deles, ao adquirir supremacia, logicamente diminui a importância relativa do outro. Mas em que pese a importância das condições intrínsecas (falta de capacidade intelectual) que, reconhecemos, fazem especialmente difícil a adaptação do deficiente mental, cremos mais na influência dos fatores ambientais.

Depois de muitos anos trabalhando com crianças e adolescentes com retardamento mental e suas famílias, damos cada vez maior importância às correntes emocionais dos pais; tensões que, embora estejam ligadas a conflitos psíquicos que não são revividos e reatualizados ao ser enfrentado o problema do nascimento de um filho com retardamento mental, são agravadas, indiscutivelmente, pela enorme pressão que exerce o nosso meio cultural ao estigmatizar, mais do que qualquer outro, o deficiente mental.

Não se pode negar que é a sociedade que se recusa a aceitar o deficiente. De um lado, omitindo-se ou abertamente rejeitando-o, ao negar-

lhe oportunidade de aplicar, com finalidade de relacionamento humano, os seus potenciais, destrezas e aptidões, dentro de um raio de ação que pode ser limitado, mas é de indiscutível valor. De outro lado, adotando protecionismo, a compaixão que de seus interesses e, consequentemente, a dificuldades crescentes de socialização.

CONCLUSÕES

Os distúrbios da conduta do deficiente mental podem ser a consequência direta dos traços próprios de sua personalidade, mas resultam indiretamente do comportamento dos que o cercam. A resistência do meio em aceitar a insuficiência intelectual do oligofrênico o mantém fora dos grupos, levando-o a reagir com mecanismos de defesa contra a sua inferioridade, com comportamentos que oscilam de forte agressividade à excessiva timidez.

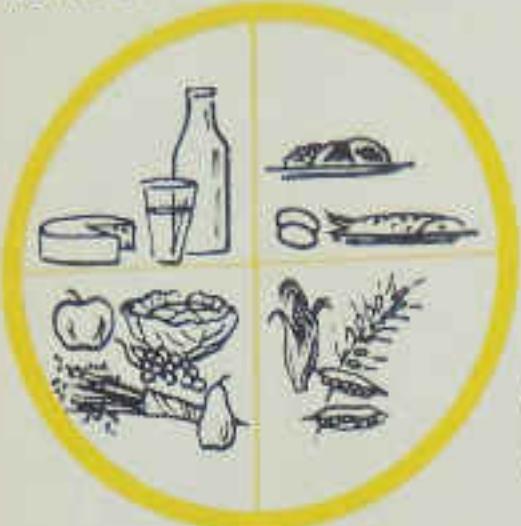
Sentir-se afastado ou desprezado, isto é, ser alguém "que não conta" equivale para ele à perda de sua existência social e um estado de tensão extrema se desenvolve em seu psiquismo, a tal ponto que pode haver ruptura do equilíbrio normal, dando-lhe a aparência de um psicopata. Onde há rejeição há insegurança e ansiedade; onde há ansiedade há medo e anulação. Isto é fácil de entender se considerarmos a energia psíquica que está contida nesta busca de integração: primeiro, o enorme esforço que exige o seu preparo, uma vez que, para alcançar êxito em tarefas por vezes demasiado aborrecidas tem que vencer as terríveis barreiras impostas pelo déficit intelectual; segundo, o fato de que a necessidade interior de contato, presente em qualquer indivíduo, parece muito maior no deficiente — necessidade básica de comunicação, de apoio, de troca, de simpatia, de ocupar o "seu" lugar, num ou outro grupo. Quando isso lhe é negado, instala-se a inquietação, a angústia. Nada é mais perturbador, mais asfixiante para a vida psíquica do que esta experiência vivida de abandono e isolamento. Poder-se-ia compará-la ao estado orgânico de privação do ar ambiente.



O ponto central é, portanto, a educação do deficiente e a orientação à família e à Comunidade, objetivando sobretudo o caráter preventivo dos distúrbios de comportamento daquele.

A tarefa da educação consiste em ajudar a formação de um superego que permita ao oligofrênico o auto-domínio de seus impulsos e a capacidade de reorientá-los de modo que sejam socialmente aceitos. É a educação especializada, com os recursos técnicos de que atualmente dispõe, que o levará a alcançar o autoconceito de sua realidade, a aceitar-se dentro de suas limitações e ajustar-se corretamente ao "status" que pode

Continua na pág. 41



Coluna de Educação Alimentar sob a responsabilidade do Programa de Nutrição Escolar da U.A.P. — SEC. — RS.
Gerente do Programa: Dr. LUIZ JOSE VARGAS DUARTE

Colaboração: Dr. RUBENS MENA BARRETO COSTA.

CARÊNCIA PROTÉICO-CALÓRICA (II)

Reflexos sobre o bem-estar político e social

O advento dos modernos conceitos de nutrição vem provar o profundo vínculo existente entre a alimentação e a fisionomia de vida dos povos.

O alimento não tem apenas influência sobre o aspecto somático do homem: estatura, vigor, resistência às infecções ou sobre a higiene de seus dentes.

Os próprios termos "segurança", "poder", "submissão", "ajustamento", "agressividade" apresentam correlação íntima com a alimentação, que também modula diversas situações psicológicas.

Houve um tempo em que um primeiro-ministro inglês tranquilizava o rei, quando dizia: a unidade do Império não é tão fácil de ser desunida, porquanto nós, os 40 milhões das Ilhas Britânicas, comedores de carne, submetemos facilmente 800 milhões de orientais, comedores de arroz. Os fatos posteriores estão demonstrando que o ministro estava errado. E, em verdade, o que se vê é que, em todo o mundo, os grandes focos de agitação social situam-se justamente nas áreas de baixo consumo proteico, ou protéico-calórico, quando as grandes massas subnutridas e sofredoras podem ser presas fáceis de elites conscientes e reivindicadoras mais agressivas.

O homem, talvez numa tentativa de fugir à realidade que o impulsiona, qual seja a de biologicamente ter necessidades comuns aos animais, no que se refere à nutrição, tentou e tenta superar, aparentemente, tal contingência, através de conquistas do espírito e da técnica.

Há alguns anos atrás foram convidados os Estados Unidos da América, União Soviética e a Inglaterra para, em conjunto, tratarem de resolução da maior calamidade que enfrenta o homem em todos os continentes — a fome. Essas três potências ricas e aparelhadas, mostraram-se completamente diferentes ao problema. (Sebret: Sobrevivência ou Suicídio da Democracia).

Entretanto, meses mais tarde, o primeiro "Sputnik", cortava o espaço sideral e os cosmonautas rasgavam o infinito.

Consideramos que a estabilização de nosso regime, a preservação de nossa liberdade está intimamente ligada ao estabelecimento de uma justa e eficiente distribuição do alimento.

Para isso não só os governos, mas a própria comunidade deverá estar atenta.

Temos certeza de que a democracia dinâmica e consciente está em condições de resolver, aos poucos, a situação, desde que se considere na medida seu desenvolvimento — uma luta pela recuperação da criança, o futuro homem. Desenvolver um país não é somente investir num esforço de produção, mas também criar condições para que o homem tenha meios físicos e intelectuais para poder fazer uso conveniente de seus braços, e de sua inteligência.

Os Estados Americanos, quer por sua situação geográfica, quer por sua origem histórica, sempre estiveram unidos. Esta união, entretanto, era ocasional. E isto, para o homem americano, não era suficiente. Ele queria mais, ansiava por uma terra unida e livre, que oferecesse um ambiente favorável ao pleno desenvolvimento de sua personalidade e que lhe propiciasse realizar tudo aquilo que era justo fazer.

E lenta, constante, pacífica e conscientemente o homem formou uma ideia que evoluiu e se concretizou na forma rudimentar da "Primeira Conferência Internacional dos Países Americanos", realizada em Washington, de 1889 a 1890. Ali germinaram os primeiros anseios pela formação de uma associação denominada "União Internacional das Repúblicas Americanas" e de uma repartição, o "Escritório Comercial das Repúblicas Americanas". Enquanto o primeiro simbolizava a formal união dos países desse Continente, o segundo era o primeiro passo para uma ação, pois se destinava a colher e reunir todos os dados e informações referentes à produção, comércio e regulamentos aduaneiros dos países americanos. E foi este escritório que, mais tarde, originou a atual União Pan-Americana, pois na segunda conferência, realizada na cidade do México em 1902, foi acertado que este, que já era chamado "Secretaria Internacional das Repúblicas Americanas", tivesse em sua cúpula um Conselho Diretor, no qual estivessem representados todos os Estados-membros.

As demais conferências tiveram como tema a ampliação dos fins e das atribuições da Secretaria; a denominação do conjunto de países que a mantinham, de União Internacional das Repúblicas Americanas; a mudança do nome da secretaria, para União Pan-Americana.

Sempre reunida em conferências, a entidade prosseguia no caráter de sua formação — buscando meios e soluções para os problemas de cooperação econômica, social, cultural e de solidariedade humana; nunca exerceendo funções de natureza política. Entretanto, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. A Organização sentiu-se atingida pelas transformações provocadas e suas atividades foram, obrigatoriamente, adquirindo feições políticas. Também o advento da Organização das Nações Unidas pressionou a União International das Repúblicas Americanas a tomar características definidas.

E com a finalidade de reorganizar, consolidar e fortalecer o sistema americano, foi firmada na cidade do México a Resolução N° 9, que con-





feria à União Pan-Americana funções nitidamente políticas. Ai, também, foi assinado o chamado "Ato de Chapultepec" que afirmava que essa declaração constitui "um acordo regional, para tratar de assuntos concernentes à consolidação da paz e da segurança internacionais suscetíveis de ação regional neste hemisfério".

Para confirmar e dar validade ao Ato de Chapultepec, seus membros reuniram-se no Rio de Janeiro, onde assinaram o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, que é hoje o principal instrumento para a manutenção da paz e da segurança.

Mas foi a 9ª Conferência Internacional Americana realizada em Bogotá que definiu a Organização, pela assinatura da carta de 30 de abril de 1948, e ampliou sua importância ao se declarar "organismo regional das Nações Unidas" (órgão mundial, criado como tal em 1945) e passar a chamar-se "Organização dos Estados Americanos".

Esse documento, que definiu os objetivos da Organização e estabeleceu suas bases jurídicas, é a Carta da Organização dos Estados Americanos. Ela que, confirmando estar sua origem no desejo de oferecer ao homem uma terra de liberdade; no desejo de conviver em paz e de promover, através da mútua compreensão e respeito à soberania de cada povo, visando ao melhoramento de todos na INDEPENDÊNCIA, na IGUALDADE e no DIREITO; no desejo de consolidar, para todos os Estados Americanos, o regime de liberdade individual e justiça social, fundados no respeito aos direitos do homem e alicerçados nas instituições democráticas; no desejo de alcançar a segurança e a paz, baseadas na ordem moral e na justiça; e que, através de seus dezoito capítulos define sua natureza,

seus princípios, seus direitos e deveres, sua forma de atuar, suas normas culturais, sociais e econômicas, seus órgãos, seus componentes e o tempo de sua vigência — é a união que o homem americano queria.

canos e fixa a cota de contribuição de cada Governo, para a manutenção da União Pan-Americana. Esses encargos de sua alcada são maiores, possui três órgãos auxiliares que mesmo subordinados, tem autonomia técnica. São eles:

— O Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES), cuja finalidade é a de promover o bem-estar econômico e social dos países americanos. É composto por delegados técnicos de cada Estado. Funciona permanentemente em Washington, mas possui autonomia para, havendo interesse majoritário, reunir-se fora da sede do Conselho.

— O Conselho Interamericano de Jurisconsulto (CIJ) que tem o objetivo de servir de corpo consultivo em assuntos jurídicos, estudando toda a matéria referente ao Direito Internacional Público e Privado. Possui um órgão permanente, que lhe é subordinado, que é a Comissão Jurídica Interamericana do Rio de Janeiro. Esta Comissão, formada por juristas de nove países selecionados pela Conferência Interamericana, destina-se a realizar os estudos e trabalhos preparatórios encomendados pelo Conselho Interamericano de Juriconsultos, pela Conferência Interamericana, pela Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores e pelo Conselho da Organização.

ORGÃOS DEFINIDOS PELA CARTA

A Organização realiza seus fins através de seis órgãos, que tem autonomia e são específicos.

1. A **Conferência Interamericana**, órgão supremo, que tem competência para considerar qualquer assunto relacionado à coexistência dos Estados, decidir a ação e a orientação geral da Organização, determinar a estrutura e funções de seus órgãos. Reúne-se de 5 em 5 anos em um dos países componentes do Órgão, tendo, cada um desses países, o direito de se fazer representar e, nele, votar.

2. A **Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores**, órgão que considera os problemas de natureza urgente de interesse comum para os Estados Americanos, servindo também como Órgão de Consulta. Cada país indica um Ministro das Relações Exteriores e, através dele, vota.

3. O **Conselho**, que funciona junto à União Pan-Americana, é composto por Embaixadores, de cada um dos Estados, acreditados juntamente ao Governo dos Estados Unidos, uma vez que é lá sua sede. É um órgão de orientação permanente, pois tem conhecimento de qualquer assunto a ele encaminhado pela Conferência Interamericana ou pela Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, formula recomendações aos Governos, celebra acordos com os organismos ameri-

canos e fixa a cota de contribuição de cada Governo, para a manutenção da União Pan-Americana. Esses encargos de sua alcada são maiores, possui três órgãos auxiliares que mesmo subordinados, tem autonomia técnica. São eles:

— O Conselho Interamericano Econômico e Social (CIES), cuja finalidade é a de promover o bem-estar econômico e social dos países americanos. É composto por delegados técnicos de cada Estado. Funciona permanentemente em Washington, mas possui autonomia para, havendo interesse majoritário, reunir-se fora da sede do Conselho.

— O Conselho Interamericano de Jurisconsulto (CIJ) que tem o objetivo de servir de corpo consultivo em assuntos jurídicos, estudando toda a matéria referente ao Direito Internacional Público e Privado. Possui um órgão permanente, que lhe é subordinado, que é a Comissão Jurídica Interamericana do Rio de Janeiro. Esta Comissão, formada por juristas de nove países selecionados pela Conferência Interamericana, destina-se a realizar os estudos e trabalhos preparatórios encomendados pelo Conselho Interamericano de Juriconsultos, pela Conferência Interamericana, pela Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores e pelo Conselho da Organização.

— O Conselho Cultural Interamericano (CCI), que se destina a promover as relações de amizade e de mútuo entendimento entre os povos americanos, através do desenvolvimento do intercâmbio educativo, científico e cultural. Reúne-se periodicamente, uma vez em cada país, mas tem um órgão permanente, que é a Comissão de Ação Cultural, instalada na cidade do México. É integrada por membros de cinco Estados.

ocupar, dando um caráter de normatividade à sua menorvalia.

É claro que, se o processo de socialização ocorre por meio de inter-relações pessoais, é indispensável um preparo cuidadoso do excepcional para que ele possa enfrentar o meio bem treinado e com boa capacidade de ação. Neste programa de preparo é fundamental que lhe seja dada a vivência dos processos sociais de acomodação e competição a fim de que adquira os mecanismos que lhe vão propiciar a verdadeira integração, porque não há quantidade de treinamento que o possa capacitar, sem a vivência direta dessas experiências. E então sim, o deficiente terá condições de enfrentar o meio sem risco de ser destroçado.

Esta tarefa depende do esforço conjunto de vários elementos, especialistas devidamente credenciados que, num processo longo e contínuo de terapêutica antecipada, agem em convergência, objetivando a recuperação social do deficiente.

Perante estes seres de exceção desejase-se poder exortar os médicos, psicólogos, sociólogos, educadores e pais que sintam a sua responsabilidade e estejam à altura de sua vocação. A ambição terapêutica de cada um deve ser servida pela Fé. Queremos dizer que, cada um terá que crer na grandeza espiritual do deficiente, não obstante as aparências oferecidas pela doença.

Nosso horizonte não poderá ser limitado à execução de nossas próprias tarefas. Aos nossos olhos não deverá bastar a solução do momento, enquanto o deficiente está sob a nossa guarda como cliente. De nada servirá todo o esforço se ele continuar alijado, desacreditado na sociedade.

Para que nossos êxitos não se transformem em degenerescências eufóricas, é preciso sair para além de nossos próprios limites de ação terapêutica e lançarmo-nos na conquista de campos, para que se abra, definitivamente, o Mundo para o deficiente mental.

Todos nós somos responsáveis

O presente trabalho foi apresentado no V CONGRESSO NACIONAL DAS APAES, abordando ao TEMA: Distúrbios de comportamento do deficiente mental — pela Psicóloga NILZA ALHEIRA TARTUCE — Diretora do Instituto de Educação do Excepcional GB.

4. A União Pan-Americana, órgão central ou Secretaria-Geral da Organização, com sede permanente em Washington. Tem caráter de representação, toma conhecimento das atividades de cada um dos órgãos da Entidade; coordena as tarefas e agindo por intermédio de suas reuniões técnicas e de informação, promove as relações econômicas, sociais, jurídicas e culturais entre todos os Estados Membros da Organização. Anualmente apresenta relatório das atividades da organização, ao Conselho.

É dirigida e representada por um Secretário-Geral, eleito pelo Conselho por um período de 10 anos. Sua função é estabelecer, auxiliado pelo órgão competente, a realização das finalidades da União Pan-Americana e determinar os departamentos e os funcionários, bem como suas atribuições e salários.

O Secretário-Geral tem direito à palavra em qualquer um dos órgãos, mas não pode votar. Possui privilégios e imunidades em todos os países que firmarem a Carta da Organização dos Estados Americanos.

5. As Conferências Especializadas, que se reúnem esporadicamente e quase sempre por iniciativa da Conferência Interamericana, para tratar de assuntos técnicos especiais.

6. Os Organismos especializados, que visam estabelecer relações de cooperação em determinadas funções técnicas de interesse comum dos Estados Americanos. São órgãos com sede em diversos países da OEA e têm caráter permanente. São eles: a Junta Interamericana de Defesa (Washington), o Instituto Pan-Americano de Geografia e História (cidade do México), a Repartição Sanitária Pan-Americana (Washington), o Instituto Internacional Americano de Proteção à Infância (Montevideu), o Instituto Interamericano de Ciênc-

cias Agrícolas (Turrialba, Costa Rica), o Instituto Interamericano de Indianistas (cidade do México).

A correspondência da Organização dos Estados Americanos é marcada com seu selo (circulando com isenção de porte pelos Correios dos Estados-Membros) e pode ser escrita em espanhol, português, francês e inglês (línguas oficiais), representantes das línguas dos povos americanos.

A Organização pode ser identificada pela sigla OEA (mais comum por ser a sigla em três dos idiomas oficiais) ou OAS (sigla no quarto idioma).

Foi escolhido o dia 14 de abril para, assinalando a integração dos povos americanos, ser o "Dia Pan-Americano".

A Carta da OEA é o resultado palpável do desejo da união dos povos americanos, porque afirmando a soberania de cada Estado-Membro, visando ao desenvolvimento integral de todos os Estados Americanos, propõem-se a garantir a paz e a segurança continentais. Isto porque, conforme reza o artigo 6, "todos os Estados são juridicamente iguais, gozam de iguais direitos e de igual capacidade para exercê-los, e tem deveres iguais".

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACCIOLY, Hildebrando — "A organização dos Estados Americanos". In: — Manual de direito internacional público. São Paulo, Saraiva, 1966, cap. 4, p.198-204.
2. CARTA DA ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS ■

A INDEPENDÊNCIA

(UM ATO — DUAS CENAS)

PEDRO MACHADO

CENÁRIO — 1^a Cena — Sala do Conselho. Uma mesa e algumas cadeiras.

2^a Cena — Margem do riacho Pedaços, árvores, troncos etc.

ELENCO — História

Menino (estudante)

Dona Leopoldina, princesa, esposa de Dom Pedro

José Bonifácio, ministro do reino

Conselheiros (3 no mínimo)

Arautos (2 no mínimo)

Aias da Princesa

Secretário do Conselho

Paulo Emílio Bregaro, correio da Princesa

Dom Pedro, Príncipe Regente

Secretário de Dom Pedro

Criado de Dom Pedro

Guardas de Dom Pedro

Mulher com lenço verde

Mulher com lenço amarelo

Camponeses com instrumentos

Menino — (Entra monologando) Puxa! que situação! Como é que eu vou sair desta! (Senta) Como é que vou escrever sobre a Independência, se eu nada sei?!

História — (Entrando, Estala os lábios com desaprovação) Que mau brasileiro! não conhecer o Brasil!

Menino — (Assusta-se, mas recompõe-se) Bom! eu não sou culpado, né! Se não me ensinam, como é que vou saber?

História — Está bem! o que queres saber?

Menino — Em primeiro lugar, quem é a senhora?

História — Sou a História do Brasil.

Menino — Oba! Então a senhora pode ensinar mesmo!

História — Ensinar o quê?

Menino — Esse negócio de "Independência"!

História — Negócio, não, menino! Tenha mais respeito pela Independência de seu País.

Menino — Mas, done História, como é que vou respeitar uma coisa que não comprehendo direito?

História — Ora, menino! nunca ouviste falar no dia 7 de Setembro?

Menino — Falar eu ouvi. Assisti a festas, desfiles, mas isso não adiantou muito. Eu quero é saber o que é a Independência.

História — Bem! o período da Independência começa no momento em que Dom João VI voltou para Portugal e deixou o filho governando o Brasil...

(Menino levanta o dedo)

História — Sim?

Menino — O filho chamava-se Dom Pedro?

História — Isto! Voltando para Lisboa, as Cortes Portuguesas queriam inferiorizar o Brasil, rebaixá-lo à condição de colônia e limitar a autoridade do Príncipe Dom Pedro. Fecharam os Tribunais de Justiça e outras repartições importantes e terminaram por mandar Dom Pedro voltar para casa, lá em Portugal. Então, os brasileiros fizeram uma lista pedindo para ele ficar. No dia 9 de janeiro de 1822 o seu José entregou a lista para ele...

(Menino levanta o dedo)

História — Sim?

Menino — Esse José ou... também Era José Bonifácio Andrada e Silva.

História — Erraste! Era José Bonifácio Pereira. José Bonifácio foi o Patriarca da Independência e nós vamos conhecê-la qui a pouco Bem, pois o Príncipe leu a lista entregue por Dom José, pensou um pouco e respondeu: (Solene) "Certo para o bem de todos e felicidade geral da nação estou pronta! Diga ao povo que fico!"

Menino — E ficou?

História — Ficou!

Menino — Ai cresceu a barba portuguesa e eles não mandaram mais ordens.

História — Mandaram, sim! Mandaram ordens em forma de leis. Mas ai Dom Pedro engasgou e baixou um decreto dizendo que as leis portuguesas só podiam ser executadas no Brasil com a ordem do Príncipe.

Menino — Pôôô legal, hein! Agora ficamos independentes!

História — Não! deixei eu continua. Aqueles sisudos portugueses e Portugal torciam os bigodes e sugeriam: (Imita) "É preciso dar umas palmadas nesse menino". Os portugueses aqui do Brasil chegavam junto ao Príncipe e advertiam: "Pára, Pedro!" Ele firme!

Menino — Coroa legal, hein!

História — Coroa?... que é coroa?

Menino — Coroa é uma pessoa linda e simpática.

História — Bem! Dom Pedro era bastante simpático, mas não era... coroa. Ele tinha apenas 24 anos.

Menino — 24 anos? só?

(História faz sinal afirmativo)

Menino — (Sentencioso) E já é

príncipe, hein!

História — Idade não queria dizer nobreza. Dom Pedro era perfeita por ser filho de um rei. O admirável foi ele ter sido tão grande imperador. Bom, não vamos continuar a Independência. Sabe o que fizeram deles? Pois os portugueses de lá?

Menino — Declararam guerra ao Brasil.

História — Não! mandaram uma quadra buscar Dom Pedro.

Menino — O quê?... levaram ele a força?

História — Levaram nada! Dom Pedro mandou a esquadra todinha de volta para Portugal. Bem! Portugal se incomodou mesmo e passou a usar de todas as medidas a seu alcance para recolonizar o Brasil.

Menino — Dona História!

História — Sim!

Menino — A Senhora disse **recolonizar**? o que é que o Brasil era, então? ele não era colônia?

História — Não era, não. Em 1815 o Brasil foi declarado Reino Unido ao de Portugal.

Menino — Ah! agora comprehendi. Enquanto o Brasil fosse reino, ele tinha a mesma força de Portugal, que também era reino.

História — Exatamente. E as Cortes queriam fazê-lo voltar à situação de colônia para poderem dominá-lo totalmente.

Menino — Complicado esse negócio.

História — Dom João estava adivinhando que o Brasil ia ser independente. Por isso, ao voltar para Portugal, chamou o filho e disse:

"Pedro, se o Brasil se separar de Portugal, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para algum desses aventureiros".

Menino — Ai! ai! espera aí que eu me perdi na poeira! Portugal queria a independência do Brasil?

História — Não.

Menino — Dom Pedro queria a independência do Brasil?

História — Queria, mais ou menos.

Menino — Dom João queria a independência do Brasil?

História — Bem, querer ele não queria. Mas...

Menino — Mas então quem queria de verdade a independência?

História — Os brasileiros, naturalmente.

Menino — E por que Dom João não declarava a independência e deixava Dom Pedro de rei?

História — (Começa a arranjar o cenário para a primeira cena) Dom João talvez desejasse isso, mas Portugal não era governado apenas pelo rei. As Cortes também ajudavam a dirigir e elas é que pressionavam o velho monarca. Foram elas que determinaram medidas mais violentas contra o Brasil. Chegaram até a (Nesse momento entram os conselheiros e ficam conversando) intimar Dom Pedro a voltar para Portugal. Isso foi em princípio de setembro. O Príncipe Regente estava em São Paulo e, no Rio de Janeiro, Dona Leopoldina dirigia o Conselho.

(História e Menino tomam posição ao lado do palco. Entra dupla de arautos; um deles bate três vezes com a bengala e os dois anunciam em uníssono):

Arautos: — Dona Carolina Josefa Leopoldina.

(Dona Leopoldina entra seguida pelas aias. Os Conselheiros levantam-se, ela senta e os Conselheiros sentam)

Leopoldina — Meus amigos, o Brasil está atravessando um momento difícil. Meu marido é Senhor, Dom Pedro, está em São Paulo tentando serenar os ânimos daqueles que, como nós, desejam a independência desta terra abençoada. Enquanto Sua Majestade está viajando, cabe a nós tomarmos as rédeas do Poder. Estamos... (E interrompida pelo bater da bengala do arauto)

Arautos — (Anunciam) Dom José Bonifácio de Andrada e Silva

(José vai entrando) Ministro do reino (Curva-se e beija a mão da princesa)

Leopoldina — (Com falsa brabeza) Meu ilustre Ministro está atrasado!

Bonifácio — Desculpe, estava recebendo o correio de Vossa Majestade!

(Faz sinal e o secretário traz cartas numa bandeja. Bonifácio entrega-as a Leopoldina que as lê e passa-as aos conselheiros)

Leopoldina — Novas ordens, novas limitações. As Cortes Portuguesas pressionam meu ilustre sogro.

Um Conselheiro — (Após ler uma carta) Querem fazer-nos voltar ao regime colonial!

Outro Conselheiro — Até quando aguentaremos esses atos?

Bonifácio — Quase posso assegurar-lhe que não será por muito tempo

Leopoldina — (Após ler a última carta) Dom José, confio-lhe o encargo de convencer Dom Pedro, meu marido, a permanecer no Brasil.

Bonifácio — Não é outro o meu desejo e creio que da maioria dos brasileiros. Até já tomei a liberdade de escrever algumas linhas que hão de levar meu Príncipe a tal decisão. (Para o secretário, que estava recolhendo as cartas) Rapaz, faça entrar o correio. (Secretário sai e entra correio e curva-se diante de Leopoldina)

Correio — Majestade.

Leopoldina — (Toca-lhe gentilmente com a bengala no ombro e aponta Bonifácio) Vá conversar com ele.

Bonifácio — Paulo Emílio Bregaro, estais incumbido de entregar esta correspondência ao Príncipe Regente onde quer que ele esteja. (Entrega a carta)



TEATRO INFANTIL

Correio — Pois não, Excelência
(Curva a cabeça e sai)

Bonifácio — Ah! mais uma coisa
(Correio interrompe a marcha
e vira-se). Se não rebentares uma
duzia de cavalos, no mínimo,
nunca mais serás correio!
(Correio sai, Pausa. Galope de
cavalo)

Leopoldina — Ficaremos em reunião permanente até que surjam novas notícias. Peço a meus nobres conselheiros que não se afastem dos jardins do palácio. (Leopoldina levanta-se, seguida pelos demais. Sai acompanhada por Bonifácio. Os outros Conselheiros saem em outra direção. Continua a ouvir-se ao longe o tropel de cavalo com música de fundo)

Menino — Sera que o correio rebentou uma dúzia de cavalos?

História — (Enquanto fala vai sendo desfeita a primeira cena e composta a segunda) Que esperança! Matar um cavalo naquela época, além de ser um crime, era a mesma coisa que cortar o fio do telefone, pois o cavalo era o principal e o mais rápido meio de comunicação e corria apenas 15 quilômetros de cada vez. Ao final dessa distância, havia um posto de troca onde o correio substituía seu cavalo por outro descansado. Dom José Bonifácio quis dizer ao correio que o assunto era urgente. Quem cansava mesmo era o correio que viajava centenas de quilômetros no lombo dos cavalos.

(Disposto o cenário, História e Menino tomam posição anterior)

História — Era o começo da tarde do dia 7 de setembro de 1822.
(Ruído de cavalos e vozes fora de cena. Entra Dom Pedro,

criado, secretário e soldado. Dom Pedro senta. Alguns soldados montam guarda, outros descansam)

Dom Pedro — (Examinando o local)
Secretário!

Secretário — Pronto, senhor.

Dom Pedro — Onde estamos?

Secretário — Estamos no limite de Santos (Consulta mapa) à margem direita do riacho Ipiranga.

Dom Pedro — Riacho? Tragam-me água fresca, então.
(Secretário manda criado buscar água. De várias direções começam a chegar pessoas estranhas. Camponeses. Príncipe admira-se)

Dom Pedro — Secretário! (Secretário aproxima-se) Tem certeza de que não estamos perto de alguma cidade?

Secretário — Muito perto não, Majestade.

Povo — (Muito admirado) Majestade! (Vozes isoladas)

Dom Pedro — E essa gente?

Secretário — São camponeses dos arredores.

(Uma camponesa aproxima-se do Príncipe. Secretário ameaça afastá-la, mas Dom Pedro impede-o. Ela aproxima-se e intenta ajoelhar-se, Dom Pedro gentilmente impede-lhe o gesto)

Dom Pedro — (Galanteador) Não, minha Senhora! Mulher bonita só deve ajoelhar-se para Deus e para o marido. (Levanta-se e vai conversar com o povo. Ouve-se crescente tropel de cavalos. Guarda olha para fora de cena e sai)

Guarda — (Fora de cena) Quem vem lá?

Correio — (Mais afastado) Correio da Princesa.

(Guarda entra e fala ao Secretário, este a Dom Pedro)

Secretário — O correio de Vossa Majestade.

Dom Pedro — Mande chegar.
(Secretário faz sinal ao guarda, este sai. Povo afasta-se e Príncipe fica em primeiro plano. Correio entra coberto de poeira, ajoelha-se com um jodha, tira a carta do bolso, entrega-a ao Príncipe. Ele afasta-se lendo e vira-se para o correio que continua ajoelhado com a cabeça levantada)

Dom Pedro — Levanta-te, homem, e vai descansar. (Vira as costas e prossegue a leitura. Príncipe inclina para o lado e os homens do povo levantam com carinho e ele sai caminhante. Príncipe interrompe a leitura) Orgulha-te fiel servir Teu sacrifício não foi em vão. Brasil se lembrará de ti. (Desge-se a duas mulheres que pertam lenço verde e amarelo. Oferecem dar vossos lenços ao Brasil) (As mulheres sorriem e estendem os lenços. Dom Pedro rasga-os em tiras, que vai entregando aos presentes enquanto fala. Querem mesmo escravizar o Brasil. Cumpre, portanto, declarar sua independência. Estão definitivamente separados de Portugal! Usaremos de hoje em diante as cores verde e amarelo que serão as cores do Brasil) (Desembainha a espada e fala em tom firme e decidido) Independência ou Morte! (Pergue suas ferramentas e os gritos de "Independência ou Morte" vai cercando o príncipe que sai de cena. Sobe História da Independência. "História" põe braço sobre ombro do menino e ambos, conversando, saem da cena)

(pano finalizando a peça)



PEDRO MACHADO, exerce suas atividades na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

EM LINHAS GERAIS, O PLANEJAMENTO DAS COMEMORAÇÕES DO

SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

1972 é o ano do Sesquicentenário da Independência, ou seja, o ano em que o Brasil comemora 150 anos de sua **Independência**. Dada a importância histórica-cultural dessa data, o Governo tomou a iniciativa de assinalar o fato através de inúmeras comemorações. O primeiro passo dado foi providenciar junto ao governo português, na transladação dos restos mortais de D. Pedro I, de Portugal para o Brasil. Todas as providências, nesse sentido, foram tomadas, tendo o governo de Portugal acedido prontamente às reivindicações brasileiras. Assim, na histórica data de 22 de abril, chegarão ao Rio de Janeiro, acompanhados do presidente de Portugal, Almirante Américo Tomaz, os restos mortais daquele que proclamou a Independência.

Todas as Unidades da Federação tomarão parte ativa nas comemorações de caráter nacional. Além disso, cada Estado terá sua programação.

Coordenando, há uma **Comissão dos Festejos do Sesquicentenário da Independência**, que tem por presidente executivo o General Antônio Jorge Corrêa, sendo membro da comissão o General Barcelos.

Em contato com o General Barcelos, tomamos conhecimento do planejamento, em linhas gerais, dessas comemorações. Disse-nos ele que dia 16 de abril terá início a Olimpíada Nacional do Exército, que praticamente iniciará as festividades tendo, por isso, uma amplitude bastante maior do que nos anos anteriores. Essa Olimpíada incluirá aspectos históricos, artísticos e culturais.

A seguir, as solenidades serão concentradas em Recife, onde será realizado o Festival de Esportes, com a participação de atletas de todo o País.

Encerrada essa etapa das programações, haverá a Minicopa, da qual participarão inúmeros países, estando entre os prováveis: México, Alemanha, França e Inglaterra. Esse campeonato tem a coordenação da CBD e seu presidente, João Havelange, encontra-se na Europa confirmado a presença das seleções. Os jogos serão disputados nos estádios do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Em julho, as solenidades serão deslocadas para Maceió e logo após para Belém, onde serão realizadas outras atividades esportivas.

Já em setembro, toda atividade ficará concentrada em São Paulo e Rio de Janeiro.

As comemorações do Sesquicentenário da Independência serão encerradas com a colocação dos restos mortais de D. Pedro I na urna do Monumento do Ipiranga, em São Paulo, onde descansarão para sempre as cinzas do 1º Imperador do Brasil.

A PARTICIPAÇÃO DO PROFESSOR NO SESQUICENTENÁRIO

Dadas as implicações que esse fato traz, não poderá o professor deixar uma lacuna, deixar de participar efetivamente dessa comemoração. Sua participação poderá efetuar-se de várias maneiras. Assim, junto

IRIA MULLER POCAS e NILDA CATARINA A. ATHANÁSIO — da equipe da RE

a seus alunos, adequando ao nível e amadurecimento da classe, para desenvolver atividades como:

- contar o fato histórico, para que o aluno, compreendendo seu sentido, entenda o porque de tanta comemoração. O aluno poderá ter conhecimento do fato através de leituras, coleta de dados, palestras, visitas, excursões ou ainda por uma estória ou dramatização, como a que se faz na página 42;
- elaborar painéis elucidativos, que mostrem cronologicamente os fatos que antecederam a Independência, com todas as implicações políticas, econômicas e sociais. O painel que apresentamos à página 61 trata desse assunto e poderá servir de exemplo ao professor;
- trazer para a sala de aula a programação oficial e discutir a possibilidade de comparecimento da classe a uma dessas cerimônias ou, se isso não for possível, procurar assistir pela televisão, em casa, ou na própria escola, a algumas das comemorações programadas. Relatar, em aula, tudo o que foi visto;
- organizar um "jornal-mural", onde apareçam, diariamente, notícias sobre o desenvolvimento desse importante fato histórico. Ao invés de recortar dos jornais os fatos, os alunos poderão ler as notícias e reescrever em seu próprio estilo. Dessa forma, o "jornal-mural" será bastante dinâmico, pois terá, em cada aluno, um pequeno redator;
- aproveitar como tema de uma Unidade de Trabalho o bicentenário da Independência ou então uma de suas comemorações, por exemplo a Minicopa. Nesta segunda opção, o professor poderá desenvolver atividade que, paralelas à Minicopa, sejam específicas e adequadas à sua classe. Assim, quando os jogos estiverem se desenvolvendo no Rio de Janeiro, o aluno estudará fatos relacionados a essa cidade, como:
 - quando e em que circunstância se deu a fundação da cidade;
 - aspecto do Rio de Janeiro quando da chegada da corte (excessos nobres, falta de moradias adequadas, de alimentos, de trabalho, de divertimentos);
 - a cidade do Rio de Janeiro como centro nervoso das decisões do Império.

Esses, são fatos históricos que poderão servir de ponto de partida para o núcleo para a Unidade de Trabalho. Desse ponto de partida se originarão as situações em que o professor englobará todas as demais disciplinas. O aspecto da cidade quando da chegada da corte, por exemplo, trará inúmeras situações problemáticas; poderá, também, ser aproveitado no estudo de Moral e Cívica, com a abordagem do tema família, comunidade, simpatias nacionais etc.; em ciências essa época poderá servir de comparação com a atual em aspectos higiênicos, sanitários e alimentares;

* Lançar um torneio em que haja competições culturais e desportivas. O torneio deverá constar de várias etapas, havendo em cada uma delas disputa nos dois aspectos. A parte cultural ou de conhecimentos poderá envolver perguntas que serão formuladas pelas próprias equipes competidoras sobre área previamente determinada. Assim, sendo a área determinada a Independência do Brasil, todos os fatos a ela relacionados com vultos, datas, fatos antecedentes, fatos determinantes e fatos consequentes poderão ser objeto de perguntas. Estas, sendo elaboradas pelos alunos, farão com que eles estudem a fundo o assunto, pois quanto mais domínio o fato, melhores condições terão para formular perguntas e para responder-las.

Logo após o debate cultural, poderá haver a parte desportiva — apresentada pelos organizadores do torneio — que poderá constar de clipes de uma Gincana ou de jogos de uma Mini-Olimpíada.

LITERATURA INFANTIL

ROSA MARIA DIEDER MATTOS — da
equipe da RF

VOCÊ SABIA:

que o dia 2 de abril é o DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL?

Na Dinamarca, Christian Andersen é considerado o patrono da literatura infantil universal. Por esse motivo, o dia do seu aniversário foi escolhido para ser o Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil.

Andersen nasceu em Odense, na Dinamarca, em 1805. Seu pai era sapateiro, mas apesar da sua pobreza e da sua pouca instrução tinha um grande talento poético. A noite, quando não estava consertando sapatos, cantava para o garoto que adormecia embalado pelas velhas lendas nórdicas cheias de névoas e de sonhos.

Andersen era um menino tímido e modesto, não tinha amigos. Os garotos da vila gostavam de zombar dele, por isso ficava sempre isolado, vivendo com seus livros e seus bonecos.

Sua infância, após a morte do pai, foi ainda mais solitária. Entretanto, amava dançar e de cantar. Era, também, um grande apaixonado pelo teatro, desejando ser ator.

Aos 14 anos partiu para Copenhague, para tentar sua sorte no teatro. Chegando, começaram suas sérias dificuldades, pois foi logo desiludido, por um diretor teatral, nas suas pretensões artísticas.

Sentiu a mais triste miséria. Seu isolamento era total, estava desesperado, sentia-se ninguém e não sabia a quem se dirigir. Era, ainda, quase uma menina. Tinha 15 anos incompletos.

Por esta época, era famoso em Copenhague um professor de música italiano chamado Siboni. Andersen embraveceu-se de recorrer a ele e assim o fez. Foi procurá-lo. Siboni, então diretor do Conservatório, estava acompanhado de alguns amigos, entre eles músicos, poetas e compositores. Andersen, perante esta assistência, pôs-se a declamar e a cantar com tanto entusiasmo que desandou a chorar.

Todos os presentes ficaram encantados com o jovem artista. Siboni prometeu-se a dar-lhe lições de música e os demais presentes ajudaram-no a aliviar a sua miséria.

Aos 16 anos teve a infelicidade de perder a voz, tendo que deixar a música. Empregou-se, então, no teatro.

Por esta época, Guldberg, um velho poeta dinamarquês, resolveu ajudá-lo. Deu-lhe acesso a sua biblioteca, dirigi-lhe as leituras e obrigou-o a estudar para poder escrever.

A instrução primária de Andersen era deficiente, mas, com o auxílio de Guldberg, pôde começar a escrever; já que não podia ser ator, seria escritor de peças teatrais. Seus primeiros trabalhos foram rejeitados. Entretanto, ao apresentar um deles ao diretor de um teatro, este ao examiná-lo, alguns dias depois respondeu que a peça não poderia ser encenada, mas que reveria tantos dotes literários que ele lhe arranjara uma bolsa de estudos.

Começou, então, a estudar, terminando seu curso no Liceu em 1828. Logo após, ingressou na Universidade de Copenhague. Enquanto estudava, publicando suas poesias e fazendo boas amizades que o auxiliavam nas suas atividades.

Finalmente, Andersen atraiu a atenção do rei da Dinamarca, Frederico VI, que admirando o seu valor e o seu gênio literário concedeu-lhe uma bolsa de viagens para completar sua educação.

Nessa ocasião, pela Alemanha, França, Suíça e Itália. Mais tarde, viajou a Inglaterra, Portugal e outros países da Europa.



LITERATURA INFANTIL

Andersen escreveu poesias, peças para teatro, romances e narrativas de viagem. É considerado um dos maiores na literatura dinamarquesa.

Certa vez, enquanto esperava a publicação de um livro seu, para ocupar o tempo escreveu quatro contos infantis. O sucesso obtido junto ao público foi enorme, fazendo com que ele escrevesse outros. Foi neste gênero literário que melhor se desenvolveu o seu talento.

Ele foi muito criticado, por alguns de seus contemporâneos, em seu gênero espontâneo e renovador. Entretanto, aos poucos ele ia se impondo e tornando-se cada vez mais conhecido e admirado até mesmo no estrangeiro, principalmente na Alemanha, onde alguns de seus livros já estavam traduzidos.

Andersen possuía uma grande sensibilidade artística e uma extraordinária delicadeza de sentimentos, por isso ele amou todas as crianças. Em sua obra maravilhosa abriu para elas as portas da fantasia e da imaginação. Ele foi e continuará sendo através dos tempos o poeta das crianças.

Escreveu cento e cinquenta e seis maravilhosos contos infantis, dos quais muitos deles foram baseados em sua infância triste e solitária.

Em a "Fábula de Minha Vida" e o "Patinho Feio" chega a ser autobiográfico. Ele é o Patinho Feio da estória.

Nas suas estórias infantis todos os gêneros literários são encontrados. Há fabulação, folclore, poesia nos contos de Andersen. Seu estilo é maravilhoso, agrada a todas as idades. É um estilo vibrante, pois foi vivido e sofrido por ele que era filho do povo.

Ao escrever as suas estórias, Andersen foi mais psicólogo que outros escritores que não enfrentaram o mesmo problema. Ele sentia e interpretava melhor os fatos do que os registrava. Mostrava mais as reações íntimas do que a beleza exterior dos seus personagens.

A vida deste **contador de estórias** foi um verdadeiro conto de fadas. Segundo suas palavras: "Se, ainda criança, tivesse encontrado uma poderosa fada que me dissesse: Escolhe tua carreira; o que queres ser? Aconselhar-te-ei, a minha sorte não poderia ser mais feliz, nem mais sabiamente ordenada."

A 4 de agosto de 1875, aos 70 anos, morria Andersen, legando à humanidade sua obra imortal.

Em 1953, a União Internacional para Livros da Juventude (IBBY), resolveu instituir o Prêmio **Hans Christian Andersen**.

Ficou decidido que o Prêmio seria uma Medalha concedida de 2 em 2 anos e que se destinaria a distinguir o escritor que se salientasse entre os demais na **Literatura Infantil**.

O Prêmio, embora tenha sido instituído em 1953, só começou a ser outorgado em 1956. A primeira escritora de contos infantis a receber a Medalha de autor foi Eleonor Farjeon, da Inglaterra.

A partir de 1966 começou a ser distribuída também uma Medalha para

o melhor ilustrador de contos infantis.

Podem concorrer ao Prêmio Hans Christian Andersen, escritores e ilustradores do mundo inteiro que se dedicam à **Literatura Infantil**, seja que sejam indicados pelas Seções Nacionais do IBBY, pois não podem se inscrever diretamente.

No Brasil, a Seção Nacional do IBBY é a **FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL**.

Como este Prêmio estipula uma Medalha para Autor e uma para Ilustrador, foi instituída paralelamente a **Lista de Honra do Prêmio Hans Christian Andersen**. Também para figurar nesta Lista é necessário ser indicado pela Seção Nacional do IBBY. Os autores que são indicados nela figurar consideram-se muito honrados, pois a repercussão internacional deste prêmio é tão grande que ele é considerado o "Prêmio Nobel da Literatura Infantil".

Ao finalizar este trabalho quisemos de acrescentar que, sendo dia 2 de abril o DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL e o dia 18 o DIA NACIONAL DO LIVRO INFANTIL, abril é considerado, no Brasil, o mês da Literatura Infantil.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARVALHO, Bárbara Vasconcelos — "A literatura de ficção no século XIX". In: *Curso de literatura infantil*. São Paulo, LEIA, 1961. cap. 10, p. 44.
2. D'AVILA, Antônio — "Três milhares de contos infantis". In: *Literatura infantil-juvenil*. São Paulo, Brasil 1961. cap. 4, p. 45-55.
3. NOTICIARIO internacional. Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Rio de Janeiro, 2(8):18-20, abr. 1972.
4. OLIVEIRA, Antenor Santos de — "Literatura infantil através dos tempos". In: *Curso de literatura infantil*. São Paulo, Ed. Santa Ifigênia Oliveira [s. d.] cap. 1, p. 1-16.
5. OSORIO, Ana de Castro — "A mais linda história do livro". In: T. BERG, Lisa & OSORIO, Ana de Castro, trad. *Alguns contos de Andersen*. Lisboa, Parceria [s. d.] p. 81-90. Maria Pereira [s. d.] p. 81-90.

¹OSORIO, A. de C. "A mais linda história do livro". In: *Alguns contos de Andersen*. [s. d.] p. 89.

AS VERMINOSSES

DR. NEWTON NEVES DA SILVA

As verminoses constituem, sem dúvida, um dos grandes problemas que o homem vem enfrentando através dos tempos, de modo particular em zona tropical ou temperada de países em desenvolvimento, cujo saneamento básico ainda não beneficiou a maioria de sua população.

A quase totalidade dos brasileiros em um período de sua vida é portador de um verme em seu intestino.

A verminose é menos um problema médico do que um problema socioeconômico. Somente com a elevação do padrão de vida das nossas populações se conseguirá reduzir de modo acentuado a incidência das verminoses. No entanto, conhecendo-se um pouco da vida de tais parasitas, como cada um penetra no organismo, se conseguirá, talvez, reduzir sua incidência. E nesse campo a professora primária poderá desempenhar um papel de máxima importância.

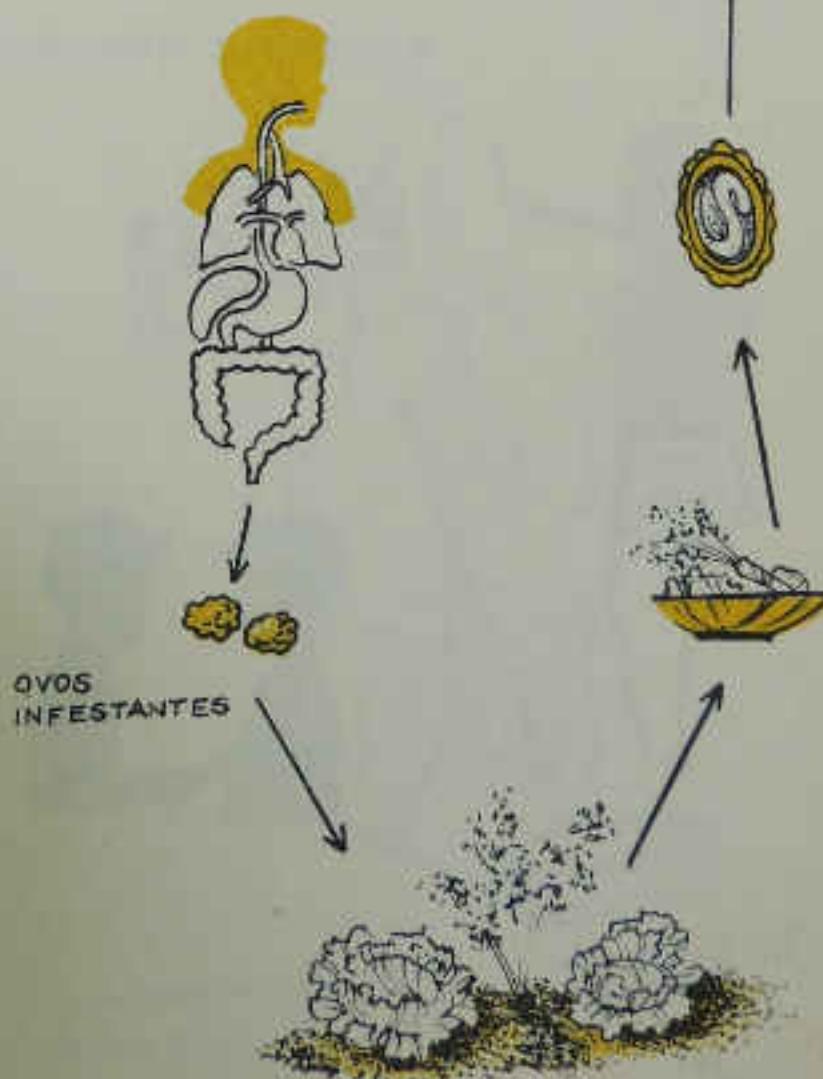
Vamos passar em revisão os mais importantes vermes que infestam o homem.



I - ASCARIS LUMBRICOIDES (LOMBRIGA)

É um dos parasitas mais espalhados do mundo. Sua incidência aumenta à medida que se aproxima do Equador e diminui para os pólos.

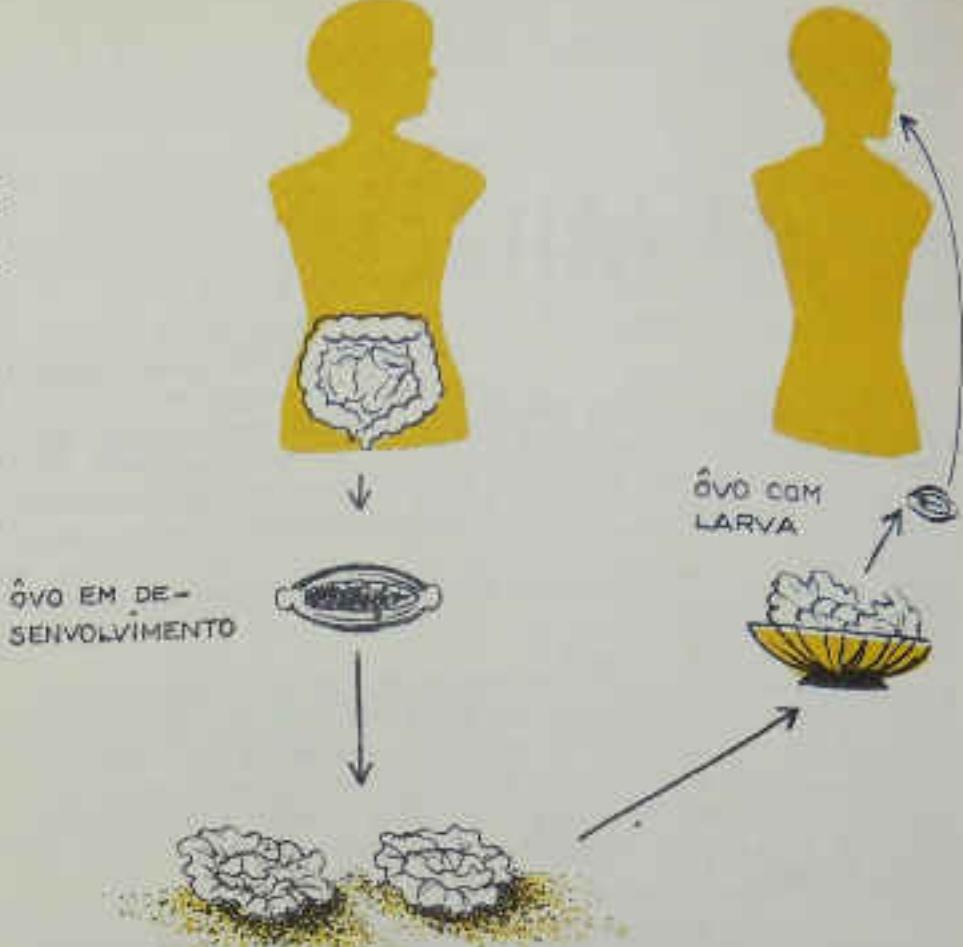
É um verme de cor branco-amarelado de uns 30 cm de comprimento que vive no intestino delgado das pessoas. Cada fêmea elimina com as fezes cerca de 200.000 ovos por dia. Esses ovos são lançados no meio exterior e onde não houver boas condições de higiene eles facilmente contaminarão saladas, frutas e vegetais, os quais ingeridos levam o parásita para dentro do corpo humano. Aí eles sofrem uma migração pelo intestino e pulmões e voltam ao intestino delgado onde recomeçam seu ciclo de vida.



II - TRICHURIS TRICHIURA

Este parásita habita o grosso intestino do homem e é um dos vermes mais benignos, pois raramente produz sintomas graves e isto somente quando o seu número é muito grande.

O verme adulto tem uns 5 cm de comprimento. A transmissão ao homem é idêntica à do Ascaris, isto é, os ovos contendo as larvas são ingeridos com os alimentos. Difere apenas por não sofrer nenhuma migração pelo organismo, se instalando de imediato no intestino grosso.



III - ENTEROBIUS VERMICULARIS (OXYURUS)



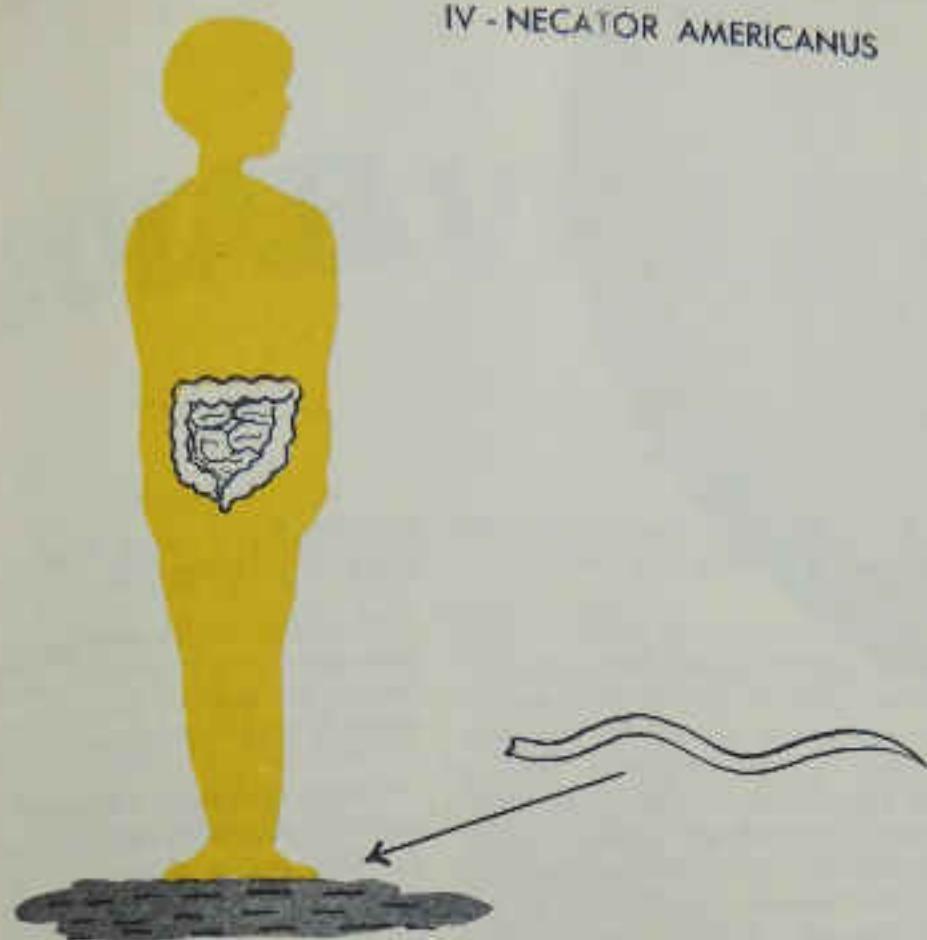
O *Enterobius vermicularis* possui um fio de linha, com pouco mais de 1 cm de comprimento e é conhecido também pelo nome de *Oxyuru*. É muito disseminado no mundo, principalmente em escolares.

O sintoma mais incômodo que os portadores dessa verminose apresentam é um prurido anal muito intenso.

Este parásita tem uma característica biológica muito interessante: ele se localiza na parte superior do grosso intestino. A fêmea para por os ovos desce até o ânus. É nessa ocasião que o verme irrita a mucosa e determina o prurido. Cada fêmea coloca por 5 a 19 mil ovos.

A transmissão desse parásita se dá de diversas maneiras. Ao coçar o ânus, os ovos do parásita ficam nas unhas das crianças e daí passam para a boca durante o sono ou pelo hábito de roer as unhas (é o que se chama de auto-infecção). Há o contagio direto pelo aperto de mãos. Através da inalação do po das casas ou das salas de aula pode haver transmissão dos ovos do *Oxyurus*.

IV - NECATOR AMERICANUS



A opilação ou amarelo constitui uma importante verminose do nosso Estado. As crianças ficam barrigudas e anêmicas e o homem rural amarelo, lesto, sem ânimo para o trabalho.

O Necator Americanus tem uma larga distribuição pelo mundo, onde ocorre desde o paralelo 30, ao sul, até o paralelo 40, ao norte. É um parasita pequeno, de 8 a 10 mm de comprimento.

Os ovos, eliminados com as fezes, ficam no solo e em poucos dias descascam saíndo uma larva. Encontrando pés descalços elas são capazes de penetrar na pele e vão se localizar no intestino delgado.

Um grande sanitário brasileiro costumava dizer que a luta contra o amarelo residia em duas coisas: latrinas e botina. Com efeito um lugar onde as pessoas, especialmente as crianças, andam calcadas e se utilizam de casinhas para suas necessidades, não haverá esta verminose.

V. STRONGYLOIDES STERCORALIS

É um parasita quase microscópico que tem apenas 2 mm de comprimento e se localiza na parte superior do intestino delgado.

A transmissão se dá de uma maneira idêntica à do Necator, isto é, a larva penetra na pele e vai localizar-se no intestino. Com este parasita pode haver uma auto-infestação: O ovº descasca ainda no intestino e a larva penetra na mucosa do próprio paciente recomecendo o ciclo do parásita.

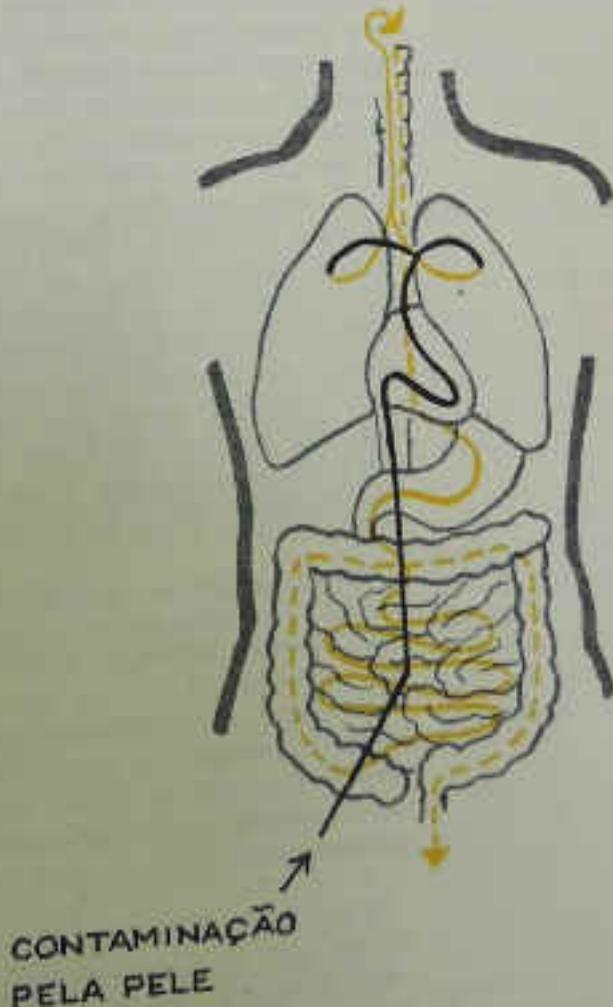
(continua no próximo número)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento Nacional de Endemias Rurais. *Endemias Rurais*. Rio de Janeiro, 1968. 274p.

- PIEKARSKI, G. — *Medical parasitology in plates*, translated from german by Geoffrey Lapage. (Levettown, Farbenfabriken Bayer AG, 1953) 175p.

- NEVES DA SILVA, D. M. e D. M. NEVES DA SILVA é Diretor do Instituto de Pesquisas Biológicas do Estado do Rio Grande do Sul.



RAIOS

A luz apresenta propriedades caloríficas, luminosas e químicas.

No espectro da luz solar, o calor é mais acentuado nas radiações vermelhas, onde as propriedades químicas são quase nulas. O contrário acontece se nos dirigirmos para o lado das radiações violetas que apresentam propriedades químicas mais intensas que as demais radiações e são praticamente desprovidas de calor. Quanto à luminosidade da luz, ela é mais intensa nas radiações amarelas.

Mas a luz não se limita apenas ao que nossos olhos percebem: outras radiações, invisíveis para nós, existem e estão, em linguagem física, igualmente compreendidas nesta variedade de energia que se denomina luz. Uma parte delas, atingindo os aparelhos nervosos contidos em nossa pele, evoca a sensação de calor: são as radiações caloríficas ou Raios Infravermelhos; a outra parte provoca, nos corpos que as absorvem, transformações químicas como, por exemplo, reduções dos sais de prata: são as radiações químicas ou Raios Ultravioletas (além dos raios violetas).

Assim, radiações caloríficas, luz visível e radiações químicas reunidas, constituem a luz total.

Scheele (1771) observou que um cristal de cloreto de prata colocado no espectro da luz solar escurecia mais rapidamente quando nas radiações violetas.

Ritter e Wollaston (1802) descobriram que esse escurecimento era mais acentuado um pouco fora do espectro visível, ao lado das radiações

violetas. Daí o nome de radiação químicas ou ultravioletas.

Berard e Arago (1812) mostraram que essas radiações se refletem, se refratam, interferem e polarizam tanto como as demais radiações luminosas.

Henry Bequerel "fotografou" o espectro ultravioleta, utilizando a propriedade dessas radiações que produzem fluorescência em muitos corpos como, por exemplo, esculina, gênio, salicilatos, sais de urânio, sulfureto de zinco.

UNIDADES DE MEDIDA

As unidades de medida, para definir os comprimentos de onda das radiações, são o Micron (que se designa pela letra grega μ) e que equivale à milésima parte do milímetro; o Milimicron ou micromicron ($\mu\mu$) que se indica com as letras $m\mu$, $m\mu\mu$ ou $m\mu\mu\mu$) que é a milésima parte do micron; e, ainda, uma unidade arbitrária denominada Unidade Angstrom (UA) que é igual a 10 000 microns. Assim, uma radiação cujo comprimento de onda é de dez mil UA equivale a 1μ ou a 1000 $m\mu$; e uma radiação de 3500 UA tem comprimento de onda igual a $0,35\mu$ ou 350 $m\mu$.

DIVISÃO

Conforme seus comprimentos de onda, os raios ultravioletas são divididos em longos, médios e curtos.

ULTRAVIOLETAS

Os raios longos, compreendidos entre 3500 e 3000 UA, tem fraca ação terapêutica e fraco poder bactericida.

Os raios médios, que vão de 3000 a 2000 UA, tem grande ação terapêutica e fraco poder bactericida.

Os raios curtos, de comprimentos entre 2800 a 1800 UA, tem grande ação terapêutica ainda não bem conhecida, mas grande ação bactericida, sendo, portanto, desfavoráveis para as bactérias ou micróbios.

As últimas radiações que dão ao sol a impressão de violeta (da cor da metá) param em 3900 UA (limite inferior). Mas, entre as radiações violeta que param em 3900 UA e as radiações invisíveis, se intercalam radiações ainda percebidas pelo olho que evocam uma sensação de luz muito mal definida. Nessas condições, se damos o nome de ultravioleta (U-V) a todas as radiações a partir do fim do violeta, teremos que fazer começar o espectro do U-V no comprimento de onda de 3900 UA e admitir que se mais longas radiações ultravioletas são radiações visíveis. Mas, se a base de separação for o caráter de visibilidade ou invisibilidade, teremos que situar o limite de violeta entre 3600 a 3300 UA de acordo com variações individuais de sensibilidade visual. Se esse for, nenhuma radiação de comprimento de onda inferior a 3300 UA é percebida pelo olho humano.

DR. CARLOS AUGUSTO MACHADO CARRION

FONTES DE PRODUÇÃO

Fontes naturais

Luz do sol e dos vulcões

Da luz solar chegam até nós somente radiações até 2900 UA, pois radiações menores, portanto os raios curtos, são absorvidas pela atmosfera. Assim, quando necessitamos de raios curtos, teremos que utilizar lâmpadas especiais.

A quantidade de radiações ultravioletas que nos vem com a luz solar sofre modificações que dependem das condições atmosféricas, da região, da altitude, das horas do dia e das estações.

— **Condições atmosféricas** — Não só o vapor d'água da atmosfera absorve as radiações ultravioletas; também os diversos gases consequentes da vida animal e vegetal na superfície da terra; as poeiras atmosféricas; a atividade industrial nas cidades, tudo modifica, em maiores ou menores proporções, a permeabilidade da atmosfera aos raios ultravioletas.

— **Região** — Nas proximidades do mar ou de rios caudalosos, nos lugares muito úmido ou sujeitos a grandes chuvas, é natural que a atmosfera esteja quase sempre carregada de vapor d'água, o que constitui um filtro às radiações ultravioletas.

— **Estações** — Devido à umidade do ar e maior quantidade de nuvens, é natural que no inverno a atmosfera seja menos permeável do que no verão aos raios ultravioletas.

— **Altitude** — Quanto à altitude, a questão não é propriamente de altura; é que nos lugares mais altos geralmente a densidade de população é menor, a atmosfera não é tão poluída, o céu mais diafano, recebendo essas regiões, quase durante todo o ano, uma luz rica em todas as radiações.

— **Horas do dia** — A quantidade de luz ultravioleta varia também nas diferentes horas do dia: é máxima quando o sol está no zênite e mínima quando próximo ao horizonte. Assim aproveita-se mais a radiação ultravioleta, digamos, entre 9 horas da manhã e 3 horas da tarde.

Fontes artificiais

Não existe fonte de energia luminosa — a não ser luz monocromática — que não produza raios ultravioletas e nem existe fonte de luz que produza somente raios ultravioletas.

Todo metal em incandescência, qualquer chama, mesmo de um fósforo ou de uma vela; uma lâmpada elétrica comum, enfim, qualquer fonte de luz com espectro mais ou menos completo, são fontes produtoras de raios ultravioletas.

Deixaremos de descrever as lâmpadas especiais produtoras de raios ultravioletas usadas em hospitais e consultórios médicos para não prolongar estas rápidas considerações, no entanto, para dirimir dúvidas, julgamos necessário explicar o seguinte: uma lâmpada elétrica comum, mesmo

RAIOS ULTRAVIOLETAS...

bastante intensa, emite luz com raios infravermelhos, vermelhos, enfim, todas as radiações do espectro, inclusive violetas e ultravioletas. No entanto, esses raios ultravioletas não são eficientes em terapêutica. São lâmpadas de vidro com fio metálico incandescente e pobres em raios U.V. Por isso recorre-se a lâmpadas especiais, de quartzo em vez de vidro, tendo no interior pequena quantidade de mercúrio que, pela passagem da corrente elétrica, desprende vapores onde fulgura intenso arco-voltáico muito rico em radiações ultravioletas. Essa lâmpada produz uma luz de intensa luminosidade, de espectro completo, e se pudéssemos vê-la por dentro, teríamos uma luz branca. No entanto, a luz que essas lâmpadas emitem é de cor violácea. É que o quartzo absorve todas as radiações claras do espectro, deixando passar principalmente as azuis, violetas e ultravioletas. Conforme acima dissemos, nem mesmo essas lâmpadas emitem exclusivamente raios ultravioletas.

PROPRIEDADES

Absorção

— Os raios ultravioletas são absorvidos por quase todos os corpos, e tanto maior será sua absorção quanto menor seu comprimento de onda. Assim, quanto menor o comprimento de onda menos aptidão tem de atravessar os corpos.

Citemos alguns exemplos de absorção dos raios ultravioletas:

— O vidro comum absorve os raios médios e curtos.

— O quartzo se deixa atravessar por todas as radiações U.V.

— A água, o álcool, a glicerina, a benzina, o óleo de vaselina, as soluções caloidais são bastantes absorventes mesmo em pequenas espessuras.

— O ar retém as radiações de menos de 2000 UA.

— O ozônio retém as de menos de 3000 UA.

Assim, a água, o ar e o ozônio são grandes filtros dos raios ultravioletas da luz solar.

— O soro sanguíneo e o cristalino (que contém 35% de proteínas) são quase totalmente opacos aos raios U.V.

— Os vidros de cor verde e outros de composição especial absorvem quase todas as radiações ultravioletas.

— A pele negra também absorve as referidas radiações.

Ação química

— Muitos exemplos poderíamos citar de reações químicas que os raios ultravioletas, sob a forma de energia, realizam em diferentes corpos. Vejamos alguns:

— Atuando sobre a água (H_2O) a peroxidam transformando-a em água oxigenada (H_2O_2).

— Peroxidam o oxigênio (O_2) do ar formando o ozônio (O_3).

— Transformam a provitamina D coaduna em nossa pele, em vitamina D que é empregada correntemente para prevenir ou curar o raquitismo que afeta as crianças, principalmente entre 4 meses a 2 anos de idade. Ela regula certos processos do metabolismo do fósforo e do cálcio, especialmente a ossificação dos ossos e dentes. A provitamina que se encontra principalmente nos animais superiores e no homem é o 7-dehidrocolesterol.

— Fotossíntese ou função clorofílica é, sem dúvida, a ação química mais importante que os raios ultravioletas realizam, pois constituem na grande fonte de oxigênio para a atmosfera. Atuando sobre a clorofila das plantas verdes combina o gás carbônico que a planta absorve do ar com a água que entra pelas raízes, realizando a síntese da matéria orgânica e liberando oxigênio para o ar.

Ação bactericida

— Os raios ultravioletas, especialmente os curtos, têm forte ação destruidora sobre os microrganismos ou bactérias. Foram utilizados na esterilização das águas potáveis e hoje ainda são, para certas dermatites.

A luz solar, que contém raios longos e poucos raios médios, mesmo assim destrói o bacilo de Koch, o bacilo da febre tifóide, da difteria, o colibacilo e outros, após algumas horas de exposição.

Ação sobre a pele

— Já nos referimos que, atuando sobre nossa pele, os raios ultravioletas transformam a provitamina D em vitamina D (também chamada vitamina anti-raquitica). Para isso basta a luz solar. Mas em casos de raquitismo dá-se preferência às lâmpadas especiais. Já dissemos também que, devido sua ação bactericida os raios ultravioletas são usados em certas doenças infecciosas da pele. Alguns pediatras referem-se a bons resultados obtidos em certas bronquites, principalmente as de fundo alérgico, que afetam as crianças.

Em medicina não se conhece nenhuma outra ação benéfica dos raios ultravioletas.

Mas, ao lado dos benefícios que os raios ultravioletas nos proporcionam, vejamos o reverso da medalha, ou seja, as queimaduras mais ou menos graves que eles podem produzir em nossa pele, seja quando nos submetemos às irradiações pelas lâmpadas, sem os devidos cuidados, ou que é mais comum, nas praias de mar quando inicialmente expomos por tempo demasiado à luz solar as regiões da pele habitualmente protegidas pelas vestimentas.

As queimaduras produzidas pelos raios ultravioletas se classificam em 3 graus. Chama-se queimadura de 1º grau aquela que somente atinge a epiderme e consiste no edema. A pele fica avermelhada e com leve edema. É acompanhada de prurido e grande sensibilidade. Mesmo que o sol não esteja quente e o dia sombrio, em exposição demasiada, a pele pode queimar.

Esta queimadura se manifesta após algumas horas. Ao cabo de poucos dias a epiderme descama e a pele apresenta de tom mais escuro.

Diz-se queimadura de 2º grau quando também atinge a derme e se manifesta pelas flicetas, ou seja, bolhas contendo soro sanguíneo.

Na queimadura de 3º grau a pele é destruída, os tecidos subcutâneos são atingidos e formam-se escaras.

Assim sendo, para evitar-se as desagradáveis queimaduras do sol, principalmente em pessoas com pele muito clara, durante os dois ou três primeiros dias basta alguns minutos de exposição ao sol. Depois a pele vai adquirindo aquele tom mais escuro, aquela pigmentação que constitui nossa defesa às queimaduras. Essas pigmentações são devida à ação dos raios ultravioletas sobre a melanina contida nas células epidérmicas.

As pessoas albinas não se pigmentam, por não possuirem melanina e não devem expor-se por demasiado tempo aos raios ultravioletas.

Não sabemos se há fundamento científico e nem lemos nada a respeito, no entanto, ouvimos de um paciente da Santa Casa a seguinte estória: meses atrás sofrera ele ferimento de bala na face e os amigos o aconselharam banhos de sol. Ele expôs a face durante muitos dias aos raios solares. O ferimento piorou. O resultado do exame feito revelou câncer.

Ação da luz sobre os olhos

O estímulo específico da visão é a luz. A energia química da luz atuando sobre as substâncias fotossensíveis da retina decompõe-as, originando fenômenos de estimulação nervosa, causadora da sensação visual, ao chegar ao cérebro.

A luz é absolutamente necessária à visão, e somente a um determinado grau de claridade o olho pode desenvolver sua capacidade máxima.

Em princípio, não necessitamos proteger nossos olhos contra a luz, embora um pouco forte e incômoda, mas algumas vezes é agradável ou

necessário o uso de óculos protetores.

Vejamos a ação das diferentes radiações luminosas sobre os olhos:

— O calor da luz, como outro calor qualquer, se incidisse diretamente na retina, poderia prejudicá-la ou trazer perturbações visuais, mas a rigidez aquosa dos meios transparentes oculares absorve grande quantidade de calor. Não resta dúvida que em certas profissões como, por exemplo, os sopradores de vidro, é necessário o uso de lentes protetoras. Quanto à córnea, ela encontra sua proteção na lágrima.

— No que se refere à excessiva luminosidade, conhecemos a desagradável sensação do ofuscamento ou deslumbramento produzido pela entrada de demasiada quantidade de luz direta no olho, perturbando a visão por algum tempo. O deslumbramento se acompanha de blefaroespasmio (fechamento das pálpebras) e de alguma dor ocular devido à irritação da iris.

Somente quando a luz é muito intensa, ou quando se olha diretamente para o sol sem a devida proteção, como tem ocorrido por ocasião dos eclipses, e que a retina pode queimar, encontrando-se, pelo exame oftalmoscópico, alguns pontos de queimadura na mácula. São lesões permanentes; a pessoa perde a visão para detalhes e para a leitura. De início pensou-se que essas lesões fossem devidas aos raios térmicos ou aos ultravioletas, mas levando-se em conta que os meios aquosos oculares absorvem, quase totalmente, as referidas radiações, chegou-se à conclusão de que as queimaduras são produzidas pelas radiações da luz visível.

Modernamente usam-se finos feixes de luz muito intensa — os raios Laser — para provocar pequenos pontos de queimadura na retina, formando coroidites adesivas no tratamento do deslocamento da retina.

O deslumbramento é mais incomum nos operados de catarata, pela retirada do cristalino.

— Quanto aos raios ultravioletas, que penetram no olho, são eles absorvidos pelos meios líquidos ocula-

res, principalmente pelo cristalino. Quanto aos que possam atingir a retina, raios curtos produzidos por lampadas especiais, não consta que possam causar danos apreciáveis.

Sobre as partes externas do olho, pele das pálpebras, bordas palpebrais e conjuntiva, a ação das radiações ultravioletas já é diferente. Há muito tempo se conhece o critema produzido pela luz solar, frequente nos que ascendem as altas montanhas nevadas, dando lugar à impropriamente chamada "cegueira da neve", em que o paciente apenas pode abrir os olhos, devido à grande tumefação palpebral. Correntemente, os sintomas ficam limitados a uma leve irritação palpebral e hiperemia da conjuntiva que curam rapidamente. Está admitido que essa irritação ocular não é produzida nem pelos raios térmicos, nem pelas radiações visíveis. Semelhante irritação também pode ocorrer por intenso foco elétrico (trabalhadores em solda autógena, artistas de cinema etc.) e, com menor intensidade, em pessoas que trabalham sob luz elétrica, principalmente fluorescente, apresentando hiperemia da conjuntiva ocular e das bordas palpebrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUILLAUME, A. C. — *Les radiations lumineuses en physiologie et thérapeutique*. Masson et Cie, Editeurs (1927).

HOUSSAY, Bernardo A. et alii — *Fisiología humana*, Buenos Aires, Ed. Guanabara (1956).

CABRAL, Ney — *Física médica*. Porto Alegre, Ed. Guanabara (1952). ■

DR. CARLOS AUGUSTO MACHADO CARRION é professor Livre Docente de Física Biológica da Faculdade de Medicina da UFRGS e Professor de Física do Instituto de Educação, P. Alegre — RS.



Cantinho das Novidades

FLÁVIA MARIA ROSA — da equipe da RF

MAIS SAÚDE PARA NOSSAS CRIANÇAS

Que conhecimentos sobre saúde e hábitos de vida necessitam as crianças adquirir? Que compreensões precisam elas desenvolver para manter uma existência saudável?

Embora constituindo a saúde constante preocupação da escola, até há bem pouco tempo pensava-se unicamente em transmitir à criança (e muitas vezes de forma rotineira e desinteressante) aquelas noções sobre limpeza, higiene pessoal, cuidados com os dentes, sono, descanso, nutrição, visão, audição, fatores prejudiciais... Hoje em dia, porém, além dos conhecimentos que se deseja que a criança desenvolva como resultado desses ensinamentos — que são, por certo, imprescindíveis — existe uma efetiva preocupação em torná-la responsável por seu próprio estado de saúde. E aqui incluimos não apenas saúde física, mas saúde mental e social, permitindo-lhe que cresça e se desenvolva em verdadeira interação com o meio ambiente.

Ocasião propícia para o início de uma campanha intensiva de saúde é de um programa a ser desenvolvido durante todo o ano, será o DIA MUNDIAL DA SAÚDE, comemorado a 7 de abril.

Elabore com a classe o planejamento das atividades e conte com a imaginação, habilidade e boa-vontade dos alunos na elaboração de cartazes e outros materiais para a campanha.

Beba leite!

LEITE AJUDA O CRESCIMENTO

LEITE FACILITA A DIGESTÃO

LEITE PRODUZ ENERGIA

LEITE FAZ DENTES FORTES

Sendo o leite um alimento de tanta importância, principalmente na idade de crescimento, leve as crianças a conhecerem seu valor e a se habituarem a tomá-lo. Para tanto, um atraente cartaz servirá de incentivo. Nele será afixado um bonequinho de carinha saudável e, logo abaixo, um saquinho plástico vazio, desses que são utilizados como embalagem do leite. Um canudinho levará o "leite" da embalagem até a boca do bonequinho. Do estudo feito pelas crianças, relativo à importância do leite e à necessidade de sua presença em nossa alimentação, serão retiradas frases que complementarão o cartaz.



ndo evitar acidentes que prejudicam muitas vezes seriamente nossa é necessário conduzir as crianças à compreensão de que muitas coi- e são de grande utilidade na vida diária, facilitando nosso trabalho endo maior conforto, oferecem perigo de vida se não formos caute- m sua utilização.

ssim, os próprios objetos dispostos em um cartaz, ou figuras que os ntem, servirão de alerta aos alunos, para que os utilizem com mais e lembrem-se de guardá-los, sempre que possível, longe do alcance nños menores.

Hora de descanso é hora de...



Importante para a higiene mental é o bom aproveitamento das horas de lazer. É preciso que as crianças compreendam que os momentos livres de que dispõem não devem ser dedicados à ociosidade, mas utilizados em atividades que oportunizem a extensão de seus interesses, que lhes propiciem bem-estar físico e mental. É isso que será demonstrado através de um cartaz, onde gravuras expressivas ou desenhos selecionados indicarão diferentes atividades para as horas de descanso.

NOTICIANDO

PAULINA VISSOKY — da equipe da RE



REVISTA DO ENSINO — 20 ANOS DIRIGIDOS AO PROFESSOR BRASILEIRO

Numa significativa promoção de Edições Tabajara, no final do ano de 71, foi comemorado o 20º aniversário da Revista do Ensino num jantar que reuniu altas autoridades representativas do Estado do Rio Grande do Sul, como Secretários de Estado e do Município, em especial o Secretário de Educação e Cultura Cel. Mauro da Costa Rodrigues, chefes das Unidades da SEC do R. G. do Sul, escritores, colaboradores, representantes das Artes Gráficas Gomes de Souza S. A., agentes comerciais de vários Estados brasileiros e do interior do Estado, além de grande número de professores e amigos da RE.

Por coincidência, a Revista do Ensino festejou os seus 20 anos, que consideramos a sua maioridade, justamente no ano em que foram implantadas em todo o território brasileiro as diretrizes básicas da Reforma do Ensino.

Desta forma, à semelhança do que vinha fazendo todos esses anos, a RE renova mais uma vez o seu desejo de servir ao professor brasileiro e se propõe a orientá-lo, de maneira objetiva, prática, trazendo o que há de melhor em matéria de educação, dentro das perspectivas atuais.

FUNDADORA PRESTIGIA COM SUA PRESENÇA O 20º ANIVERSÁRIO DA RE

Foi presença importante, principalmente para a equipe da Revista do Ensino, a vinda da Professora Maria de Lourdes Gastal Radanovic, que atualmente reside em São Paulo, para as comemorações do 20º aniversário da RE.

Fundadora e diretora, por 15 anos, da Revista do Ensino, a Professora Maria de Lourdes Gastal Radanovic prestou, como ainda o faz como autora de livros didáticos, uma preciosa colaboração ao magistério brasileiro.

Em trechos que destacamos de seu discurso muito afetivo, por ocasião desse 20º aniversário da RE, a Professora Maria de Lourdes ressalta muito bem o carinho com que sempre distinguu o magistério brasileiro, em especial aos professores primários:

"Já decorreram vinte anos do dia em que lançamos uma circular convocando nossas colegas a colaborarem na realização de uma obra que visaria, principalmente, atender ao magistério das regiões rurais e coloniais do Estado, levando-lhes um pouco dos conhecimentos que nós, na capital,

tinhamos facilidade em receber".

A Revista do Ensino nasceu na conceituada e respeitável Editora Globo e foi depois, digamos assim, perfeita pela Secretaria da Educação, no tempo em que era Secretário o sempre recordado com respeito e carinho, Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, tragicamente roubado ao nosso convívio.

E ela cresceu. Rapidamente foi se expandindo e transpondo os limites do Estado. Chegou ao Rio e a São Paulo, a Minas e a Bahia, a Pernambuco e ao Acre. E uma voz levantou-se em todo país, vinda dos professores primários de todos os Estados: 'Não podemos trabalhar sem a Revista do Ensino, ela é a nossa grande articuladora, é de grande importância para nós'.

E da Guanabara, sede do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, da Fundação Getúlio Vargas e de outros grandes centros de igual importância chegavam-nos as primeiras cartas dos grandes mestres: Anísio Teixeira, Amaral Fontoura, Juracy Salles, Myriam Lopes e tantos outros, que expressavam, em palavras de entusiasmo, a sua fé na missão da Revista do Ensino.

Alentada por essas expressões, a Revista do Ensino transpondeu as fronteiras do País e foi a Argentina, ao Chile, ao Uruguai. E, atravessou o Atlântico chegando à Europa. Chegou

biblioteca pedagógica, hoje uma grande biblioteca, um laboratório de experiências pedagógicas, um "atelier" fotográfico. Foram feitos cursos de especialização para aprimorar os conhecimentos de cada uma... E tudo por amor, para dar amor através de seu trabalho às colegas que, meninas-moças ou senhoras já idosas, estão espalhadas pelos mais distantes, difíceis e incríveis lugares desse nosso imenso Brasil.

Sabemos que nesses últimos cinco anos, sob a direção da Professora Magdalena Lutzenberger, ela tem melhorado em forma e conteúdo. Se até aqui ela foi importante, imaginemos agora, em plena revolução da educação lançada no País pelo grande Ministro Jarbas Passarinho: agora, quando se desenrola a mais grandiosa página da História da Educação no Brasil, desde o seu descobrimento, imaginemos agora o papel importante que esta revista pode, deve e vai desempenhar. Ela desta enorme corrente que se formou para exterminar o analfabetismo no Brasil, a Revista do Ensino pode e deve ser uma força paralela ao Mobral, levando aos professores alfabetizadores a ajuda, em material didático, de que eles possam carecer. E porque a campanha do Mobral não vai terminar na alfabetização, esta revista, inclusive reeditando utilíssimas sugestões, orientações e material didático, poderá auxiliar na preparação dos alfabetizados a enfrentarem a vida com boas condições de trabalho, de vida familiar, de higiene, de economia doméstica, de filosofia de vida, de fé em Deus e nos homens.

Para finalizar, dirigimos o nosso abraço maternal e amigo à direção e a sua equipe, afirmando-lhes a nossa fé no destino grandioso da Revista do Ensino."

Portugal, Espanha, Itália e estrangeiros, dada a diferença de idiomas, da Alemanha nos solicitaram a Revista do Ensino. E de Portugal ela vai para a África.

Sente-se fomos do parecer de que o país como o nosso, com índice tão alto de analfabetos, com dimensões territoriais gigantescas e contando com uma percentagem bastante alta de professores primários sem formação adequada — muitos mesmo sem o curso primário completo — o país como este deveria haver uma revista de educação em cada Estado, atendendo às peculiaridades do ensino de cada um.

A sobrevivência das coisas muito depende do espírito que as cria. Revista do Ensino nasceu de um ideal que se corporificou, foi um sonho que se tornou realidade. Ela foi e é consolida com amor e por amor. Foi com amor que buscamos ainda no Curso de Formação de Professores do Instituto de Educação, meninas-moças (hoje mães de família) plenas de amor, de desejo de trabalhar, de servir ao ensino do nosso Estado. Era esse amor que essas meninas, na idade em que em geral não pensam em coisas muito sérias, entregavam-nos mesmo nas horas que deviam ser de repouso e recreação. E não fessa escolha de trabalho: pesquisar, redigir, auxiliar na composição, quando necessário, revisar, auxiliar na expedição. De fato, todas faziam. Criou-se uma bi-

XVIII FESTIVAL DE DESENHO E PINTURA AO AR LIVRE

Com a afluência de grande número de crianças, acompanhadas de seus respectivos professores, na maioria escolares de colégios da capital gaúcha, foi realizado no decorrer do ano de 71, o XVIII Festival de Desenho e Pintura ao Ar Livre.



NOTICIANDO...

Foi realmente um espetáculo de grande beleza ver reunidas 2.500 crianças, distribuídas em grupos pelo Parque Farroupilha, traduzindo no desenho e na pintura não só a riqueza da paisagem, mas a emoção daquelas momentos.

Coincidindo com o 7º Encontro Estadual de Professores de Educação Artística, o "XVIII Festival de Desenho" constitui-se numa das grandes promoções do DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, que sob a direção da Professora Antonietta Barone, tem dirigido uma atenção toda especial à educação artística dos pequenos escolares.

O XVIII Festival de Desenho e Pintura ao Ar Livre estabeleceu certas diretrizes, uma das quais salientamos como de grande importância — "Não discriminar ou selecionar alunos considerados bem dotados, mas oportunizar, a todos, igualdade de participação". Além do que previu certos objetivos como

— incentivar os alunos de forma positiva, à exteriorização da criatividade potencial, existente em cada ser humano.

— possibilitar aos professores maior campo de observação do comportamento e reações dos alunos, do ponto de vista psicológico, social e pedagógico, em situações naturais que a limitação das escolas geralmente não proporciona.

EXPOSIÇÃO "PORTO ALEGRE VISTA PELA CRIANÇA"

Quase na mesma ocasião em que se ultimavam os preparativos para a realização do XVIII Festival de Desenho e Pintura ao Ar Livre foi inaugurada no hall do Salão de Festas da Reitoria da UFRGS, a exposição "Porto Alegre vista pela criança".

Contando com 302 trabalhos de alunos de 34 escolas da capital do Rio Grande do Sul, a referida exposição foi prestigiada pela presença do Sr. Secretário de Educação e Cultura do Estado e pelo representante do Sr. Secretário de Educação e Cultura do Município.

Os trabalhos expostos foram realizados nas escolas e visaram desenvolver nas crianças a valorização do patrimônio paisagístico histórico de Porto Alegre, através da observação de seus aspectos mais significativos.

OUTRA NOTÍCIA QUE MERCE DESTAQUE — NATAL UNINDO OS POVOS

Numa das mais interessantes promoções do Departamento de Assuntos Culturais da SEC do Rio Grande do Sul realizou-se, nos dias 14 e 15 de dezembro de 71, no Auditório Araújo Viana, um espetáculo de Natal em que se destacaram dramatizações, coreografias, canções natalinas regionais e folclóricas, apresentadas por 8 escolas da capital, 3 de nível primário e 5 de nível médio.

O referido espetáculo, denominado "Natal unindo os povos", esteve sob a direção geral de Deisy Araújo Régo, com a coordenação geral da Professora Adi Borba Cardoso e sob a supervisão da Professora Antonietta Barone.

Foram representados, nas danças, nos trajes típicos e em suas peculiaridades, por ocasião das festas de Natal, vários países do mundo: Suécia, Tchecoslováquia, Polônia, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Brasil, Portugal, França, Espanha e Itália.

DO DESCOBRIIMENTO À INDEPENDÊNCIA

1500
O Descobrimento

↓
o conhecimento da terra
e descoberta das riquezas
a cobiça dos povos
a exploração da terra

geraram o sentimento
de nacionalidade

↓
ocasionou lutas internas
e externas

↓
fortaleceram o nativismo
impulsionaram a autonomia política

1808

A transmigração
da família real

↓ trouxe autonomia política

1822

O FICO

↓ A INDEPENDÊNCIA

1821

D. João VI volta
para Portugal

↓ As Cortes Portuguesas
querem novamente um
Brasil-Colônia



NILDA CATARINA A. ATHANASIO — da equipe da RI

O presente painel nos mostra, esquematicamente, os principais fatos que nos levaram à Independência. E neste ano, em que comemoramos o sesquicentenário desse acontecimento histórico, ele poderá servir como ponto de partida para esse estudo.

Os fatos assinalados e as datas referidas são os marcos principais que preparam a Independência. Assim, o descobrimento trouxe consigo o desejo

dos portugueses de conhecer a terra e nela descobrir fontes de riqueza. Nossas riquezas — no inicio, o pau-brasil — despertaram a cobiça dos povos e muitos iniciaram a exploração de nossa terra. Essas despertaram no homem, que estava se tornando brasileiro, o sentimento de nacionalidade. Esse sentimento foi o responsável por lutas internas (Guerra dos Emboabas, Guerra dos Mascates), externas (Insurreição Pernambucana), que fortaleceram o nativismo e impulsionaram o desejo de autonomia política, como se pode constatar pela Conjuração Mineira e Conjuração Baiana.

Subitamente, e motivada pela ocupação de seu território, aqui chegou a Família Real e com ela a elevação da Colônia à Reino-Únido. Era a aparente autonomia política. O País desenvolvia-se. Portugal, entretanto, superou suas crises políticas e exigiu a volta de seu soberano. D. João VI voltou para Portugal, mas deixou no Brasil seu filho D. Pedro. As Cortes Portuguesas começaram a fazer exigências, no que se referia ao Brasil: queriam retirar as regalias e fazer com que voltássemos à situação de colônia.

Essa atitude das Cortes de Lisboa serviu para inflamar a chama idealista e reavivar o desejo de independência. Os fatos se precipitaram, a causa da independência foi apressada:

1972 — Rajava o ano de 1822. (O anterior se encerrara sob um clima de severos Decretos, que as Cortes nos impunham.) O clima era de expectativa. O país inteiro se agitava. Organizavam-se sociedades, faziam-se reuniões, publicavam-se panfletos, redigiam-se manifestações que solicitavam a permanência do Príncipe Regente. Essa a atmosfera do dia 9 de janeiro de 1822 — Dia do Fico.

Dai em diante tudo foi se encadeando, cada ato foi consequente de outro, cada atitude foi mais positiva que a anterior, porque não mais se poderia voltar atrás.

E o Grito do Ipiranga nada mais foi do que um gesto natural e consequente desses acontecimentos. ■

COMO APROVEITAR O SUPLEMENTO

CONHECENDO NOSSA HISTÓRIA: INDEPENDÊNCIA (1822)

Neste segundo suplemento da série "Conhecendo Nossa História", apresentamos os fatos e os personagens referentes a um dos nossos mais significativos acontecimentos históricos — A Independência Política do Brasil.

Para uma melhor utilização deste suplemento, poderá o professor conduzir os alunos a relacionarem o importante papel que desempenharam D. Leopoldina e José Bonifácio na realização da Independência, bem como os fatos que antecederam à essa medida tomada por D. Pedro, face à pressão exercida pelas Cortes, no sentido de anular o relativo grau de autonomia já alcançado pelo Brasil, desde a vinda da Família Real.

O Dia do Fico, a Aclamação de D. Pedro como Defensor Perpétuo do Brasil serão lembrados na reconstituição dos fatos que antecederam à Independência, avaliando-se também, segundo o nível da classe, as consequências imediatas e mediadas do pronunciamento de D. Pedro às margens do riacho Ipiranga em 7 de setembro de 1822. Constituiu esse pronunciamento o marco de uma nova fase, a do Império, da qual foi D. Pedro o primeiro representante.

Na ocasião em que deixamos de ser Reino-Únido e passamos a Império foi criada por Debret uma bandeira, onde o verde e o amarelo — símbolos nacionais — apareceram pela primeira vez. A Bandeira concebida por Debret apresenta um retângulo verde, tendo ao centro um losango amarelo e, no interior deste, as armas do Império constituídas por um escudo onde se encontra a esfera armilar enfeixando a cruz da Ordem de Cristo (que lembra o descobrimento do Brasil). Em orla azul, circundando a esfera, 19 estrelas representam as 19 províncias brasileiras na época. Uma coroa encimando o escudo e ramos de café e tabaco dispostos de cada lado completam a bandeira que simboliza os 67 anos de Brasil Império.

Este suplemento didático foi elaborado pela seguinte equipe:

Orientação e Lay-out: Magdalena Lutzenberger

Planejamento: Flávia Maria Ross e Valmíria Piccinini

Desenhos: Nilza Haertel

Fotos: Antônio Macedo (quadros pertencentes ao Museu Paulista SP)



JOSÉ DE ALENCAR

O autor de "O Guarani" e de "Iracema" viveu no século XIX. Época em que o Brasil consolidava a Independência e vivia sob um regime de Império.

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, Ceará, em 1829. Sua infância transcorreu tranquila. Até 9 anos viveu no interior cearense, onde recebeu esmerada educação. Nessa idade foi para o Rio de Janeiro, onde ocupou esmerada cadeira no Senado. A viagem deixou-o perplexo e maravilhado. Pôde realmente conhecer o sertão de sua terra. O sertão que era palco das fantásticas "histórias" que tantas vezes ouvira dos vaqueiros. No Rio continuou a ter a mesma vida de antes. Rodeado pela família, par-

NILDA CATARINA A. ATHANASIO
— da equipe da RE

ticipando dos sertões, lendo romances para sua mãe e suas amigas. Sua casa, sempre cheia de políticos, era palco de inúmeras decisões importantes; ele, entretanto, era pequeno demais para delas participar.

Aos 13 anos foi para São Paulo, onde concluiu o secundário e ingressou na Faculdade de Direito. Já nessa época tinha fragmentos de romances apenas esboçados. De uns tinha o inicio, de outros, apenas o capítulo final.

Aí, na faculdade, fundou com outros colegas uma revista semanal — "ensaios literários" — onde criticava estilos e autores.

Aos 18 anos escrevia seu primeiro romance — Os Contrabandistas. Esse romance nunca chegou a ser publicado porque, anos mais tarde, quando Alencar trabalhava como advogado na casa do Dr. Caetano Alberto, um de seus hóspedes — impensadamente — utilizou folha por folha do manuscrito, como mecha para acender seu cachimbo.

Nessa época iniciou-se no jornalismo, comentando livros, estréias teatrais, questões políticas da atualidade e acontecimentos sociais. Destacando-se como jornalista, assumiu, em 1855, a função de redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro. Por ocasião das festas de fim de ano surgiu a ideia — conforme narração do próprio autor — de oferecer um "mimo de festa" aos assinantes do Diário. Assim apareceu "Cinco Minutos", que foi publicado em 7 folhetins, distribuídos, gratuitamente, com o jornal. Logo depois publicou "A Viuvinha", também em folhetins.

Em 1857, no mesmo jornal, iniciou a publicação do romance "O Guarani". Este, publicado em 58 folhetins distribuídos de janeiro a abril, obteve enorme sucesso. Em todas as rodas comentava-se a estória de amor de Ceci e Peri. Ceci, a branca donzela, Peri, o índio seu servidor.

Imediatamente o romance foi publicado na forma de livro e consagrou-o como o escritor mais famoso do país. Ele tinha 28 anos apenas.

José de Alencar além de advogado e jornalista foi também político. Entretanto, foi como escritor que se destacou.

Seus romances tiveram sempre uma preocupação: abrasileirar nossa literatura. Seu espírito de crítico, seu talento e seu encanto pelo país, fizeram com que criasse uma literatura nossa. No espírito romântico da época, criou uma literatura autêntica, um romantismo fundado no realismo; firmou e fixou as normas do indianismo, corrente literária lançada por Gonçalves Dias no poema "A Confederação dos Tamoios".

Seus romances, quase sempre baseados em fatos reais, tem como palco os verdadeiros lugares de nossa terra.

O Guarani desenrola-se no interior, na Serra dos Órgãos, e fixa a vida de um honrado português que vive na selva brasileira. Conta a estória de

Peri, chefe indígena da grande nação Goitacás, que salva a linda Ceci, filha do português, e nela pensa ver a mesma Virgem Maria que via, em imagem, na missão dos jesuítas. É uma estória que exalta as qualidades do índio, como pessoa honesta, de palavra, enfim, de superior força física e moral.

Os personagens têm vida própria, a narração é movimentada e a estruturação é bem feita. Tudo isso empolga o leitor e prende sua atenção.

O Guarani ditou as normas do indianismo porque apresentou a realidade da época: o português honrado, o ganancioso e o índio. Este, na sua pureza total, no seu anseio de servir, na sua vida livre e bela.

Em Iracema, José de Alencar nos conta a Lenda do Ceará. Esta é uma estória em que um português muito honrado se apaixona por Iracema, a mais bela índia da nação Tabajara. É um romance que peca por excesso de imagens, mas essas imagens são tão belas, tão próprias e de tal forma adequadas à paisagem luxuriante do litoral brasileiro, que nos encantam, que nos fazem ler, em prosa, um belíssimo poema.

Além destes, Alencar escreveu romances, entre eles estão: no romance urbano: Luciola, Diva, A Pata da Gazela; no romance histórico: As Minas de Prata, A Guerra dos Macacos; no romance regionalista: O Gaúcho, O Tronco do Ipê.

Aos 50 anos, no Rio de Janeiro, morreu José de Alencar. Era o dia 12 de dezembro de 1877.

NOTA DA REDAÇÃO:

Solicitando excusas a nossos leitores, transcrevemos, abaixo, dois parágrafos do artigo "Alfabetização de Adultos", publicado na RE nº 136, onde houve omissão de texto:

A presença de grande contingente de analfabetos em um país é incompatível com o conceito atual de desenvolvimento, uma vez que apresenta forte repercussão de caráter econômico, particularmente em dois campos específicos: o da produtividade e o da industrialização. Na área política, o fato assume a maior

importância, uma vez que inexiste democracia onde não se estabelece integralmente a dignidade da pessoa humana, independentemente de seu "status" social. (página 26)

A leitura adquire um valor especial para satisfazer as necessidades práticas da vida diária, para melhorar o nível de vida e as condições sanitárias, para despertar o sentimento cívico e a vontade de trabalho pelo bem comum, para ampliar o conhecimento do mundo, para enriquecer a bagagem cultural. Entretanto, a fim de que a leitura e a escrita permitam alcançar tão ambiciosos objetivos, é evidente que não bastam os níveis mínimos de alfabetização, mas é necessário continuar o ensino até atingir a alfabetização funcional. (página 27)

Na página 28, linha 25, onde se lê "... pessoa qualificada como cultura...", leia-se: "... pessoa qualificada como culta..."

A NOVA PEDAGOGIA

exige livros especiais
PARA OS CURSOS
PRIMÁRIO E NORMAL



autores consagrados no ensino brasileiro elaboraram:

COLEÇÕES

Sonia Sant'Anna Bopp e Eddy Fláres Cabral - LINGUAGEM E ESTUDOS SOCIAIS - 1º ao 5º livro, com respectivos MANUAIS DO PROFESSOR. Edições especiais do 3º livro para os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Margarida S. Sirangelo, Noely Sagebini e Florisbelo M. B. Faro - MATEMÁTICA - 1º ao 3º livro, com o MANUAL DO PROFESSOR em único volume. (4º livro em preparação)

Ruth Ivoty Torres da Silva - CIÊNCIAS NATURAIS - 1º ao 4º livro e respectivos MANUAIS DO PROFESSOR em 2 volumes

Lida Ribeiro Pereira - GRAMÁTICA FUNCIONAL - 1º ao 4º livro

Rosa M. Ruschel e Flávia E. Braun - GURI - 1º ao 4º livro, com Edições Especiais para os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Isabel F. Cappelletti, Marieta M. Nicolsu e Inah V. L. Pires - ESTUDOS SOCIAIS E LINGUAGEM - 1º e 2º livro, com respectivos MANUAIS DO PROFESSOR. (3º, 4º e 5º livros em preparação)

Idalina C. B. Schebel e Ieda Goulart Beltrão VAMOS APRENDER Cartilha (Com Manual e Material Visual)

Lori Teles Peter Silva e Gislaine Margarida Nerva LER ESTUDAR PROGREDIR - Cartilha (Com Manual e Cadernos de Exercícios) Flávia E. Braun e Rosa M. Ruschel CEU AZUL - Cartilha (Com Manual)

COLEÇÃO NORMALISTA

Suelly Giron Casarin - MANUAL DO ALFABETIZADOR - Vol. I. Laura Maria Niccolitti - ENSINANDO MATEMÁTICA REFORÇADA NO JARDIM DE INFÂNCIA - 1º ANO Vol. II.

Virgílio Cordova do Espírito Santo - MATEMÁTICA PARA ESTUDANTE DE ESCOLA NORMAL: Vol. III

Moema Toscane - SOCIOLOGIA PARA ESTUDANTE DE ESCOLA NORMAL - Vol. IV

Arnaldo Niskier - ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR - Vol. V - EDUCAÇÃO COMPARADA - Vol. VI

Leonor Levan - QUE É ALFABETIZAR - Vol. VII - COMO "DAR" AULAS - Vol. VIII

ADMISSÃO AO GINÁSIO

Cecília T. Corrêa — LUZ DO SABER

Dalva R. Dupuy - CURSO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Virgílio Cordova do Espírito Santo - MATEMÁTICA DE HOJE

MATEMÁTICA

Anita Francal — Antonieta Moreira Leite
A REDESCOBERTA DA MATEMÁTICA - (3º Grau Primário)
Ester Pilar Grossi - NOVA INICIAÇÃO À GEOMETRIA

COLEÇÕES

LINGUAGEM:

Maria Zélia Galvão de Almeida
CURUMIM NA 3ª SÉRIE - Alagoas
CURUMIM NA 3ª SÉRIE - Nordeste
CURUMIM NA 4ª SÉRIE - Brasil
MANUAL DO PROFESSOR
EM PREPARO:
CURUMIM NA 1ª E 2ª SÉRIES



EDIÇÕES TABAJARA

SAO PAULO
Rua Santa Ifigênia, 72
Fones: 33-1249 - 34-0396

PÓRTO ALEGRE
Rue das Andorinhas, 1764
Fones: 24-1073 - 24-1728

REVISTA DO ENSINO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

PUBLICAÇÃO DE

antologia

Barbara Vasconcellos de Carvalho

Leritura destinada aos quatro primeiros anos do ensino de 1º grau.
Obra em 4 volumes, com os respectivos manuais para os professores.
De acordo com a NOVA REFORMA ORTOGRÁFICA e REFORMA do Ensino.

antologia

EDUCAÇÃO INFANTIL



A LEITURA COMEÇA AQUI

Sim. A Leitura de todo e qualquer trabalho escrito começa exata e logicamente na introdução.

E se estamos apresentando um livro infanto-juvenil, começemos por educar os nossos pequenos leitores no campo literário, pelo qual nos empenhamos, preparando-os e iniciando-os na arte da leitura.

A OBRA

Esta obra é a que chamamos de uma Antologia infanto-juvenil. Ela está dividida em quatro livros, para atender a cada classe dos níveis primários. Admitimos que assim facilitariam a sua aquisição, com maior proveito educacional e econômico, uma vez que em cada livro se encontram leituras de todos os gêneros literários, numa completa e selecionada variedade de textos, escolhidos dentro das exigências educacionais e das observações psico-pedagógicas.

Cada livro desta pequena obra compõe-se de quatro partes, isto é, dos quatro gêneros de leituras ou textos necessários ao completo conhecimento e formação literária da criança.

Primeiro — "Os sininhos do tempo", em prosa, representando o volume de contos.

"Os sininhos do tempo", como o próprio nome está indicando, representam o toque que vai despertar as estórias adormecidas através do tempo para a alegria de "contar" e de "ouvir".

"Despertar de Passarinhos" é o volume de poesias. Ele desperta as crianças para cantar a poesia porque poesia é sempre música, harmonia, ritmo; as palavras, os vocábulos, tudo é ritmo e magia. Como os passarinhos que despertam cantando, fel-

zes; assim, queremos despertar todas as crianças, no alçar seus primeiros vôos, na manhã da vida.

Os pássaros são os grandes artistas dos campos, da natureza.

Ordena-se e sai a criançada alegre para a Escola, e assim — também, ao começar um novo dia, para saudar a natureza, disse o velho poeta português, Luís de Camões:

"está o doce passarinho
com o biquinho as penas ordenando;
o verso sem medida, alegre e brando,
expedindo no rústico raminho",
isto é, cantando seus versinhos, sua poesia, sem palavras, sem preocupação de sabedoria, mas com encanto e graça.

O importante é, que as crianças cantem como os passarinhos.

"Magia e Sabedoria": este título é bem o símbolo do que são as Fábulas: magia e sabedoria. Por meio de estórias de bichinhos que falam, de plantas que conversam, de seres e objetos que dialogam, fantasia e de mágicos acontecimentos e fatos, esses seres, em seus encantamentos, vão distribuindo mensagens de sabedoria, e de verdades eternas.

"O canto da Iara": simboliza este título a sedução do Folclore, pois o Folclore nos encanta, como o próprio canto da Iara (Sereia indígena dos rios, das águas doces), segundo a lenda.

O Folclore reflete a alma simples e pura de nossa gente, de nosso povo, de nossas tradições, como a fonte cristalina, reflete lá no fundo as fisionomias que nela se debriçam.

E assim, vamos mergulhar lá no fundo da alma de nosso povo.

AGORA UMA PALAVRINHA AOS COLEGAS SOBRE O LIVRO INFANTIL

ANTES DE ABRIR ESTE LIVRO, APENAS ESTA OBSERVAÇÃO:

Ao alcançar a primeira série, é evidente que a criança tenha já ultrapassado as áreas de incentivação da linguagem verbal, adquirindo todos os relacionamentos e associações do Pensamento lógico. O imprescindível curso pré-primário deu-lhes condições, capacitando-as a sentir os pequenos e graciosos textos que lhes oferecemos e permitindo-lhes o proveito que os mesmos proporcionarão.

Há os que condenam os contos fantásticos de Fadas. Fantástico também é que isso aconteça! pois não conseguimos entender como é possível condenar-se beleza, inocência. Os inocentes contos de Fadas. Mesmo com algumas implicações negativas (corrigíveis) só podem encantar ou enriquecer o espírito da criança. E os argumentos apresentados contra os contos de Fadas são tão fracos quanto pobres de sensibilidade. Assim entendemos.



EDIÇÕES TABAJARA

Rua Pelotas, 334 - Tel.: 76-2680
São Paulo

Andrade, 1774 - Tel.: 24-7724
Porto Alegre